

---

This is a reproduction of a library book that was digitized by Google as part of an ongoing effort to preserve the information in books and make it universally accessible.

Google™ books

<https://books.google.com>



7243  
76.7

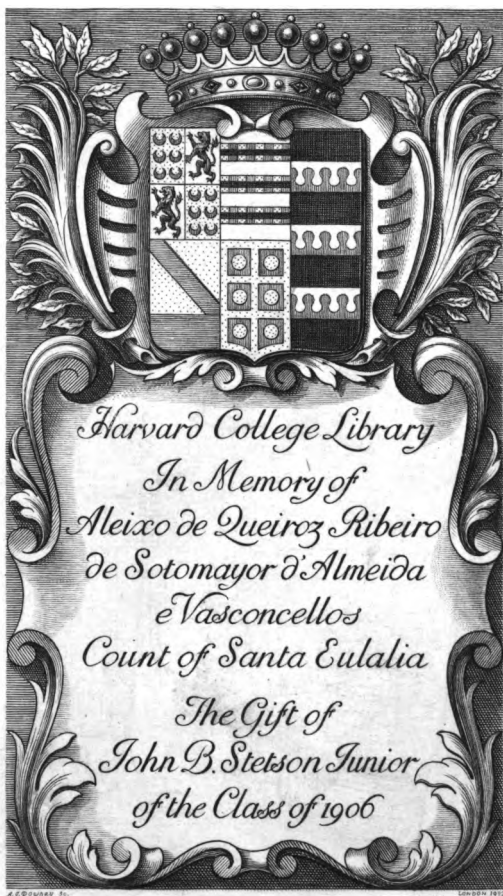
HD WIDENER



HW R&WR E



7243.76.7











CURSO DE LINGUA E LITTERATURA PORTUGUESA

LEITURAS  
PORTUGUESAS

COLLECCIONADAS E ANNOTADAS

POR

F. ADOLPHO COELHO

PRIMEIRA PARTE

Officialmente approvadas para uso da 1.ª classe dos lycens



LISBOA

M. GOMES, EDITOR

LIVREIRO DE SUAS Magestades e Altezas

RUA GARRETT (CHIADO), 70-72

M DCCC XCVI





7243.76.7

*M*





CURSO

DE

LINGUA E LITTERATURA PORTUGUESA

---

**PRIMEIRA PARTE**



# LEITURAS PORTUGUESAS

COLLECCIONADAS E ANNOTADAS

POR

F. ADOLPHO COELHO

**PRIMEIRA PARTE**

Officialmente approvadas para uso da 1.ª classe dos lycæus



LISBOA

M. GOMES, EDITOR

LIVREIRO DE SUAS Magestades e Altezas

RUA GARRETT (CHIADO), 70-72

M DCCC XCVI

7243.76.7

HARVARD COLLEGE LIBRARY  
COUNT OF SANTA EULALIA  
COLLECTION  
GIFT OF  
JOHN B. STETSON, Jr.

JAN 8 19 23

## PREFAÇÃO

Como é bem sabido os melhores escriptores portuguezes não pensaram, por via de regra, em escrever para a infancia e alguns que o tentaram não foram a maior parte das vezes felizes. Resulta dahi ser extremamente difficil reunir uma collecção de trechos que satisfaçam plenamente ás condições exigidas pela didactica, taes como as regista o programma de lingua portuguesa para os tres primeiros annos do curso dos lyceus, segundo a reforma de 1895. Examináramos cerca de trinta livros portuguezes destinados a leitura escolar, publicados nos ultimos cincoenta annos, livros que são uma prova bem clara daquella difficuldade, e, ajudados das reminiscencias da leitura das obras mais ou menos valiosas da nossa litteratura, percorremos um grande numero dessas obras em que suppunhamos encontrar trechos aproveitaveis para os volumes que resolveramos colleccionar a fim de serem lidos no primeiro e no segundo anno daquelle curso.

Não ficámos satisfeitos com tudo o que colhemos, e que em parte já figura nas collecções anteriores; mas estamos convictos de que evitámos um grande numero de inconvenien-



tes que notamos nessas collecções, como a inclusão de trechos de character abstracto, ou oratorio, de pedaços que não formam sentido completo, a que falta principio ou fim.

Os nossos melhores esforços não podiam fazer surgir um ramo de litteratura que não ha entre nós. Era necessario sujeitarmo-nos portanto ás condições existentes, aproveitando-as do melhor modo.

Attendemos muito á ligação dos textos entre si e com as outras materias do programma e a que a tradição e a historia nacional predominassem na escolha.

A commissão encarregada de dar parecer sobre os livros destinados á instrucção secundaria, no ultimo concurso, propôs que varios trechos da nossa collecção, como a apresentámos em manuscripto, fossem eliminados, por diversos motivos. Foi com effeito supprimida a maior parte desses trechos; mas deixámos ficar alguns apontados pela referida commissão, que vão em typo menor, distinguindo-se assim perfeitamente dos restantes, porque não havia tempo para escolher outros, e, ainda quando o houvesse, difficilmente encontraríamos com que substituíssemos aquelles, e porque seria tambem necessario alterar muito profundamente o nosso plano, refundir por completo as notas e vocabulario, organizar quasi de novo os volumes, o que era impossivel fazer com tal rapidez que pudessem imprimir-se até á abertura das aulas.

Os trechos cuja eliminação foi proposta e que vão em typo menor, como dissemos, são os n.<sup>os</sup> 19 a 22, relativos ao cyclo troiano, por parecer á commissão «que só remotamente se puderiam relacionar com origens peninsulares», e os n.<sup>os</sup> 24, 25, 27, 31, 32, 33 e 35, que a mesma commissão julgou não serem «trechos de prosa muito simples e offerecerem pelo contrario uma terminologia e con-

strucção muito superiores á capacidade intellectual dos alumnos».

Para facilitar aos alumnos a comprehensão dos diversos trechos e auxiliar a explicação dos sr.<sup>s</sup> professores, juntamos a este volume diversas notas e um *Vocabulario e onomastico*, a alguns artigos do qual demos um certo desenvolvimento, para em torno da leitura se concentrarem certas noções que são muito necessarias para o progresso no estudo e que dessa maneira mais facilmente chegam a ser adquiridas.

As notas são mais para uso dos sr.<sup>s</sup> professores que dos alumnos; aquelles darão dellas a estes os elementos que julgarem convenientes.

O asterisco (\*) antes do numero dum trecho faz chamada á nota; antes duma palavra ao vocabulário. Apesar de todo o cuidado que tivemos, algumas palavras (muito poucas) ao occorrerem pela primeira vez deixaram de ser marcadas; por isso e porque ellas em geral só são marcadas quando occorrem a primeira vez, o alumno procurará sempre no vocabulário e onomastico o que lhe fôr extranho dos termos geraes da lingua e os nomes de povos, individuos, deuses, etc., comquanto nem todos os nomes proprios figurem na lista por diversas razões.

A ordem dos trechos não carece de ser observada em rigor na primeira leitura. Os sr.<sup>s</sup> professores em primeiro logar alternarão convenientemente a leitura da prosa com a da poesia e em segundo logar poderão deixar para o fim os trechos de prosa mais difficeis, fazendo preceder porém á leitura e a explicação de cada trecho dos elementos necessarios para a sua comprehensão, contidos nos trechos anteriores, não lidos logo.

Convem que se faça no fim do anno uma leitura geral

explicada, rápida para o mais facil, mais demorada para o mais difficil, afim de dar uma impressão do conjuncto.

As classificações dos trechos ou divisões das *Leituras* não têm por fim levar já o alumno ao conhecimento de generos litterarios; servem sobretudo para indicar o plano exterior da obra.

Não póde negar-se, todavia, que, sem que nisso se insista, os alumnos, vão tendo certa ideia das differenças nas fôrmas litterarias, que progressivamente se aprofundará.

O colleccionador estimará muito receber dos sr.<sup>s</sup> professores quaesquer observações que o uso da collecção no ensino lhes suggira e espera dar a lume um estudo sobre a marcha desse ensino em conformidade com os preceitos da moderna methodica.

# LEITURAS PORTUGUESAS

---

## PRIMEIRA PARTE

---

### SECÇÃO PRIMEIRA — PROSA

---

#### CONTOS TRADICIONAES COM FÓRMA POPULAR

## 1

### O depositario infiel

Era de uma vez um pae que tinha um filho, e como fosse muito pobre mandou-o servir, e vae elle foi para uma terra muito longe, onde ganhou muita somma de dinheiro. Logo que pôde trouxe consigo tudo quanto tinha ganhado, e metteu-se a caminho da sua terra para ir lá viver com seu pae. Arreceou-se dos ladrões e perguntou onde haveria um homem capaz para lhe guardar o seu ganho.

Lá lhe indicaram um negociante muito rico e o rapaz procurou-o. Pediu-lhe que lhe guardasse o seu dinheiro e que lh'o fosse mandando em quantias pequenas á medida que lh'o pedisse. O negociante a tudo disse que sim, e lá ficou com o dinheiro.

O rapaz gastou em compras tudo o que fazia tenção de levar desta vez e voltou a casa do tal negociante, e qual não foi o seu espanto e desconsolo quando elle lhe disse que não tinha recebido dinheiro nenhum para guardar!

Foi o rapaz todo triste para a sua terra e contou a sua desgraça ao pae, que já era muito velhinho.

O pae ouviu o filho e disse-lhe:

— Nunca te fies em \*vesgos (o rapaz dissera-lhe que o negociante era assim); mas nunca se viu um vesgo enganar um careca como eu. Anda commigo e verás. Não te faças meu conhecido; faze de conta que nunca me viste nem enxergaste, e o teu dinheiro has de recebê-lo.

Foram ambos, e quando estavam perto da casa do negociante, o filho ficou atrás e o pae foi fallar ao homem, que tinha ficado com o que era do filho.

Logo que lá chegou, viu um vesgo sentado num banco e disse-lhe :

— Senhor, eu trago um dinheirinho que queria levar para a minha terra; mas nos montes andam muitos ladrões e por isso pedia a v. s.<sup>a</sup> se me fazia o favor de m'o guardar e de m'o mandar em quantias pequenas, quando me for preciso.

— Sim, senhor, respondeu o vesgo; e quanto é?

— São dez mil \*cruzados.

O velho então fez signal ao filho, sem o negociante perceber, e vae o rapaz entra na loja do vesgo e disse :

— Eu vinha buscar aquelles cinco mil cruzados que aqui deixei para v. s.<sup>a</sup> me guardar.

O negociante como não quiz perder a outra quantia por ser dobrada, deu logo os cinco mil cruzados ao rapaz, que saiu saltando de contente.

O pae ficou e disse ao vesgo :

— Pois então já que me faz o favor de guardar o dinheiro, eu vou buscá-lo.

E foi encontrar-se com o filho e voltaram para casa com o dinheirinho, ficando o vesgo castigado como merecia.

(Tradicional.)

## 2

### O abbade e o moleiro

Era uma vez lá numa terra um abbade que vivia muito bem com a gente da sua freguezia, onde passava pelo homem mais sabio do mundo. Ora succedeu que o rei da

terra quiz conhecer bem o que ia pelo seu estado, e para isso partiu do palacio com grande cavalgada, e ao outro dia chegou aonde estava o abbade, e logo alli lhe veiu aos ouvidos a fama da sua sabedoria. Ordenou o rei que o bom do padre fosse á sua real presença.

— Então você, lhe disse o rei, é a pessoa mais sabia do mundo?

— Permitta-me Vossa Real Magestade que diga que tal não pretendo; os meus freguezes é que o dizem.

— Seja como for; daqui a quinze dias hei de eu estar de volta á côrte; você apparecerá lá e responder-me-ha ás tres perguntas que lhe vou fazer:

Quanto pesa a lua?

Quantos cestos de terra tem aquelle monte que fica por detrás da sua igreja?

O que estarei a pensar quando você lá fôr?

E se não responder, mandá-lo-hei matar, porque não quero no meu reino gente com fama de grande sabio sem o ser.

Partiu o rei para outra terra, e ficou o abbade todo afflicto sem saber como havia de responder ás perguntas que lhe eram feitas. Andava por lá a scismar pelos montes e valles, calado que parecia outro, até que topou com o moleiro, seu compadre, que lhe disse:

— Ó senhor abbade, que tem v. s.<sup>a</sup> que anda p'ra ahi como se tivesse morte d'homem ás costas?

— Deixa-me, respondeu o abbade; daqui a dias estou morto.

— Morto? Então que é isso? Que lhe fizeram? Falle, eu cá guardo segredo.

— Olha, o rei fez-me tres perguntas e disse que se eu não lhe respondesse quando elle voltasse á côrte, me mandava matar; e vae eu não atino com as respostas, por mais que dê volta ao miolo.

— Ora diga lá as perguntas, senhor abbade.

O abbade disse as perguntas e o moleiro pôs-se a rir.

— Então é isso que o afflige?

— Se te parece . . .

— Façamos um contrato. O compadre deixa aos seus afilhados, filhos cá do moleiro, aquelle souto de castanheiros com a terra de sementeira que está por trás e lhe pertence, e eu vou lá á côrte responder em seu logar. Olhe, ha de emprestar-me o seu fato de abbade para o rei julgar que é v. s.<sup>a</sup> que lá vae.

Ficou o abbade todo contente. Fez logo testamento com a tal deixa aos filhos do moleiro, que, chegado o dia emprazado, lá estava na côrte, de cara rapada, corôa na cabeça e vestido de padre.

O rei mandou juntar os cortesãos na sala do throno para ouvirem o que o abbade ia responder, e começou a fazer as perguntas :

— Quanto pesa a lua ?

— Saiba Vossa Real Magestade que, como ella tem quatro \*quartos, vem a pesar um arratel.

— Bem respondido. E quantos cestos de terra tem o tal monte ?

— Isso é conforme. Se o cesto fôr do tamanho do monte tem o monte um só cesto; se fôr como metade, dois cestos e assim por diante.

O rei disse :

— Apanhaste-me, mas com a ultima pergunta te apanho eu. Que estou a pensar agora neste momento ?

— Ora! O que Vossa Magestade está a pensar é que eu sou o abbade lá da minha freguesia; e o que eu sou é o moleiro.

O rei perguntou então ao moleiro que queria que lhe fizesse e elle pediu perdão para o abbade.

(Tradicional.)

---

### \* 3

#### O ovo partido

Era uma vez um proprietario que tinha uma filha e um criado e veiu por lá um homem rico e disse-lhe:

— Se me deixasse ir o seu criado até eu passar aquella serra, que levo o meu dinheiro e tenho medo que me roubem?

O proprietario mandou-lhe o criado e este de volta disse:

— Ó senhor! não me dá a sua filha que quero casar com ella?

O amo respondeu-lhe:

— Sempre és muito atrevido! Se não fôra eu ter-te amizade, punha-te já fôra da porta com uma carregadeira de pau.

— Senhor, olhe que eu estou rico, que matei o homem e tirei-lhe este dinheiro.

E mostrou o dinheiro ao amo.

— Eu não duvido dar-te a filha, disse este; mas has de ir tres vezes a oito á volta da meia noite, aonde o mataste, escutar o que ouvires.

O moço foi. Quando voltou perguntou-lhe o amo:

— Tu que ouviste?

— Ouvi dizer: «Tu pagarás.»

— Torna lá e hás de lhe perguntar: «Eu quando é que hei de pagar?»

O criado foi lá e a voz respondeu-lhe:

— Daqui a trinta annos.

E o amo disse-lhe quando elle voltou e contou o que ouvira:

— Daqui a trinta annos já eu não sou vivo. Casa com a minha filha.

Fez-se, pois, o casamento.

Passados trinta annos andavam dois pobres a pedir e foram áquella casa e o pae da rapariga disse:

— Venham para dentro.

E ao tempo que elles iam a entrar, embarraram numa cesta que tinha ovos e quebraram um, e o dono da casa ralhou com elles.

Os pobres disseram:

— O senhor! não ralhe connosco a troco do ovo, que nós pagamos-lh'ó, ainda que elle custe uma moeda.



E o proprietario replicou:

— Não é por isso; é que a roda emquanto anda, bem vae, e quando começa a desandar, mal vae ella. Ha trinta annos que dei a casa a minha filha; ha trinta annos não dei uma esmola e até hoje não tive nenhuma perda, só agora a dum ovo.

Os pobres deitaram-se e um disse para o outro:

— Tu dormes?

— Eu não; vamo-nos daqui embora; casa que ha trinta annos não dá esmola nem teve perda senão hoje, aqui acontece alguma desgraça.

O outro replicou:

— Mas nós aonde havemos de ir agora dormir? isto é fóra d'horas; não achamos pousada.

— Pois emfim vamo-nos, como nós fiquemos fóra dos beiraes della... fiquemos mesmo detrás duma parede.

Sairam, ficaram ahi perto da casa atrás duma parede e alta noite ouviram um grande ruido, e disse um para o outro:

— Tu ouviste aquillo?

— Eu ouvi.

— Olha que foi certamente a casa do homem do ovo a cair.

Ao outro dia, assim que foi claro, foram ver e nem descobriram casa nem telhas e no logar da casa havia uma grande cova.

(Tradicional.)

#### \* 4

### Principe com orelhas de burro

Era uma vez um rei que vivia muito triste por não ter filhos e um dia mandou chamar tres \*fadas para que fizessem com que a rainha lhe dêsse um herdeiro. As fadas prometteram satisfazer-lhe os desejos e que viriam assistir ao nascimento do principe.

Ao fim de nove meses nasceu aos reis um filho e as tres fadas fadaram o menino.

A primeira fada disse:

— Eu te fado para que sejas o principe mais formoso de todo o mundo.

A segunda fada disse:

— Eu te fado para que sejas muito virtuoso e entendido.

A terceira fada, que era muito maliciosa, disse:

— E eu te fado para que te nasçam umas orelhas de burro.

Foram-se as tres fadas e logo appareceram ao principe as orelhas de burro. O rei mandou sem demora fazer um barrete que o principe devia sempre usar para lhe cobrir as orelhas.

Crescia o principe em iormosura e ninguem na côrte sabia que elle tivesse as taes orelhas de burro. Chegou a dade em que elle tinha de fazer a barba; e então o rei mandou chamar o seu barbeiro e disse-lhe:

— Farás a barba ao principe, mas se disseres a alguem que elle tem orelhas de burro, morrerás.

Andava o barbeiro com grandes desejos de contar o que vira, mas com receio de que o rei o mandasse matar, cava comsigo. Um dia foi-se confessar e disse ao padre:

— Eu tenho um segredo que me mandaram guardar, mas se o não digo a alguem, morro, e se o digo o rei manda-me matar; aconselhe-me, padre, o que eu hei de fazer.

Respondeu o padre que fosse a um valle, que fizesse uma cova na terra e que dissesse o segredo tantas vezes até ficar alliviado desse peso e que depois tapasse a cova com terra. O barbeiro assim fez; e, depois de ter tapado a cova, voltou para casa muito descançado.

Passado algum tempo nasceu um cannavial onde o barbeiro tinha feito a cova. Os pastores quando alli passavam com os seus rebanhos cortavam kannas para fazer gaitas, mas quando tocavam nellas saiam umas vozes que diziam:

— Principe com orelhas de burro!

Começou a espalhar-se esta noticia por toda a cidade e o rei mandou vir á sua presença um dos pastores para que tocasse na gaita; e saíam sempre as mesmas vozes que diziam :

— Principe com orelhas de burro!

O proprio rei tambem tocou e sempre ouvia as vozes. Então mandou chamar as fadas e pediu-lhes que tirassem as orelhas de burro ao principe. E ellas mandaram reunir a côrte toda e ordenaram ao principe que tirasse o barrete; mas qual não foi o contentamento do rei, da rainha e do principe ao ver que já lá não estavam as taes orelhas de burro!

Desde esse dia as gaitas que os pastores faziam das cannas do tal cannavial deixaram de dizer:

— Principe com orelhas de burro!

(Tradicional.)

---

## 5

### A mão do \*almofariz

Era uma vez um pobre trabalhador que vivia com a sua filha unica e que foi cavar num campo do rei daquella terra. Andando no seu trabalho, a enchada bateu em quer que fosse que tlintou; o homem abaixou-se e viu brilhar como oiro; era uma mão de almofariz daquelle metal. O trabalhador foi logo mostrá-la á filha e disse-lhe que sendo a terra do rei, do rei era o que lá tinha achado:

— Vou levar ao rei a mão do almofariz.

— Tem razão, meu pae; o achado pertence ao rei; mas onde se achou a mão ha de achar-se o almofariz; cave mais e não vá ao rei emquanto não lhe poder levar as duas coisas.

O homem cavou, recavou, mas não tendo achado o almofariz e não podendo mais conter a sua impaciencia, apesar do conselho da filha, largou um dia e lá foi caminho da côrte. Os criados do paço não queriam deixá-lo ir até

à sala onde estava o rei; mas elle tanto teimou e tanta vez lhe disse que levava um presente de valor para o rei que por fim deixaram-no entrar.

— Real senhor, achei, quando andava cavando na sua propriedade de tal, esta mão de almofariz de oiro...

— Pois, disse o rei, onde estava a mão devia estar o almofariz. Não o achaste?

— Não o achei, real senhor.

— Ou não o procuraste, como devias, ou ficaste com elle; por isso vaes ser castigado.

— Ah! Real senhor! Bem me dizia a minha filha...

— Então que te dizia a tua filha?

— Dizia-me que onde se achava a mão se havia de achar o almofariz e que não viesse eu cá só com a mão do almofariz.

— Tens uma filha muito esperta. Pois bem; ha um meio de escapares ao castigo: dize á tua filha que venha cá, mas que não venha nem a pé nem a cavallo, nem nua nem vestida, nem de noite nem de dia. Se ella fôr tão esperta que resolva essas difficuldades, caso com ella; de outro modo mando-te matar.

Voltou á sua choupana o pobre trabalhador, todo afflicto, por lhe parecer impossivel que a filha fizesse o que queria o rei; mas a rapariga quando o pae lhe contou o caso pôs-se a saltar de contente e a dizer ao pae:

— Não se afflija meu pae, não ha nada mais facil de fazer do que isso.

A rapariga arranhou uma rede de pescar e depois de se ter despido embrulhou-se nella, com um pé calçado outro descalço; alugou um burro com estribos e pôs um pé num estribo, indo com o outro pelo chão, e desse modo foi até ao paço, chegando lá quando já se tinha posto o sol, mas ainda não era noite escura: assim não ia nem nua nem vestida, nem a pé nem a cavallo, nem de noite nem de dia.

O rei quando lá a viu ficou encantado com a esperteza da rapariga e casou com ella e tirou-lhe o pae da miseria.

Os dois esposos viveram muito tempo felizes, até que

numa certa occasi3o succedeu estarem na praça onde havia o palacio uns carreiros e uns carroceiros com os carros puxados a bois e as carroças puxadas a cavallos e eguas. Nisto nasce de uma egua um \*poldro, que deita a correr e vae metter-se entre os bois dum dos carreiros. O dono da egua quer o poldro; o dono dos bois diz que o poldro lhe pertence, que nasceu alli entre os bois, e lá vão os dois ter com o rei que ia passando e pedem-lhe que resolva a contenda.

Que havia de fazer o rei? Deu raz3o ao dos bois:

— Onde est3o o poldro est3o o dono.

O pobre carroceiro foi ter com a rainha para ella pedir ao rei que voltasse atr3s daquela resoluç3o. A rainha disse-lhe:

— Toma uma rede e vae para a praça fazer menç3o de quem est3o a pescar e se o rei passar e te perguntar o que est3o a fazer responde-lhe tal e tal.

O carroceiro assim fez. Passou o rei e disse-lhe:

— Ó homem! Est3o doido! Pois pesca-se lá onde n3o ha agua!

— Real senhor, tanto se p3de pescar onde n3o ha agua como p3de nascer um poldro onde n3o ha egua.

O rei entendeu; mas desconfiou logo que andava por alli conselho da rainha. Mandou prender o carroceiro e ameaçou-o de morte se elle n3o dissesse quem lhe tinha dado o conselho. O homem n3o queria confessar, mas, quando se viu com a corda no pescoço e se lembrou da mulher e dos filhos, n3o teve outro remedio sen3o dizer a verdade.

Ficou o rei todo zangado por a mulher lhe ter dado aquella liç3o; volta a palacio e diz para ella:

— Visto que quiseste ser mais entendida que eu e me fizeste passar por aquella vergonha, n3o ser3o mais minha mulher. Volta para a tua choupana com teu pae, comer o p3o negro. Mas como tantos annos viveste commigo em boa paz e harmonia, consinto que leves do palacio a joia que mais estimas.

— Real senhor, farei tudo quanto me ordenaes; mas é noite, permitti-me que parta amanhã de madrugada e que ceie ainda esta noite com Vossa Real Magestade.

— Consinto; mas olha que é só esta noite.

A rainha arranjou um chá de papoilas e deitou uma porção no vinho que o rei havia de beber á ceia, de modo que o rei, depois de se deitar, caiu em somno pesado. Então a rainha chamou dois criados fieis e mandou-os levar o rei para uma sege e partiu com elle para a sua choupana.

Pela manhã o rei, abriu os olhos e ficou pasmado de se ver numa choupana miseravel e disse:

— Que é isto? Onde estou eu?

A rainha respondeu:

— Vossa Real Magestade está na minha pobre choupana. Disse-me que trouxesse eu a joia que mais estimava, e que outra joia podia eu trazer que não fosse o meu marido e meu rei?

Então o rei disse:

— Voltemos para o palacio e d'hoje em diante eu não resolvarei nenhum negocio sem te ouvir primeiro.

(Tradicional.)

---

## CONTOS TRADICIONAES COM FÓRMA LITTERARIA

### 6

#### Os quatro ladrões

Contam as historias antigas que em \*Roma havia quatro ladrões e andando elles uma noite a furtar, sentiram a justiça e fugiram e esconderam-se numa cova. Quando a luz veiu, acharam-se em uma casa de abobada mui formosa e viram nella um \*moimento de marmore mui bem lavrado. E disseram entre si:

— Este moimento foi de algum homem nobre e rico. Abramo-lo e vejamos se acharemos ahi algum bem; por-

que em outros tempos costumavam \*soterrar os grandes homens com dons e coisas de grande preço.

Então abriram o moimento e acharam-no cheio d'oiro, de prata e de pedras preciosas e de vasos e de copos de oiro mui formosos. E entre elles havia um copo mais bello e maior que todos os outros. Quando isto acharam, disseram entre si:

— Ora somos ricos e de boa ventura e seremos ricos para sempre e nossos filhos; mas será bem que algum de nós vá á cidade por comida.

E cada um se escusava, dizendo que era conhecido na cidade e se temia o enforcassem. Por fim disse um delles:

— Se me vós derdes aquelle maior e melhor copo, eu irei pelo mantimento.

E os outros concordaram e elle foi e trouxe que comer. E indo pelo caminho levando a comida, cuidou como metteria nella peçonha, de modo que comendo-a seus companheiros morreriam e ficaria delle tudo o que acharam no moimento. E os tres ladrões que ficaram enquanto elle foi, fallaram entre si e disseram:

— Aquelle nosso companheiro não quis ir pelo mantimento senão lhe dessemos o copo melhor: matamo-lo e ficará a nós todo o haver.

E disse um delles;

— Como o mataremos sem perigo, visto que elle é mais esforçado que nós?

Respondeu outro e disse:

— Quando elle vier, digamos-lhe que entre dentro e tome o copo, e quando entrar, puxamos o madeiro que sustem as pedras e cairão estas sobre elle e morrerá.

E quando veiu o outro fizeram assim e ficou elle logo morto.

— Comamos e bebamos e depois repartiremos o haver entre nós.

E começaram a comer a comida que o outro trouxera e morreram com a peçonha que nella estava.

### O réal bem ganhado

Aconteceu que um domingo estando um \*ermitão á porta da \*ermida, viu atravessar pelo campo um pobre lavrador carregado de redes e armadilhas, que a seu parecer ia armar aos passaros. O ermitão chegou a elle e perguntou-lhe de donde era e para onde ia; o qual respondeu:

—Sou de meia legua de donde estamos, e \*entendi hoje na \*estação que fez o cura, que o Espirito Santo desceu ao mundo em figura de pomba, e eu desejo de o vèr e achar, e tomei estas redes emprestadas, e venho-as armar, e, se o posso haver nellas, lhe hei de pedir que haja misericordia commigo, dando-me mantença para cada dia, que eu e minha mulher com pão e agua da fonte nos contentamos.

O bom do ermitão, visto isto, levou-o á ermida e deu-lhe quasi todas as offertas que aquelle dia havia recebido, e disse-lhe:

—Irmão, tomae isto, comei vós e vossa mulher; mas é necessário que me digaes qual quereis mais—um \*real bem ganhado, ou cem mal ganhados?

O pobre homem tomou o pão e com alegria foi a sua casa, dizendo ao ermitão que haveria conselho com sua mulher, qual era melhor e tornaria a dizer-lh'ó.

E tornando a casa, comeram contentes e houveram conselho, qual tomariam—um real bem ganhado ou cem mal ganhados, quizeram ambos de um accordo um real bem ganhado, antes do que cem mal ganhados; e com isto tornou o pobre homem ao ermitão a dizer-lh'ó para que lh'ó dêsse; o qual com muito contentamento, por vèr que soube escolher, lhe deu um real em dois meios, como agora se usam, dizendo-lhe:

—Este é bem ganhado; com elle vos fará Deus mercê.

E assim se tornou o lavrador para casa contente; porém no caminho, antes de chegar a ella, achou dois cachopos,



que pegados um ao outro em grande briga andavam, \*dando-se de punhadas e de cabeçadas, ensanguentadas as bocas, tão encarniçados em matar-se, sem repousar, que era magua de vêr.

E assim o pobre homem quando os viu, havendo dô de os vêr tratar de tal sorte no campo, onde, se elle não passara, não podiam ser soccorridos, desejoso de os metter em paz, com caridade se metteu no meio a apartá-los, perguntando a causa da briga. E ainda que deixavam de se ferir, nem por isso nenhum queria desapegar do outro; mas, estando assim pegados, disse um:

— Vêdes, alli naquelle chão jaz aquella pederneira, que é para ferir lume; eu a vi, e querendo-a tomar, este m'o impede e a quer tomar.

O outro respondeu:

— Não é assim; mas eu a vi primeiro e quero-a tomar e tu queres-m'o tolher e tomá-la para ti.

Esta era a causa por que se feriam.

O pobre homem vendo que entre elles não havia maneira de paz, porque cada um queria a pedra, e ella não era tão grande que bastasse para a partir, e por vê-los ambos em paz, lhe disse:

— Filhos, rogo-vos que cesse vossa briga; tomae de mim este real que tenho; cada um leve seu meio real; deixae agora esta pedra; não seja o demo que vos faça fazer algum desmancho.

Os moços, visto o real, e rogo do bom homem, acceitaram a paz e cada um tomou meio real, deixando a pedra ao lavrador, e se foram contentes; e elle a tomou, não por lhe parecer que teria valia, senão para testemunha, que, quando dissesse que déra o real por ella, fosse crido, e assim a levou todavia.

Chegando achou sua mulher á porta, que o esperava, desejosa de vêr o real bem ganhado, que o marido havia de trazer. Nisto elle que chega e mostrou-lhe a pedra, que trazia e disse-lhe o caso que acontecera. A mulher, logo á primeira face, teve desgosto por não vêr com seus olhos o

real; tomando a pedra da mão do marido, arremessando-a para dentro de casa, disse!

— Ah! que nem este real nos veio ter á mão!

Por que os paes dos moços, que os viram escalavrados e souberam delles a briga, \* donde e sobre que fôra, e quem fizera a paz e como lhes déra um real, que elles sabiam que o pobre homem não tinha de seu, ambos juntos lh'o agradeceram muito, e cada um delles por si lh'o pagou com grande vantagem e dalli em deante lhe faziam muitas honras conhecidas, que mostravam ser feitas pelo amor com lhes tirou os filhos do arruido e peleja que tinham.

Aconteceu que em este tempo passou por aquelle logar um fidalgo, que por mandado de el-rei ia a outro reino por embaixador e levava comsigo dez ou doze homens; e conveiu-lhe ficar alli uma noite em aquella aldeia, esperando certo recado da côrte. E ainda que lhe deram para seu aposento as melhores casas que havia no logar, não lhe bastaram, e foi necessario agasalhar alguns dos seus em outras casas, e agasalhando-se pela aldeia, coube a este homem um delles.

Este homem, criado do embaixador, depois de lançado na cama, sendo passada uma grande parte da noite, acordou e viu que a seu parecer havia resplendor na casa, que a tal hora da noite, conforme ao tempo, não se permittia, e, admirado, foi posto em confusão \* donde aquillo podia proceder. E por saber o que era, se ergue, como sisudo, e mui quietamente se foi para onde via a claridade, e pouco a pouco, indo para ella chegou aonde estava a pedra.

Tanto que chegou a ella e a viu, a tomou e guardou: até que vindo o dia a viu melhor, e parecendo-lhe de grande preço, se foi ao senhor embaixador, com quem elle vinha, e, mostrando-lh'a, lh'a deu, e disse onde a achára; e o senhor, vista a pedra, a estimou em muito, e mandou logo chamar o homem em cuja casa se achara, e perguntando-lhe donde a houvera e de que servia, o bom do homem lhe disse:

— Senhor, não serve de nada; se vossa mercê a quer,

tome-a, que eu folgarei muito disso, que um real me custou.

E contou-lhe como e de que maneira, assim como a historia até agora o contou, do que o fidalgo se maravilhou e teve para si que, pelo muito que vale o real bem ganhado, permittiu Deus que lhe deparasse aquella pedra áquelle homem.

E o embaixador metteu a mão em uma \* boceta, em que levava dinheiro para sua despesa, e tomando um punhado de moedas de oiro, em que haveria duzentos mil réis, lhe deu dizendo:

— Irmão, esta pedra já que m'a daés, eu a quero.

O pobre homem não queria tanto dinheiro e a importunação do nobre fidalgo tomou e se foi para sua casa com muita alegria dar conta a sua mulher; comprou herdades e chegou a ser chamado o rico homem e elle o era.

Gonçalo Fernandes Trancoso, *Contos de proveito e exemplo*.  
(Seculo xvi. Linguagem um pouco modernisada.)

## 8

### A cubiça castigada

Um homem que tinha uma filha bastarda, quando veiu a hora da morte, fez um testamento e disse:

— Deixo a \*foão por meu herdeiro e mando que dê a minha filha para seu casamento tudo aquillo que elle quizer de minha fazenda.

Crescida a moça, dava-lhe o herdeiro cem mil reaes para casamento, que era mui pouco, e sobre isso vieram a juizo.

Perguntando o juiz ao herdeiro quanto valia a fazenda e quanto dava á moça, respondeu: que valia um conto e que lhe dava cem mil reaes.

Disse o juiz:

— Logo vós quereis desta fazenda novecentos mil reaes?

Respondeu o herdeiro:

— Sim.

— Pois segundo a \* verba do testamento (disse o juiz), vós haveis cem mil reaes e a moça novecentos; porque ella ha de haver aquillo que vós quereis da fazenda do testador, e esta foi a sua vontade, mas deixou a verba \* amphibologica para olhardes melhor pela fazenda de sua filha.

João de Barros, *Grammatica portuguesa*, 2.ª ed. pag. 170.  
(Seculo xvi. Linguagem modernizada.)

---

## LENDAS POPULARES

### 9

#### S. Pedro e a ferradura

Quando Nosso Senhor Jesus Christo e mais S. Pedro andavam pelo mundo toparam num caminho uma ferradura velha; disse o Senhor:

— Pedro, apanha essa ferradura que póde ter alguma serventia.

— Senhor, não apanho; está velha e ferrugenta; não póde servir para nada.

O Senhor deixou Pedro passar adiante, abaixou-se e apanhou a ferradura.

Chegaram ás portas de uma cidade; o Senhor deixou outra vez Pedro ir adiante e, sem elle dar por isso, vendeu a um ferrador a ferradura por dez réis; passou por um sitio onde se vendia fructa e comprou-os de cerejas.

Passaram a cidade e seguiram outra estrada. Estava muito calor. Disse S. Pedro:

— Ah! se eu tivesse com que refrescar a boca!

O Senhor ia então adiante e deixou cair uma cereja na estrada. Pedro ia a passar e viu a cereja; abaixou-se para a apanhar e metteu-a na boca, depois de a limpar do pó.

O Senhor foi deixando cair aqui e alli uma cereja, e Pedro sempre prompto para as apanhar, sem ver que era o Senhor que as deitava. Quando já não havia mais cerejas, disse o Senhor:

— Que trabalho tiveste, Pedro, a apanhar as cerejas! Se tivesses apanhado a ferradura, tel-as-ias recebido duma vez e mais frescas.

— Como é isso, Senhor?

Então o senhor contou-lhe o que fizera, e Pedro, arrependido, prometeu não tornar a engeitar o que se lhe deparasse, embora de pouco valor.

Popular.

---

## \* 10

### Lenda do Tejo, Douro e Guadiana

Havia tres rios irmãos, o Tejo, o Guadiana e o Douro. Combinaram os tres deitar-se a dormir, dizendo que o que primeiro accordasse partisse logo para o mar.

O Guadiana foi o primeiro que accordou; escolheu lindos sitios e partiu de seu vagar.

O Tejo accordou depois, e como queria chegar primeiro ao mar, largou mais depressa e já as suas margens não são tão bellas como as daquelle.

O Douro foi o ultimo que accordou, por isso rompeu por montes e valles, sem se importar com a escolha, e eis porque as suas margens são tristes e pedregosas.

Popular.

(Colligida por Leite de Vasconcellos.)

---

## 11

### Lenda dos ferreiros

Nas proximidades de Penella ha dois montes bastante elevados e de fórma mais ou menos conica. É crença popular que dois ferreiros, dizem que irmãos, foram estabe-

lecer as suas forjas cada um em seu monte, mas que possuindo ambos um só malho delle se serviam alternadamente.

Os montes, na sua parte superior, distam uns dois kilometros um do outro, e quando o Mello (assim se chamava um dos ferreiros) precisava do malho chegava á porta da forja e gritava pelo Jerumello (assim se chamava o outro) para este lh'o atirar. Isto repetia-se todas as vezes que trabalhavam.

Os dois ferreiros eram gigantes, porque só assim podiam ter força para arremeçar o malho a tão grande distancia.

Uma vez zangou-se o Jerumello com o companheiro e atirou-lhe o malho com tanta violencia que, desencabando-se este no ar, foi cair o ferro na encosta do monte Mello e logo dahi brotou uma fonte de agua ferrea, e o cabo, que era de madeira de \*zambujo, foi espetar-se na terra a mais de dois kilometros de distancia, reproduzindo-se um zambujo, que deu o nome a uma povoação, que fica a quatro kilometros dos referidos montes, e que por isso se chama hoje Zambujal.

No cimo do monte Mello vêem-se ainda agora umas ruinas, que são da forja de um dos ferreiros.

Popular.

(Publicada por Z. Consiglieri Pedroso.)

---

## 12

### Lenda das manchas da lua

Era uma vez um homem que não cumpria o preceito do domingo, e andava a trabalhar nesse dia, apanhando ramos secos de vide.

Passou Nosso Senhor por onde elle estava e disse-lhe:

— Não sabes que é peccado trabalhar ao domingo?

— Sei, respondeu o homem, que não sabia que estava ante Nosso Senhor; mas aqui ninguem me vê.

— Pois então vaes ser posto em logar que toda a gente te veja.

E o homem foi posto na lua com o mólho de vides ás costas e é elle que faz as sombras que lá vemos.

Popular.

## APOLOGOS COM FÓRMA LITTERARIA

### 13

#### Apologo do lobo e do cordeiro

Dizem que o cordeirinho e o lobo tinham feito \*treguas por certo tempo; e, antes de se acabar, se encontraram ambos bebendo em um regato.

Desejava o lobo quebrar as treguas e comer o cordeiro, e, para achar occasião de briga, disse-lhe mui sanhudo:

— Para que me turbaes a agua que estou bebendo?

Respondeu o cordeirinho:

— Senhor lobo, como posso eu turbar a agua se ella traz de lá a corrente, e eu estou cá mais abaixo?

Enfadou-se o lobo da clareza da satisfação, que era maior que a da agua, e replicou:

— Pois se m'a não turbastes agora, lembrado estou que m'a turbastes o anno passado.

— Veja vossa mercê, tornou o cordeirinho, que isso não póde ser, porquanto eu no anno passado ainda não era nascido, e não tenho mais que poucos meses de idade.

Então o lobo se passou da razão á colera, e disse:

— Pois se não fostes vós, foi o carneiro vosso pae.

E logo remetteu a elle e o levou nos dentes.

Assim fazem os amigos de queixas e contendas, buscando crime na innocencia e levando por força o que não podem pela razão.

## 14

## Apologo das panellas.

Ninguem escolha amigo notavelmente mais honrado ou rico do que elle; porque havendo qualquer encontro (que é força havê-lo na \*instabilidade das ondas deste \*seculo), o mais fraco é que padecerá todo o damno.

Daqui parece foi tomado o \*doutrinal apologo das duas panellas, uma de barro, outra de cobre, levadas pelo rio abaixo com a força da cheia. Rogou a de cobre á de barro que se chegasse para ella, para que juntas resistissem melhor ao impeto das aguas.

— Não me convem, respondeu ella, a vossa amizade e vizinhança, porque ou succeda topar eu comvosco ou vós commigo, sempre vós ficareis inteira e eu quebrada.

P.º Manuel Bernardes, *Nova Floresta*  
4.ª ed., tom. 1, 107.

## PARABOLAS BIBLICAS

## 15

## O filho prodigo

Certo homem rico tinha dois filhos, dos quaes o mais moço pediu ao pae que lhe dêsse, em vida, a parte da herança que lhe havia de caber por sua morte, porque desejava lograr o seu. Concedeu-lhe o pae o que pedia, e elle dahi a poucos dias, ausentando-se para um país distante, desbaratou e consumiu toda a herança em larguezas e \*prodigalidades, chegando a tal excesso de miseria que foi obrigado a servir um amo e a guardar um rebanho de gado immundo. No meio do \*montado desejava matar a fome que padecia, com o mesmo comer de que o gado se sustentava, mas nem esse lhe davam, e perecia. Lembrava-se da abundancia com que até os criados de soldada viviam em casa



de seu pae, e elle estava alli morrendo á fome. Com esta consideração desenganado, tornou em si, e, arrependido da vida passada, resolveu-se a ir buscar outra vez a seu pae e confessar a sua culpa.

Pôs-se a caminho; e estando ainda longe da casa do pae, vendo-o este e conhecendo-o, penetrado de piedade e compaixão, apressou os passos e o foi abraçar, e o chegou a seu rosto com muitas caricias e \*amplexos. Então o filho lançando-se a seus pés, lhe disse :

— Meu pae, contra Deus e contra vós pequei, e não mereço que me chameis mais vosso filho: peço-vos que me admittaes por um dos vossos \*jornaleiros.

Porém o pae, mandando-o vestir do mais precioso vestido, e mettendo-lhe no dedo um estimavel annel, provendo-o tambem de calçado, lhe fez preparar um banquete do melhor vitello que tinha, e com grandes festas celebrou a vinda do filho, que julgava por morto. Estando á mesa, chegou do campo o filho mais velho, e ouvindo tanta festa, informando-se do que passava, não quis entrar em casa, antes se mostrou tão sentido e queixoso, que saindo o pae fóra para o buscar, lhe disse o filho :

— Ha tanto tempo que vos sirvo com a obediencia, como vós sabeis, e nunca me déstes um cabrito para comer com os meus amigos; e agora que chegou esse vosso filho que desperdiçou todo o seu \*patrimonio em \*sensualidades, logo lhe déstes a comer o vitello mais gordo e melhor que havia.

— Filho, respondeu o pae, vós sempre estaes commigo, e tudo quanto tenho é vosso; porém, como vosso irmão estava já perdido, foi justo que eu me alegrasse com a sua vinda.

J. B. de Castro, *Vida de Jesus Christo*, liv. iv, cap. iii.  
(Com algumas modificações.)

## O rico avarento

Houve um homem mui \*opulento, que não vestia senão \*purpuras e \*hollandas, e todos as dias se banqueteava esplendidamente. Á sua porta jazia de ordinario um pobre chamado Lazaro, coberto de chagas, que, para matar a fome que padecia, não alcançava nem as migalhas que caiam da mesa do rico: sómente os seus cães lhe vinham ás vezes lamber as feridas. Succedeu que morrendo ambos no mesmo dia, Lazaro foi levado pelos anjos ao seio de Abrahão, e o rico foi sepultado no inferno. Ardendo naquelles tormentos, olhou para cima, e vendo a Lazaro no \*seio de \*Abrahão, disse, fallando com elle:

— Pae Abrahão, tende compaixão de mim; mandae a Lazaro que me venha refrigerar a lingua ao menos com a parte extrema de um dedo molhado nagua; porque me abraza e atormenta muito este fogo.

Respondeu-lhe Abrahão:

— Lembra-te, filho, que na tua vida gosaste os bens, e Lazaro padeceu os males; agora tu padeces os tormentos, e elle logra os gostos. Daqui não se póde passar para lá, nem de lá para cá; porque entre nós e esse logar se mette uma grande separação e dilatado espaço.

— Ao menos, tornou o rico avarento a fazer segunda petição, peço-vos que mandeis Lazaro a casa de meu pae, onde tenho cinco irmãos, para que lhes diga o que por cá passo: pois não succeda que elles, vivendo com o meu exemplo, venham tambem a parar neste logar de tormentos.

Disse-lhe Abrahão:

— Elles lá têm \*Escripturas e \*Prophetas, a quem ouvir.

Instou o avarento:

— Com mais efficacia se moverão a fazer penitencia, se um morto resuscitado os for advertir.

Porém Abrahão lhe tornou a responder :

— Se elles não crêem a \*Moysés, nem aos Prophetas, muito menos darão credito a um morto resuscitado.

J. B. de Castro, *Vida de Jesus Christo*, liv. IV, cap. III, 2.<sup>a</sup> ed.

---

## LENDAS DA ANTIGUIDADE

---

### 17

#### Lenda da fundação de Setubal

Divididos em varias partes do mundo os descendentes de \*Noé, Tubal, filho de Japhet e neto daquelle patriarcha, com a gente de sua familia escolheu por habitação mui accomodada a seu gosto a parte mais occidental da Europa, para onde se partiu com grande numero de gente; e dando no mar Mediterraneo, se metteu com os da sua companhia em algumas embarcações feitas á maneira de \*galês, descobertas e de menos \*fabrica que as do tempo de agora. Nestas pequenas \*fustas navegaram muitos dias ao longo de terra, até chegarem ao estreito de Gibraltar, onde, levados das correntes do mar e impeto das ondas, saíram ao mar \*oceano, da grandeza e immensidade do qual pouco satisfeitos (como gente que trazia inda nos olhos a cruel destruição das aguas) se acostaram á terra, dobrando sobre a mão direita, até que no fim de alguns dias, tendo já passada uma grande ponta de terra, chamada dos antigos Promontorio Sagrado e dos modernos Cabo de S. Vicente, se acharam em uma formosa bahia, por onde se lança no grande oceano occidental um rio, maior em proveitos de pescarias e navegações que em quantidade de aguas.

Vendo Tubal o bom sitio da terra e os que comsigo trazia enfadados da navegação tão larga, determinou fazer naquelle logar seu assento; e, tirando das embarcações o

que trazia, deu principio a uma povoação e modo de \*republica, ordenada com as brandas leis e pouco maliciosos costumes daquelle novo mundo; fundando as moradas de sua vizinhança de ramos de arvores, cobertos com o feno do campo, sem as soberbas sumptuosidades que a malicia dos homens inventou no tempo adiante.

Aqui viveu Tubal alguns annos, com toda a gente da sua companhia, apascentando os gados em que tinham naquelle tempo o melhor de sua riqueza; e d'elle se deu nome á nova povoação que fundara chamando-lhe \*Cethubala, que tanto significa como ajuntamento de Tubal.

Esta povoação é a que no tempo de agora, com mui pequena differença, chamámos Setubal, assás conhecida no reino de Portugal e em muitos fóra d'elle, pelo grande e seguro porto de mar que tem junto a si e pela copia de formosas canteiras de jaspes e \*porfidos finissimos donde se levam para diversas partes do mundo.

Fr. Bernardo de Brito, *Monarchia lusitana*, liv. 1, cap. III. (Seculo XVI.)

## 18

### Lenda de Habide

Gargoris reinou em tempos antiquissimos no país dos \*Cunetes (na Hispanha meridional) e foi o primeiro homem que descobriu o uso do mel. Tendo-lhe uma filha dado um neto, buscou elle todos os meios de destruir a criancinha; mas esta, salva afortunadamente de todos os riscos, veiu por fim a obter o reino, movido o avô á commiseração.

Fez Gargoris primeiramente expôr o neto e tendo enviado ao cabo de alguns dias pelo cadaver, acharam o menino alimentado pelo leite das feras. Levaram-no ao palacio e o avô mandou pô-lo num caminho apertado, preferindo com crueldade que o neto morresse calcado aos pés a matá-lo simplesmente. Como escapasse incolume dessa

prova e nem ao menos lhe faltasse alimento, foi lançado a cães, que se tinham deixado muitos dias sem comer, e depois aos porcos. Mas como esses animaes o não offendessem e até as femeas o amamentassem, foi ordenado que o deitassem ao mar. Claramente se evidenciou então que algum \*nume o levava através das ondas agitadas que se entrechocavam com furor, como em navio por mar bonancoso, até o pôr a salvo na praia.

Pouco depois appareceu uma \*corça que offereceu leite de suas tetas á criança. Na \*sociedade de tal ama adquiriu ella extraordinaria ligeireza e correu muito tempo entre manadas de veados por montes e bosques sem lhes ficar atrás em rapidez. Por fim, apanhado num laço, foi levado ao rei, o qual, já pela similhaça das feições, já por certos signaes que tinham sido feitos no corpo do menino ao nascer, o reconheceu e cheio de admiração por ter escapado a tantos casos e perigos, o designou successor do reino.

Ao menino foi dado o nome de Habide e, quando chegou a reinar, revelou tal magnanimidade que se reconheceu que não inutilmente o arrancara o poder dos deuses a tantos perigos. Com effeito sujeitou o povo barbaro ao jugo das leis e ensinou-o a jungir os bois ao arado e a cultivar o trigo nos sulcos abertos na terra e obrigou os homens a deixar seus alimentos silvestres por outros mais suaves, de magoa pelas privações que soffrêra.

De Justino, *Historias philippicas*, liv. XLIV.

---

## 19

### Causas da guerra de Troia

Reinava em \*Phrygia, Priamo, filho de Laomedonte, resgatado com as lagrimas de sua irmã Hesiona, e com grande copia de oiro que seus vassallos deram aos \*Argonautas, para lh'o deixarem livre; o qual depois de se ver absoluto senhor de Troia, a tornou a engrandecer de modo que em pouco tempo se viu a mais opulenta e rica cidade que

havia em Asia; e a côrte de Priamo se ennobreceu maravilhosamente assim pela \*cavalleria e gloria militar, a quem dava muito favor, como pelos muitos filhos deste rei, entre os quaes Heitor, que era o mais velho, foi tão temido na guerra e tão venturoso em amores que a todos os de seu tempo fez conhecida vantagem.

Nesta florente ventura estava a côrte de Priamo, quando lhe nasceu Paris, chamado por outro nome Alexandre, prognosticado de visões tão tenebrosas que, esquecido todo o amor paternal, quisera o rei extinguir com sua morte os males adivinhados no successo da sua vida; se Hecuba levada de amor de mãe, lh'o não contradissera, dizendo que bastava mandá-lo criar entre os pastores, para que a humilde criação lhe tirasse a grandeza aos pensamentos, com que poderia causar inquietações no reino. Deste modo foi o menino dado aos pastores do rei e criado no monte \*Ida; e depois de mancebo, sabendo Priamo a gentileza e nobre animo que tinha, o trouxe para seu paço, tratando-o com mais amor que os outros infantes, esquecido já dos temerosos agoiros do seu nascimento.

Poucos meses depois desta vinda de Paris, querendo Priamo pagar a sua irmã Hesiona o muito que por elle fizera, mandou uma solemne \*embaixada a Telamon pedindo-lhe que, a troco do thesoiro que quisesse, lhe restituisse aquella só irmã que tinha, e quando não, se casasse com ella e a tivesse como mulher legitima; pois não convinha ao sangue e geração real de que procedia estar com o titulo de captiva em terras estranhas, tendo irmãos que punham diadema na cabeça.

O \*grego, que tudo estimava em nada, respondeu tão soberbo a esta embaixada que Priamo se resolveu em desaggravar sua affronta de qualquer modo que pudesse e não ter mais cumprimentos com quem os galardoava tão pouco. Para isto mandou a Paris, seu filho, em uma formosa armada, em que ia a flor da soldadesca troiana, dizendo-lhe que em todos as maneiras do mundo fizesse que os principes gregos se não rissem da sua deshonra, antes tivessem que sentir na vingança que tomava de sua lastima.

Paris, que de sua inclinação era revoltoso e inquieto, aportando em \*Esparta, foi recebido de \*Menelau, marido de Helena, com mostras de grande amor, e partindo-se o ultimo a certos negocios de importancia, deixou o primeiro mui encommendado a Helena, pedindo-lhe não se mudasse até sua volta, que seria mui breve; mas Paris lhe pagou tudo de maneira que poucos dias depois da sua partida levantou as velas para Troia, levando consigo a hospeda a que ficara encommendado, para lhe satisfazer no reino proprio as mercês que no seu tinha recebido.

Foi este crime tão sentido de toda a \*Grecia e a vingança sollicitada de Menelau que os capitães della preparando a mais copiosa e provida armada de gente e apparatus de guerra que até áquelles tempos se vira, estavam a ponto de partir para Troia, deliberados de vingar com

mão armada o roubo da formosa Helena; e, por justificarem melhor sua causa, mandaram dois \*embaixadores a Priamo, pedindo-lhe satisfação do agravo, e promettendo que sem mais guerra desfariam logo o campo que tinham junto e firmariam amizade entre si, esquecendo todos os agravos antigos.

Foram embaixadores Ulysses, rei de \*Ithaca, e o astuto \*Diomedes que, chegados a Troia, e proposta a sua embaixada, puseram em revolta a côrte de Priamo, sendo uns de parecer que se restituísse Helena e Paris pelo contrario, com muitos da sua parcialidade, sustentando que se não dêsse uma victoria tão abatida aos gregos, que julgariam ser esta restituição feita mais com temor das armas gregas que com vontade amorosa. Emfim se resolveram que ficasse a sentença em mão de Helena, a qual afeiçãoada ao gentil parecer de Paris, escolheu antes a sua companhia que a de Menelau. E com esta resposta se tornaram ambos em Grecia a tempo que o mar e ventos aspiravam com prosperos signaes ás velas gregas, que em breve tempo lançaram ancora ante os muros Troianos fazendo as embarcações no mar uma povoação tão copiosa que parecia competir com a cidade e suas altissimas torres.

Fr. Bernardo de Brito, *Monarchia Lusitana*, parte 1, tit. 18-19.

## 20

### Achilles no cerco de Troia

Resumo da \*Iliada

Os gregos estavam nas planicies do territorio de Troia, perto do mar desde cerca de nove annos. Suscitou-se então uma grave altercação entre \*Agamemnon, rei supremo de todas as hostes confederadas, e Achilles, filho de Thetis e Peleo, rei de Phthia, na \*Thessalia. Viera ao acampamento grego Chryses, sacerdote de \*Apollo, offerecendo ricos presentes, para resgatar sua filha Chryseide, que, havendo sido feita captiva na tomada e saque de \*Chrysa, sua cidade natal, coubera em sorte a Agamemnon.

Este principe recusou dar liberdade á donzella e repelliu brutalmente o sacerdote Chryses.

Tendo este invocado o nome de quem era ministro, Apollo mandou o flagello da peste ao exercito grego: Achilles, primeiro aconselhou, depois intimou, a Agamemnon que restituísse a Chryses a filha, por elle pedida com tanta instancia. Agamemnon, ao principio, negou-se a entregá-la, depois resolveu-se a isso; porém ameaçou Achilles de ir arrancar do seu poder Briseide, captiva do principe thessalo. Daqui procedeu uma desavença, acompanhada de mutuos e violentissimos \*improperios.

Achilles retirou-se aos navios, e protestou e jurou não continuar a tomar parte alguma na guerra. \*Jupiter, querendo, a instancias de Thetis, mãe de Achilles, punir a injuria feita a este principe, illudiu Agamemnon com vãs esperanças. Desde então os gregos, até alli victoriosos começaram a experimentar reveses.

Celebraram-se umas treguas entre os \*belligerantes, findas as quaes, tornando a travar a lucta, Heitor, filho de Priamo, á frente dos troianos fez retroceder os gregos, e os perseguiu até aos fossos que lhes defendiam o acampamento.

Os \*achivos, desalentados, recorreram a Achilles, que permaneceu \*inexoravel. Entretanto, vendo que em um recontro ficaram feridos os mais valentes entre os capitães gregos, resolveu-se a enviar o seu amigo Patroclo perto do logar da acção, para examinar o estado das coisas.

Heitor passou o fosso e foi no encalço dos gregos até ás suas naus. Patroclo, cheio de indignação, e compadecido da sorte dos vencidos, pediu a Achilles que lhe permittisse levar ao combate os seus \*myrmidones. Achilles consentiu nisso e lhe emprestou as proprias armas. Patroclo foi morto por Heitor. Achilles entrou em accessos de furor e soltou um grito terrivel, que amedrontou os troianos e todos os seus alliados. Depois tendo-se congraçado com Agamemnon, revestido das armas que \*Vulcano para elle forjára a pedimento de Thetis, arremetteu com temeroso furor, contra o inimigo. Começou então um encarniçado combate, ou antes uma horrorosa matança: a seus golpes succumbiram quantos encontrou, excepto unicamente Heitor, que bem depressa, surdo aos encarecidos rogos de sua esposa Andromacha, e insensivel ás graças infantis de seu filhinho Aslyanaz, e ás maviotas supplicas de Priamo, seu pae, oppôs-se denodadamente a Achilles, o qual desapiadadamente lhe arrancou a vida, ancioso por vingar o seu querido Patroclo, a quem fez solemnissimo funeral, celebrando variados jogos.

O cadaver de Heitor tinha sido indignamente ultrajado pelo seu enfurecido vencedor; porém este emfim commovido pelo apparecimento de Priamo na sua tenda, e pelas \*patheticas \*deprecações do venerando ancião, entregou ao pae de seu inimigo os despojos mortaes do heroe vencido, cujas exequias foram celebradas pelos troianos.

Do argumento da *Iliada* por A. J. Viale na *Miscellanea hellenico-litteraria*.  
(Com modificações.)

---

## 21

### O cavallo troiano

A morte de Heitor não deu definitiva victoria aos gregos. Restavam ainda heroes e alliados aos troianos. As luctas continuaram pois e muitos



guerreiros illustres dos dois povos inimigos foram povoar o reino das sombras. Foi desse numero o generoso Achilles, ferido por frecha disparada pelo causador da guerra, Paris-Alexandre.

O que a força e a arte militar não alcançava, ganhou-o facilmente a ardileza. Ulysses, o rei de \*Ithaca, um dos mais terriveis dos achivos, que juntava ao valor guerreiro o dom da palavra convincente e refinada astucia, revolvía no animo traças que fossem destruição aos troianos. Por seu conselho foi construido por Epeio, artifice cujas mãos os deuses guiavam, um grande cavallo de pau, em cujo interior podiam alojar-se muitos dos heroes gregos. Erigida aquella fabrica singular, destruíram os achivos os seus arraiaes e as suas naus fizeram-se de véla, como se tivessem de todo levantado o cerco. Alegres precipitam-se ao campo os troianos em busca de alguma presa e acham o cavallo de pau.

Eneas, um dos heroes de Troia, filho de Anchises e da deusa Venus, e Laocoonte, irmão de Anchises, sacerdote de Apollo, aconselham que se lance ao mar ou queime aquella construção admiravel; outros são de parecer que levem o cavallo para a cidadella e o consagrem a Minerva, a deusa protectora. Vencem os ultimos. É necessario fazer uma brecha na muralha, por as portas serem pequenas, para introduzir lá dentro a obra de Epeio; e depois, como se todo o perigo da guerra estivesse vencido, banqueteiaram-se os troianos em louca alegria e atroam os ares com aclamações e cantos.

No meio dessa imprudente festa, mandam os deuses um signal funesto. Laocoonte e seus filhos são estrangulados na praia pelos anneis de um monstro, especie de serpente, saída do mar.

Alta noite, descem os guerreiros do cavallo, accende-se um facho, signal para voltar a armada dos achivos, e começa então a carnificina e o saque pelas casas dos habitantes mal despertados do somno da embriaguez. Mas os gregos levam longe de mais a sua vingança. Duros castigos lhes prepararam os deuses pelos seus excessos, ao voltarem aos seus lares.

Troia foi incendiada e totalmente destruida para nunca mais se levantar das suas ruinas.

---

## 22

### A volta de Ulysses

Dez annos e alguns meses eram passados desde que Ulysses partira de Ithaca deixando alli a fiel esposa Penelope e o querido filhinho Telemacho. Destruida Troia, o heroe parte para o seu reino saudoso nos seus navios. Toca primeiro na terra dos Cicones, na costa da Thracia e alli recebe de Marão, sacerdote de Apollo, presente de vinho generoso; mas trava-se lucta com os habitantes da terra e muitos dos companheiros do astucioso ithacense ficaram mortos na praia.

Chegados á altura do cabo de Malea, no \*Peloponeso, a tempestade arasta-os para o mar largo e vão parar á costa dos Lotophagos, cuja comida ordinaria, o saboroso loto, tinha o condão de fazer esquecer aos que o provavam a patria por que antes anciavam e tirar-lhes o desejo de sair daquelle logar. Consegue Ulysses arrancar dalli os companheiros e navegando de novo, vão parar á terra dos Cyclopes, gigantes filhos de Neptuno, o deus do mar, os quaes tinham um só olho no meio da testa. Lá penetra Ulysses com seus companheiros na caverna de um dos Cyclopes, chamado Polyphemo, que devora alguns daquelles.

O heroe dá ao gigante do vinho precioso que recebêra de Marão e, quando Polyphemo dorme embriagado, com o auxilio dos companheiros cega-o com um pau aguçado. O monstro ferido impelle ás apalpadellas a pedra que fecha a caverna e que só elle pôde revolver e assenta-se á entrada, de braços estendidos, esperando que Ulysses e seus companheiros saiam de envolta com as ovelhas que encerra todas as noites no seu antro. Mas o heroe liga tres a tres os mais bellos carneiros; o do meio leve um homem, e assim escapam a Polyphemo.

Neptuno indignado pelo modo como Ulysses tratou seu filho, torna-se cruel perseguidor do ithacense

Chega este á ilha Eolia, e recebe de Eolo, rei dos ventos, um odre em que estavam encerrados os ventos contrarios á volta. Prosegue na viagem e, quando estava já á vista de Ithaca, adormece e os companheiros imprudentes abrem o odre; soltam-se os ventos impetuosos, levando de novo á ilha Eolia, mas desta vez repelle-o rudemente o senhor della.

Vão pojar ao cabo de alguns dias á costa dos Lestrygões, gigantes que devoram homens. Alli a noite e o dia approximam-se de tal modo que um homem que não dormisse poderia ganhar duplo salario e o pastor que sae encontra o pastor que volta. Os Lestrygões destroem os navios de Ulysses com excepção de um só.

Tristemente partem dalli e vão dar á ilha Ea, onde habita Circe, irmã de Aetes, uma má feiticeira, que transforma em porcos os companheiros de Ulysses; mas este é presenteado pelo deus Mercurio com uma herva magica, chamada moly, com a qual vence o poder de Circe e a obriga a restituir a seus companheiros a fôrma humana. Permanecem lá um anno, ao fim do qual Ulysses pede a Circe que o deixe partir. Consente a feiticeira, dizendo-lhe que elle deve ir primeiro ao pais dos mortos consultar o propheta Tiresias acerca do seu futuro.

Parte Ulysses no seu navio, impellido do vento norte, pelo rio \*Oceano, que rodeia a terra, e chega a uma baixa costa, habitação do deus do inferno. Alli invoca os mortos e vê a sombra de muitos dos seus companheiros de armas na guerra de Troia, a de sua mãe Anticleia e a de Tiresias, que lhe prediz o que lhe ha de acontecer na sua viagem e depois da volta á patria, e que lhe dá conselho acerca dos perigos que deve evitar.

É necessario principalmente que na volta os companheiros poupem os rebanhos de Helios, o deus sol, porque de outro modo todos se perderão, e o proprio Ulysses só depois de muitos perigos poderá salvar-se ; chegará em navio estranho á sua ilha e lá encontrará a esposa perseguida pelos principes da vizinhança, que a querem obrigar a receber um delles por esposo. Se conseguir matar esses pretendentes que devoram os seus haveres, irá com um remo ás costas até onde encontre gente que não conheça o sabor do sal do mar, nem saiba o que são remos e navios ; onde pois lhe perguntem o que faz com aquella pá de joeirar ás costas, espetará o remo no chão, fará sacrificios aos deuses, isto é, renunciará aos trabalhos do mar, e viverá em paz longos annos. Ulysses volta á ilha Ea, onde recebe novos conselhos de Circe, e parte ; chega perto da ilha das Sereias, cujo canto attrahe os viajantes ; o heroe tapa as orelhas dos companheiros com cera para que não ouçam o canto traiçoeiro ; elle proprio ordena que o atem ao mastro ; porém ao ouvir as vozes das sereias quer que o soltem ; mas, temendo o perigo, dois dos companheiros atam-no ainda mais fortemente. Passam depois entre os monstros Scylla e Charybdes, que ladeiam um temivel estreito maritimo, e seis dos companheiros são devorados por Scylla.

Tocam então na Trinacria, a ilha de tres pontas, em que pastam os bois de Helios. Apesar das exhortações de Ulysses, enquanto este dorme, os companheiros, impellidos pela fome, matam os bois mais gordos. Jupiter, a pedido de Helios, castiga com uma tempestade os viajantes pelo sacrilegio ; o navio é destruido e só Ulysses escapa agarrado ao mastro. Ao fim de nove dias aborda á ilha Ogygia o «umbigo do mar», habitação triste e solitaria de Calypso, \*nympha do Oceano, lugar de que ninguém volta, nem deus, nem mortal.

Alli permanece sete annos, até que os deuses compadecidos ordenam que lhe seja permittido voltar á patria. Ulysses construe uma jangada e nella navega até á altura de Scheria, a ilha dos Pheaces, um povo que vivia no meio da felicidade e da riqueza. Neptuno enxerga então o heroe, e o mar agita-se com temerosa tempestade, a jangada é destruida, mas a nympha Leucothea acode a Ulysses com o seu veu, que lhe dá forças dois dias e duas noites, até chegar a salvo á costa. Recebido alli amigavelmente, conta ao rei da terra e á sua assembleia as aventuras que lhe succederam depois da partida de Troia, e é levado no navio maravilhoso dos pheaces, com ricos presentes, á sua Ithaca.

Encontra lá seu filho Telemacho, a quem se dá a conhecer, e combina com elle a destruição dos pretendentes, a que Penelope fugia de dar resposta decisiva, ora promettendo casar quando tivesse terminada uma teia, que tecia de dia e desfazia de noite, ora por fim resolvendo dar a mão áquelle que fosse capaz de atirar ao alvo com o arco de Ulysses. Apesar do que lhe affirmavam em contrario, não a desampara a esperanza da volta do querido esposo. Ulysses apresenta-se no proprio palacio, disfarçado de mendigo, e é objecto de insultos da parte dos hos-

pedes e de seus proprios escravos ; mas, quando chega o momento da prova do arco, elle consegue manejá-lo e attingir o alvo. Depois dirige as frechas contra os pretendentes, e, ajudado de Telemacho e de alguns escravos fieis, leva a cabo a destruição dos seus inimigos. Purifica depois o palacio, queimando enxofre, e só então se dá a reconhecer á sua Penelope.

## 23

## Lenda da fundação de Lisboa por Ulysses

Os principes gregos que tinham ido contra Troia, alcançada a custosa victoria de que resultou a destruição daquella cidade <sup>1</sup>, partiram com varios successos cada um a seu reino.

Ao astuto capitão Ulysses o mar foi tão contrario que, dando com elle em varias partes, o fez chegar ao estreito de Gibraltar; e saindo ao mar Oceano, foi dobrando as praias da Lusitania até entrar pela corrente do Tejo, tão namorado das suas aguas que esquecido da propria terra, quis fazer natural a em que aportára, que nenhuma ha por estranha que seja que o varão prudente não ache accomodada com a sua natureza.

Regendo Gargoris o reino de Lusitania e os mais de toda a Hispanha, aportou nella Ulysses com algumas embarcações que as ondas do mar lhe deixaram isentas da tempestade, e subindo, como dissemos, pelas claras ondas do Tejo, saiu em terra, convidado (como se póde julgar) do quieto porto em que tinha as naus seguras, e da fertilidade que na terra via, para refazer os corpos cansados por tão largas navegações.

Aqui esteve o prudente capitão descansando muitos dias no fim dos quaes querendo levantar as vélas para se tornar a Ithaca, achou as vontades de seus companheiros tão alheias neste particular da sua, que, vendo-se com pouco

<sup>1</sup> Foram acrescentadas as palavras até «cidade».

remedio para se tornar só á Grecia, escolheu, por menos mal, seguir o parecer e desejo dos mais, começando-lhe a fundar uma formosa cidade junto do proprio Tejo e nella um templo sumptuosissimo, de \*fabrica maravilhosa, dedicado ao idolo de sua deusa Minerva, que os antigos tinham por advogada particular da \*eloquencia.

Deste templo escreveu \*Asclepiades, dizendo que em seus dias estavam nelle os lemes e gaveas das naus de Ulysses, com algumas ancoras e coisas semelhantes, por memoria do auctor e primeiro fundador daquella obra maravilhosa, nem \*discrepam deste parecer \*Posidonio e \*Artemidoro, illustres geographos antigos que \*Estrabão traz para auctorisar o que conta.

Acabada por Ulysses a grande machina do templo, pôs as mãos na obra da cidade, fortificando-a com os melhores e mais fortes muros que naquelle tempo se costumavam, repartindo a obra por varias companhias da gente, para que \*com a interpolação do trabalho o não sentissem tanto: deste modo concluiu Ulysses brevemente sua povoação, dando seu proprio nome, do qual se chamou Ulysseas, ou, como lhe chama Plinio, Olisippo.

Fr. Bernardo de Brito, *Monarchia Lusitana*,  
liv. I, tit. XIX e cap. XXXI.

---

## HISTORIA DA ANTIGA LUSITANIA

---

### 24

#### A Lusitania e Portugal

Nos tempos primitivos a Hispanha parece ter sido povoada por duas \*migrações successivas da Asia, a dos \*iberos ou melhor \*euskaldunac, e a dos \*celtas ou antes celticos.

Tanto a lucta como a associação das duas raças produziram no territorio central da peninsula as tribus mixtas denominadas celtiberos. Os celticos ficaram formando cinco grupos principaes de tribus \*barbaras: os cantabros, asturos e vasconios ao septemtrião; os callaicos e os lusitanos ao occidente. Occupavam estes ultimos, segundo Estrabão, o

territorio cercado pelo oceano ao norte e poente e limitado ao sul pelo Tejo. Ao oriente é difficil determinar as suas fronteiras, que se dilatavam muito alem das nossas raias orientaes. Sobre o que não resta duvida é que pelo meio-dia os limites da Lusitania apenas chegavam originariamente á margem direita do Tejo. O geographo grego hesita, porém, em attribuir aos lusitanos o territorio da moderna Galliza, e de Entre-Douro-e-Minbo, porque, posto numa parte os supponha estancendo até o promontorio Nerio ou Celtico (Finisterra), faz noutras passagens occupar as margens do Lima por uma migração dos celticos (turdetanos e turdulos), que habitavam ao longo do Guadiana pelo Algarve e Andalusia e em parte do Alemtejo.

Reina na sua descripção deste trato da peninsula tal confusão, ora fazendo os callaicos lusitanos, ora distinguindo-os, ora encorporando debaixo desta denominação uma parte daquelles, que evidentemente se conhece quão incertas eram as suas ideias sobre as antigas distincções das tribus celticas depois da conquista \* romana e da divisão politica da peninsula feita por \* Augusto, tempo em que já escrevia Estrabão. O que é certo é que nessa nova divisão a Lusitania mudou inteiramente de limites. Estes fixaram-se ao norte no Douro, ao sul no Guadiana, e dilataram-se pelas terras \* sertanejas.

Pelo oriente ficaram, porém, ainda incertos para nós os verdadeiros limites da Lusitania, sendo assás provavel a suspeita de Cellario, de que, segundo as conveniencias da \* administração, a linha oriental se alargasse ou encurtasse debaixo do governo dos differentes imperadores romanos. O que, porém, se deduz evidentemente de todos os geographos antigos, tanto daquelles que fallaram da Lusitania antes da conquista romana, como dos que só tomaram por fundamento as divisões estabelecidas por esta, é que os territorios a que se deu tal nome se estendiam pelas provincias hispanholas muito alem das modernas fronteiras orientaes de Portugal, ao passo que na primeira epocha não passavam, pelo sul, alem do Tejo, e na segunda findavam ao norte do Douro.

Assim, nos tempos da independencia celtica e do dominio romano, o territorio da Lusitania, abrangendo de leste a oeste uma extensão mais que duplicada da largura actual do nosso país, dilatava-se, a principio, talvez, até á extremidade septentrional da Galliza, enquanto ficava fóra della metade do Alemtejo e do Algarve, e depois de abranger estas provincias, menos a porção do nosso solo alem do Guadiana, o qual ficou sempre pertencendo á \* Betica, perdia tudo o que jaz alem do Douro até ao cabo de Finisterra, isto é, metade da sua superficie, suppondo com Estrabão que lhe pertenciam os territorios alem deste ultimo rio.

É pois evidente que o Portugal moderno está mui longe de representar geographically a Lusitania antiga.

Alexandre Herculano, *Historia de Portugal*, tom. 1. (Seculo XIX.)

## Os carthaginezes na península iberica

Os carthaginezes, originariamente\* phenicios, tinham incorporado em si uma grande parte dos \*libyos ou moiros, formando a casta mixta conhecida pela denominação de *libyphenices*. A historia dos primeiros tempos do dominio desta republica na península, é obscura: mas, quatro seculos antes da nossa era, esse dominio achava-se assás dilatado, e os filhos da Hispanha iam já verter o sangue em países estranhos para defenderem os interesses dos seus novos senhores ou alliados. Foi, porém, no III seculo antes de J. C. que a influencia carthaginesa se estabeleceu definitivamente áquem do \*Estreito por meio da conquista. A porção do moderno Portugal ao sul do Tejo habitada pelos turdetanos e pelos celticos das margens do Ana, tentando resistir ao general de \*Carthago, Hamilcar, foi por elle subjugada. Os habitantes que escaparam constrangeu-os o carthaginês a fazerem parte do exercito vencedor, o país ficou assolado, e alguns restos dos seus naturaes espalharam-se por outras partes. Dalli o exercito vencedor marchou contra os vettões e tribus da Lusitania que tambem recusavam a alliança ou antes o senhorio dos africanos. A resistencia destas foi mais viva e tenaz; mas terminou do mesmo modo que na Turdetania pela victoria de Hamilcar.

Morto Hamilcar no meio destas guerras de conquista, Hasdrubal seu genro e Hannibal seu filho, proseguiram-na successivamente com vigor e destreza. Antes da expedição deste celebre general á Italia através das\* Gallias os carthaginezes tinham sujeitado tudo áquem do \*Ebro; porque já no tempo de Hasdrubal elles pactuavam com os romanos que não ultrapassariam este rio nas suas conquistas, o que era abandonar á influencia ou ao dominio de Roma apenas uma sexta parte da península. Foi aqui, onde dentro em pouco as duas republicas rivaes principalmente disputaram, em tres longas e sanguinolentas luctas, qual dellas devia perecer. Tanto nestas luctas, como nas guerras de Africa e de Italia, os exercitos carthaginezes eram em grande parte compostos de hispanhoes, ao passo que as tropas africanas e as levadas de celtas das Gallias e de\* ligures estanceavam uma e muitas vezes pelo territorio da Hispanha. O resultado disto é facil de advinhar.

«Dois poderosos auxiliares — observa um historiador moderno — ajudaram Carthago nos seus designios de senhorear a península. Primeiro os \*mestiços, nascidos do tracto dos colonos carthaginezes com os \*indigenas, alliados naturaes que ella espalhara pelo solo da Hispanha para dispór a conquista desta. Foram os segundos os \*mercenarios hispanhoes que serviam nos seus exercitos. É sabido que a infantaria celtibera, a cavallaria andalús e os \*fundibularios baleares constituíam o \*nervo das forças de Hannibal. Regressando á patria, estes mercena-

rios travaram com Carthago um sem numero de relações, de que esta soube aproveitar-se a beneficio do seu commercio e \*politica.»

Alexandre Herculano, *Historia de Portugal*, tom. 1.

## 26

## Os lusitanos

Os lusitanos, segundo contam, são excellentes para armar embuscadas e descobrir \*pistas, são ageis, rapidos, dextros. O escudo de que se servem é pequeno, só com dois pés de diametro, a parte anterior é concava; trazem-no suspenso ao pescoço por correias, não se vê um só com braçadeiras ou fivellas. Armam-se com um punhal ou grande faca; a maioria tem couraças de linho; outros, mas em pequeno numero, usam de cota de malha e o capacete de triple \*cimeira; em geral os capacetes são de coiro. Os peões têm tambem \*cnemidas, e cada um leva muitos \*dardos compridos na mão; alguns servem-se de lanças com ponta de bronze.

Diz-se ainda que entre os povos das margens do Douro ha alguns que vivem á maneira dos \*lacedemonios, untando-se com azeite e servindo-se de \*almofaças e de estufas aquecidas com pedras ardentes, banhando-se depois em agua fria; comendo uma só vez ao dia, sendo a comida bem preparada em verdade, mas em extremo \*frugal.

Os lusitanos sacrificam frequentemente aos deuses, examinam as entranhas sem as arrancar do corpo das victimas, observam tambem as veias do peito e tiram ainda certas indicações do simples contacto. Consultam até em certos casos as entranhas humanas, servindo-se para isto dos prisioneiros de guerra, que revestem previamente do \*sagum para o sacrificio, e, quando a victima cae com o ventre aberto pela mão do \*aruspice, tiram o primeiro presagio da propria queda do corpo. Muitas vezes tambem cortam a mão direita aos captivos e offerecem-na aos deuses.



Todos estes montanhesees são sobrios, bebem só agua, deitam-se no chão; têm cabellos compridos e fluctuantes, à maneira das mulheres; mas, para combater, cingem a fronte com uma ligadura. O seu principal alimento é a carne de cabra. Nos seus sacrificios ao deus \*Marte immolam também bodes, os prisioneiros de guerra e cavallos. Conforme ao uso dos gregos fazem \*hecatombes de cada especie de victima. Celebram jogos \*gymnicos, \*hopliticos e \*hippicos, nos quaes se exercem no \*pugilato e na carreira, e simulam \*escaramuças e batalhas campaes.

Nas tres quartas partes do anno o unico alimento na montanha são as glandes de carvalho, que, secas, quebradas e pisadas, servem para fazer pão, que pôde guardar-se por muito tempo. Uma especie de cerveja feita com cevada é a bebida vulgar; emquanto ao vinho é raro, e o pouco que se fabrica é em breve consummido nos grandes banquetes de familia, tão frequentes entre estes povos. Em vez de azeite servem-se de manteiga. Comem assentados; ha para isto bancos de pedra dispostos em roda das paredes onde os convivas tomam logar segundo a idade e a posição. A comida circula de mão em mão. Ainda bebendo, os homens põem-se a dançar, ora formando côros ao som da flauta e da trombeta, ora saltando cada um de per si a ver quem mais alto salta e mais graciosamente cae de joelhos.

Na \*Bastetania as mulheres dançam também misturadas com os homens, cada uma tendo o seu par defronte, a quem de vez em quando dá as mãos.

Todos os homens vestem de preto, e, a dizer a verdade, não deixam os seus *sagos*, servindo-se delles como de cobertores nos seus leitos de palha seca; estes mantos, como os dos celtas, são feitos de lã grosseira ou de pelo de cabra. As mulheres só usam de mantos e vestidos de côr feitos de fio cruzado.

Nas terras interiores só se conhece pela carencia de moedas o commercio de troca, ou então cortam-se laminas de prata em bocadinhos que se dão em pagamento do que se compra.

Os criminosos condemnados á morte são precipitados; mas os \*parricidas são \*lapidados fóra do territorio, alem da fronteira mais afastada.

As ceremonias do casamento são as mesmas que na Grecia.

Os doentes, como antigamente se usava entre os \*assyrios, são expostos nas ruas, para provocar assim os conselhos dos que padeceram as mesmas molestias.

Anteriormente á expedição de \*Bruto estes povos não se serviam senão de barcos de coiro para atravessar os \*estuarios e lagos do seu pais; hoje começam tambem a ter embarcações cavadas num só tronco de arvore; mas o uso ainda está pouco divulgado.

O sal que recolhem é vermelho-purpura e só se torna branco sendo pisado.

Tal é o genero de vida destes montanhesees, e compreendendo sob esta denominação os diversos povos que marginam o lado occidental da \*Iberia até ao paiz dos \*vascões e aos montes Pyrenéus, a saber os callaicos, asturos e cantabros, que todos têm na verdade um modo de viver uniforme; poderia, sem duvida, fazer uma lista destes povos mais extensa; confesso que me não chega a coragem para tanto; retrocedo ante o fastio de tal transcripção, imaginando demais que ninguem terá prazer em ouvir nomes como os de Pleutauros, Bardyetas, Allobrigos, e outros ainda menos harmoniosos e menos conhecidos.

Gabriel Pereira (trad. de Estrabão,  
*Geographia*, liv. III).

---

## 27

### Conquista da península iberica pelos romanos

(206 a 24 \*A. C.)

Era, emfim, chegado o tempo em que o longo braço de ferro da republica romana devia cingir a Hispanha para só a arrojara de si exausta e transfigurada nas mãos dos \*barbaros do norte.

Durante a guerra de Annibal em Italia, uma armada transportou a \*Ampurias (Emporion) as forças romanas capitaneadas por \*Cneu-Scipião. Os desastres e a morte deste e de seu irmão Publio trouxeram ao theatro da guerra o moço Scipião, chamado depois o africano. Em quatro annos (210 a 206 antes de J. C.)<sup>1</sup> elle expulsou os carthaginezes e voltou a Roma rico de triumphos, deixando subjugada esta provincia. Daqui data a epocha da completa transformação da península.

A guerra da conquista romana durou por duzentos annos; a resistencia que os hispanhoes oppunham a este novo dominio persuade que as accusações de oppressão feitas contra os carthaginezes são exaggeradas. Quando a lucta começou era a causa de Carthago, mais do que a propria, que elles defendiam. Isto vem confirmar o que acima dissemos; e é notavel que, ainda meio seculo depois da epocha em que Scipião se gabava de não ter deixado um só carthaginês na Hispanha, os lusitanos capitaneados por um homem dessa origem desbaratassem successivamente os exercitos romanos de \*Manilio e \*Pisão. Os odios mutuos que daqui nasceram protrahiram a guerra entre os novos senhores da península e os indigenas, muito depois de destruida Carthago. O genio militar do selvagem montanhês Viriato tornou por alguns annos duvidosa a victoria de Roma nos territorios do occidente, mas, apesar de repetidos levantamentos, o dominio dos senhores do mundo \*civilisado firmou-se afinal tranquillamente por toda a península á excepção dos desvios dos Pyreneus habitados pelos restos indomaveis da raça primitiva dos iberos, que nenhuma das invasões celta, phenicia, carthaginesa, podéra domar ou corromper.

Ajudada pela superioridade da sciencia militar, a \*civilisação romana devia ter acção immensa nessas sociedades imperfeitissimas dos indigenas, aos quaes faltava o \*vinculo da unidade nacional e que, misturados com as raças phenicia, grega e carthaginesa, tinham tomado costumes, vocabulos e ideias de cada um destes povos, sem que esses elementos adventicios tivessem tempo sufficiente para se incorporarrem perfectamente no elemento celtico e formarem com elle um todo \*compacto e \*homogeneo capaz de resistir á influencia civilisadora de Roma. Esta não empregava só as armas para assegurar a sujeição dos paises que subjugava, introduzia nelles as suas colonias, as suas leis, os seus costumes: trocava com elles até os deuses, recebendo os estranhos nos proprios templos, mas exigindo reciprocidade religiosa; dava a provar a esses homens rudes o luxo e os prazeres de que era mestra: recebia-lhes os productos da sua agricultura e industria e interessava-os assim por muitos modos na existencia e prosperidade da grande republica.

Alexandre Herculano, *Historia de Portugal*, Introd. 1.

<sup>1</sup> O texto original diz 220 a 216, datas erradas, que nos permittimos corrigir.

## Viriato

Vencidos os carthagineses por Scipião na batalha de \*Zama (202 \*A. C.), e terminada logo depois a segunda guerra \*punica, ficou a Hispanha sujeita á dominação dos romanos, que a dividiram em duas provincias: \* *Citerior* e *Ulterior*. A *Ulterior* comprehendia a *Betica* e a *Lusitania*. Pouco tempo os lusitanos se conservaram submissos aos seus soberbos dominadores. No intervallo que decorre do anno de 195 até ao anno 147 antes da nossa era, muitas sublevações parciaes inquietaram os \*prettores, ou \*proprettores romanos: Appio Claudio Nero, Porcio Catão, Sexto Digicio, Scipião Nasica, Lucio Emilio Paulo, Calpurnio Pisão e outros.

Nem sempre a victoria corou os defensores da independencia; porém as palmas que os invasores colhiam de quando em quando, eram sempre compradas a preço de muito sangue. Distinguiram-se nestas gloriosas luctas tres valentes \*cabos lusitanos, Apimano, Cesarão e Canthero. A sua fama foi todavia quasi totalmente eclipsada pela de um heroe, a cujo esforço, actividade, pericia militar, perseverança, \*frugalidade e desinteresse, fazem unanimemente os maiores elogios os historiadores de Roma, Livio, Floro, Valerio Maximo, Justino e Appiano. Um acto da mais negra perfidia deu occasião a que se manifestassem os grandes dotes do animo e do coração deste homem extraordinario.

Sergio Sulpicio Galba, tendo sido desbaratado completamente pelos lusitanos, quis desferrar-se da perda e da affronta, praticando um acto de atroz \*aleivosia. Havendo, com fingidas promessas de paz e de alliança, feito reunir os povos de tres cidades das mais \*bellicosas, não longe do Tejo, tendo-os persuadido a que concorressem sem armas, como prova de confiança na lealdade da grande nação, de improviso caiu sobre elles com as suas \*cohortes,

e os passou á espada. Valerio Maximo faz subir a nove mil o numero destes infelizes. Viriato, que teve a dita de escapar a tão horrivel carnificina, jurou pelos \*manes das victimas vingar tamanha atrocidade.

O seu exemplo foi seguido pela flor dos moços lusitanos. Então se travou uma das mais gloriosas luctas, que em tempo algum se tenham sustentado em defesa da liberdade de uma nação; lucta que durou longos annos.

Debalde enviou Roma contra os lusitanos os mais acreditados generaes, Vetilio, Plancio, Unimano, Fabio Maximo, Serviliano. Alguns delles alcançaram, sim, \*ephemeras vantagens em recontros parciaes; todos, porém, foram successivamente derrotados em bem feridas batalhas; nenhum conseguiu domar, nem ainda enfraquecer os brios do antigo pastor do monte *Herminio* (serra da Estrella) e de seus denodados companheiros. — Quinto Servilio Scipião, não se atrevendo a tentar a sorte das armas, \*peitou alguns cabos da intima confiança do grande capitão, e querendo evitar o desgosto de se ver vencido, não duvidou manchar-se com o indelevel \*labeo de traidor. Os infames Ditalco<sup>1</sup>, Audas e Minucio apunhalaram o heroe, quando tranquillamente dormia, descansando das continuas fadigas diurnas (439 A. C.)<sup>2</sup>.

Antonio José Viale, *Novo Epitome da Historia de Portugal*,  
pag. 10, 3.ª ed. (Seculo XIX.)

## 29

### Sertorio

Sertorio, general romano esforçadissimo, tendo sido vencida a parcialidade de Mario a que pertencêra, \*proscripto

<sup>1</sup> O texto original tem Dictaleão, Aulaces e Minuro.

<sup>2</sup> O texto original tem a data de 140.

por Sulla, se havia refugiado na Africa. Sendo a isso convidado pelos lusitanos, os veiu capitanear na nova lucta que iam commetter com o intento de sacudirem o aborrecido jugo estrangeiro (81 A. C.). Abriu-se a campanha, tendo Sertorio sob o seu commando mil e seiscentos soldados, que denominava romanos, setecentos africanos, quatro mil infantes lusitanos, com \*obra de setecentos cavallos. Á frente de tão diminuto corpo de tropas, começou a pelejar contra forças desproporcionadamente superiores. Engrossando depois o seu exercito, teve de luctar com passante de seis mil romanos, ou alliados de Roma, e com seus mais valorosos e \*peritos capitães, entre os quaes se contaram Metello e o grande \*Pompeu. . .

Rechaçadas mais de uma vez as invasões dos romanos, não faltou ao illustrado \*caudilho tempo para se occupar em fazer florescer as lettras na sua patria adoptiva; para o que fundou em \*Osca uma escola onde ellas se estudassem a expensas publicas.

Quasi oito annos durou a porfiosa lide dos lusitanos e de outros povos da Hispanha sob o mando supremo de Sertorio, contra o poderio romano; lide que, como a precedente sustentada por Viriato, só terminou em resultado de uma negra traição.

O \*consul Metello, mais de uma vez escarmentado em recontros sañguinolentos, quasi sempre adversos, e receoso das consequencias da alliança celebrada por Sertorio com o formidavel inimigo de Roma na Asia, o grande \*Mithridates, prometteu avultada recompensa a quem matasse o proscripto guerreiro. Perpenna, logar tenente do bravo defensor da liberdade hispanica, apunhalou em Osca, na occasião de um solemne banquete, o seu chefe e bemfeitor (74 antes de Christo). Em logar, porém, do promettido premio de cem talentos de prata e vinte mil geiras de terra, o infame assassino houve o merecido galardão, sendo-lhe decepada a cabeça por ordem de Pompeu.

Desalentados os lusitanos pela morte de Sertorio, cujo successor Marco foi pouco depois desbaratado, submette-

ram-se a Pompeu e se conservaram em socego por alguns annos.

Antonio José Viale, *Novo Epitome da Historia de Portugal*,  
3.ª ed., pag. 13 e 14.

## 30

## Invasões dos barbaros do norte

A Hispanha e portanto a Lusitania não podia escapar á fatal alluvião dos \*barbaros do norte, que veiu dissolver o imperio romano.

Nos principios do v seculo diferentes tribus ou nações destes, depois de terem assollado as Gallias, atravessaram os Pyrineus no anno de 409, deitaram sortes sobre a parte do país onde cada um se estabeleceria, diz um historiador. Aos \*alanos tocou a Lusitania; aos suevos e aos vandalos a \*Gallecia e Braga; e para a \*Betica passou uma outra tribu de vandalos, chamados Silingos.

Dentro em pouco tempo romperam uns com os outros. Os alanos já no anno de 420 tinham desaparecido ou estavam confundidos com os suevos. Os vandalos em 429 passaram para a Africa; e assim ficaram os suevos unicos senhores do país. Obrigados, porém, a defender-se das tropas romanas, que ainda occupavam o norte da Hispanha, e sobretudo esmagados pelo numero e valor dos \*godos, que das Gallias, onde primeiro se haviam estabelecido, seguindo a mesma direcção, dilatavam o seu poder á quem dos Pyrenéus, de tal maneira decaíram que na historia apenas se pôde encontrar seguida a serie dos seus reis até Audica<sup>1</sup> (o qual, vencido pelos godos, foi obrigado a \*tonsurar-se em 585)...

Os godos, oriundos tambem dos paeses do norte, inva-

---

<sup>1</sup> O texto tem *Andeca*. Corrigimos a fórma pela lição de J. Grimm, etc.

diram varias provincias do imperio, divididos em duas tribus, ostrogodos e visigodos. Estes ultimos vieram finalmente estabelecer-se na Gallia \*Narbonense, donde passaram para a Hispanha. O seu rei Leovegildo, depois de extinto o reino dos suevos, dominou em toda a peninsula; estabeleceu a sua côrte em Toledo e fundou um imperio poderoso e memoravel.

M. A. Coelho da Rocha, *Ensaio sobre a Historia do governo e legislação de Portugal*, 4.ª ed., pag. 15 e 17. (Seculo xix.)

## HISTORIA MEDIEVAL

### 31

#### Conquista da Peninsula pelos mussulmanos

(711 da era christã)

#### I

As \*dissensões do imperio wisigothico trouxeram á Hispanha os \*mussulmanos. Estes acabavam de conquistar aquella parte da Africa do norte a que chamámos Berberia, do nome dos povos que desde tempo remotos a habitaram. Os \*berbers ou amazighs, que antes de \*subjugados pelos \*arabes seguiam diversas religiões, entre as quaes o christianismo e o judaismo, vieram a receber a final em grande parte a lei do \*Koran e a alliiarem-se pelos laços da crença com os vencedores.

Musa Ibn Nosseyr, nomeado \*amir de Africa pelo \*khalifa de \*Damasco (702), soube attrahir a maior parte delles ao \*islamismo e pacifical-os. Septum, a moderna Ceuta, com o território vizinho, era desde o tempo dos romanos uma dependencia da Hispanha, e os visigodos haviam-na conservado unida á \*monarchia. O amir tentára apossar-se daquella cidade, mas fôra repellido pelo conde Juliano, que a governava em nome de \*Witiza. Dahi a pouco este foi derribado do throno, segundo parece, por uma \*conspiração, na qual entrava Ruderico ou Rodrigo, que lhe succedeu (709). Witiza deixava dois filhos que procuraram, ou publica ou secretamente, arrancar a corôa áquelle que consideravam como \*usurpador. Juliano associou-se a esta nova conjuração e sollicitou os soccorros de Musa, abrindo-lhe as portas de Ceuta e incitando-o a enviar uma expedição á Peninsula. Depois de duas tentativas de desembarque, das quaes os mussulmanos ou sarracenos (denominação que mais vulgarmente lhes davam os christãos), levaram ricos despojos, o amir enviou um exercito de doze mil homens, composto



em grande parte de africanos e capitaneado por Tarik Ibn Zeyad, seu logar-tenente no governo de \*Moghreb (Mauritania). Juliano acompanhava os mussulmanos, e a expedição, aportando nas raizes do Calpe, esperou, fortificando se alli, os reforços que brevemente lhe chegaram. Desde então o Calpe trocou o seu antigo nome pelo de Monte de Tarik (Gebel Tarik, Gibraltar). Pouco tardou o general mussulmano a entrar-se na Peninsula, e enquanto Ruderico ajuntava forças para se lhe oppôr, elle assolava as provincias do sul, desbaratando as \*partidas de godos que intentavam obstar ás suas correrias. A final, os dois exercitos encontraram-se nas margens do Chryssus ou Guadalete. Deu-se uma batalha, acerca de cujas circumstancias se lêem nos historiadores arabes e christãos as narrações mais encontradas. É, porém, indubitavel que esta \*jornada foi decisiva e que nella se fez pedaços o imperio wisigothico.

Os godos ficaram completamente destroçados, e Ruderico, segundo parece, pereceu no conflicto. Os despojos enviados por Tarik a Musa com a noticia da victoria despertaram a inveja e a ambição do amir. Em vez de o louvar por aquelle illustre feito, ordenou-lhe que sobrestivesse na conquista até elle passar o Estreito com tropas de refresco. Era já tarde. Tarik havia seguido ávante quando lhe chegaram as ordens de Musa. Consultados os capitães do exercito sobre o que se devia naquelle caso praticar, resolveram que se proseguisse a victoria. Assim se fez. Mugheyth Al-rûmi, \*renegado grego, que era o general da cavallaria, marchou para Cordova; uma divisão foi enviada contra Malaga e a outra contra \*Elvira. Com o resto das forças Tarik dirigiu-se a Toledo, então capital da Hispanha.

Estes diferentes corpos espalharam o terror por toda a parte. Os judeus, mui numerosos na Peninsula e opprimidos pelos godos, unindo-se aos vencedores ajudavam-nos a apoderarem-se das povoações que combatiam. Toledo, ao approximarem-se os sarracenos, abriu-lhes as portas, enquanto os principaes da cidade, e entre elles o bispo Sinderedo, fugiam para as montanhas do norte, caminho que, depois de submettida a cidade, tambem seguiu Tarik proseguindo nas suas conquistas.

## II

Entretanto, Musa desembarcava em Hispanha e, depois de tomar Sevilha, que tentára resistir, encaminhou-se para a Lusitania, provincia cuja denominação e limites do tempo dos romanos ainda os wisigodos conservavam. Niebla, Ossuna, Mertola, Beja cairam-lhe rapidamente nas mãos. Merida defendeu-se valorosamente, mas, emfim, succumbiu. Enviando a Sevilha, que se \*rebellara, seu filho Abdu-l-aziz, o amir partiu de Merida para Toledo, sujeitando as povoações que encontrava na passagem. Em Talavera, Tarik veiu ter com elle e entraram ambos concordes, segundo parecia, na capital, deixando as tropas acampadas

fóra. Apenas, porém, chegou aos paços reaes ou alcaçar, como os arabes lhes chamavam, Musa ajuntou os cabos do exercito e perante elles accusou Tarik de desobediente; teria, até, practicado algum acto de extrema violencia contra o seu logar-tenente, se Mugheyth não houvera tomado a defesa do accusado de modo que conteve a colera do amir, o qual se contentou com despojar do mando e prender o general que ousara tomar-lhe uma parte da gloria que elle cubiçava só para si.

Abdu-l-azir, tendo neste meio tempo submettido de novo Sevilla, dirigira-se para o sueste da Península ainda não subjogado.

Theodmiro, celebre capitão godo e \* duque ou governador de uma parte da Betica, havia-se retirado para alli depois da batalha de Guadalete com os restos do exercito e formara um como simulacro da monarchia gothica no territorio das modernas provincias de Murcia e Valencia. Por muito tempo o esforçado Theodmiro resistiu a Abdu-l-azir; mas, desbaratado nas planicies de Lorca, onde fora constrangido a acceitar com forças inferiores uma batalha campal, acoiheu-se com as \* reliquias das suas tropas a Orihuela (Auriola). Sitiado pelos sarracenos, viu-se reduzido, depois de brava resistencia, a acceitar o jugo mussulmano, posto que com vantajosas condições, sendo reconhecido por principe dos godos, mas tributario, nos \* districtos que dantes regia. O pacto feito por essa occasião foi-nos conservado pelos historia-dores arabes.

Nesse tempo chegara a Hispanha uma ordem do Khalifa para que Tarik fosse libertado e restituído á sua dignidade. Recebendo em virtude desta resolução suprema o mando das tropas, principalmente berbers ou mouriscas com que vencera os godos junto do Guadalete, Tarik marchou para o lado do oriente enquanto Musa com os seus arabes se dirigia para o norte destruindo as povoações que lhe resistiam. De \* Astorga o amir, voltando para a direita e seguindo o curso do Douro, foi ajuntar se com o seu rival, que transposera as serras de Molina e de Siguenza e sitiara Saragoça sobre o Elbro. Com a chegada de Musa os habitantes perderam toda a esperança de poderem resistir e deram-se a \* partido. Tomada Saragoça, todas as cidades principaes de Hispanha se achavam em poder dos mussulmanos, que em pouco tempo se assenhorearam das modernas provincias do Aragón e da Catalunha, e dalli retrocedendo para o occidente, sujeitaram a Galliza.

A rivalidade entre os dois capitães sarracenos tinha-se convertido pelo procedimento de Musa em odio profundo. O caracter de Tarik era opposto naturalmente ao do emir. Ambos valentes e emprehendedores, procediam diversamente na conquista. Musa mostrava-se cubiçoso, sanguinario, oppressor para com os christãos; Tarik generoso, clemente, justo. Na sua correspondencia com Al-Walid, khalifa de Damasco, ambos se accusavam mutuamente e affirmavam que o systema do seu \* émulo era contrario aos interesses do islamismo. A má vontade entre os dois subira a tal ponto que Al-Walid julgou necessario tirá-

os da península e chamá-los á sua presença. Tarik obedeceu immediatamente; porém Musa differiu a sua partida até que ordens mais apertadas o constrangeram a deixar a Galliza, onde então se achava, e passar á Africa, nomeando para exercer o amirado em Hispanha seu filho Abdu-l-azir e estabelecendo-lhe por capital Sevilha. Os historiadores arabes não se cançam de exaggerar as riquezas que levava e dizem que só de captivos o seguiam trinta mil, entre os quaes quatrocentos godos da classe nobre, como testemunhas da importancia da conquista.

Alexandre Herculano, *Historia de Portugal*. (Introd. II).

### 32

#### Devoção heroica de Egas Moniz

Os historiadores modernos suppõem que foi unicamente em 1128 que as discordias entre D. Thereza e seu filho (D. Affonso Henriques) chegaram a declarada ruptura. Nós persuadimo-nos de que as primeiras tentativas de rebellião começaram um anno antes e de que a narração das \*chronicas do seculo XVI póde não se affastar absolutamente da verdade nesta parte. Em tal presupposto, eis, segundo a nossa opinião, como devia passar o successo.

As terras de Portugal em que dominavam ou influíam os \*parcias de Affonso Henriques começaram a rebellar-se nos principios de 1127. Entre ellas Guimarães, a antiga côrte do conde Henrique, declarou-se pelo infante que ahi se achava. A invasão de \*Affonso VII veio então impedir ou antes adiar a guerra civil. Na sua marcha victoriosa o rei de Leão, rendidos outros \*castellos e povoações, pôs sitio a Guimarães; porque ao principe não importava por certo se era sua tia (D. Thereza) ou seu primo que regia Portugal; importava-lhe que esta provincia reconhecesse a sua auctoridade suprema.

Depois de alguma resistencia, vendo que as suas forças não bastavam para repellir os cercadores, os \*barões e \*cavalleiros encerrados nos muros de Guimarães declararam em nome do moço Affonso que elle se consideraria de futuro \*vassallo da corôa leoneza. Egas Moniz, poderoso fidalgo, cujos senhorios se dilatavam pelas margens do alto Douro e que, talvez mais que nenhum, gosava a reputação de homem leal, ficou por fiador da promessa. O rei de Leão levantou o cerco e, depois de reduzir á obediencia D. Thereza, retirou-se para Galliza. Quando, porém, os successos de 1128 entregaram Portugal nas mãos do filho do conde Henrique, elle esqueceu as promessas de Guimarães, e com elle as esqueceram os barões portuguezes. Só Egas Moniz se lembrou do que jurara. Seguido de sua mulher e filhos dirigiu-se á corte do monarcha e, apresentando-se perante elle descal-

ço e com uma corda ao pescoço, pediu para resgatar com a morte a sua palavra nunca trahida. Era grande a colera de Affonso VII; mas venceu-o aquella inaudita façanha de lealdade. Deixou-o partir solto e livre e, o que mais era para o nobre cavalleiro, sem a taxa de deslealdade.

Alexandre Herculano, *Historia de Portugal*, liv. 1.

## 33

## Tomada de Santarem por D. Affonso Henriques (1147)

## I

Affonso I tinha feito \*treguas com os sarracenos. Um certo Menendo ou Mem Ramires, homem astuto, cauteloso e atrevido, foi enviado a Santarem para examinar qual seria o sitio do castello mais accessivel de noite e qual o atalho mais seguro para chegar ao pé delle. Voltou Mem Ramires, depois de ver tudo attentamente, dizendo ser o negocio não só possivel, mas, até, facil, e gabando-se de que iria adiante de todos erguer o pendão real sobre o muro do \*castello e quebrar os ferrolhos das portas por onde os outros entrassem. Assignalou então o rei o dia em que deviam sair de \*Coimbra para a empresa: foi uma segunda feira. Affonso levava consigo os homens d'armas de Coimbra. além de alguns cavalleiros seus, capitaneados por Fernando Peres. Ao segundo dia de marcha um certo Martim Mohab, provavelmente sarraceno renegado ou mosarabe, partiu com mais dois para intimarem aos de Santarem que as treguas ficavam rotas por tres dias. A pequena \*hoste havia caminhado para sudoeste, com o fim talvez, de não despertar suspeitas, visto que, annunciada a quebra da paz, os exploradores sarracenos deviam principalmente vigiar a estrada de Coimbra. Chegando á serra de \*Albardos a cavalgada fez um angulo para o oriente, seguindo ao longo das serras que se estendem naquella direcção e chegou a \*Pernes ao romper da alva da sexta feira. Acamparam. As marchas, pelo menos as ultimas, tinham sido feitas de noite, e a gente que o rei trazia ignorava qual era o alvo da correria, porque Affonso só revelara o seu designio a Mem Ramires e ao prior de \*Santa Cruz, Theotonio. Em Pernes, porém, elle lhes patenteou tudo, animando-os com dizer-lhes que tinha comprado alguns vigias do castello, postoque assim não fosse. A tentativa assustou os cavalleiros, não por si; mas pelo principe, que viam offerecido a tamanho risco. Insistiam em que não os acompanhasse; achando-o, porém, inabalavel, prepararam-se para aquelle arduo feito. Partindo ao anoitecer, juntaram-se os peões e cavalleiros a pouca distancia da povoação ameaçada e tomaram por um valle entre o monte Iraz ou Motiraz e a fonte de Tarmarmá, assim chamada pela doçura das suas aguas. Ia na frente Mem

Ramires como pratico; e, não presentidos pela povoação adormecida aproximaram-se dos muros do castello.

O \*desenho para saltar aquella fortaleza \*inexpugnavel tinha sido de antemão traçado pelo rei, que para isso aproveitara as informações de Ramires. Haviam-se feito dez escadas, a cargo cada uma de doze homens d'armas escolhidos, os quaes, portanto, sommavam cento e vinte. Doze \*golpes de gente, de dez soldados cada um, subiriam assim successivamente ao muro no sitio que indicara o espia e que era uma \*quadrella ou lanço onde os sarracenos não costumavam collocar escaldas ou vigias nocturnas. Subidos todos, deviam hastear a signa ou pendão real sobre as \*ameias, de modo que se podesse enxergar á luz duvidosa da noite e depois, descendo do \*adarve ou andaime da muralha para a \*corredoura interior, quebrar os ferrolhos das portas por onde entrariam os que ficavam de fóra. O que especialmente se recommendava aos cento e vinte que tinham de subir á \*escala era que naquelle primeiro impeto, enquanto os inimigos estavam somnolentos e \*inermes, não perdoassem nem a homens, nem a mulheres, nem aos velhos, nem ás creanças. Os gritos variados dos moribundos, o sangue correndo em torrentes, aquelle relampaguear incessante dos ferros e o som rouco dos golpes \*indiscriminados espalhariam tal confusão, terror tão profundo, que a defesa se tornaria impossivel, e o castello seria sem grande custo subjugado.

Tal era o plano; mas o alvitre que occorrera a Affonso para tomar os defensores de Santarem descuidados não aproveitou por demasiado subtil.

## II

Vimos que na terça feira o rei enviara mensageiros a declarar que as treguas ficavam por tres dias suspensas. O prazo terminava na sexta feira, e era durante elle que os sarracenos deviam redobrar de vigilancia e cautella. Nos termos da declaração feita por \*Ibn Errik, expirado o prazo era natural que, após tão longa anciedade não vendo movimento algum, elles se limitassem de novo ás prevenções ordinarias. Assim na noite do sabbado, destinada para o assalto, tornava-se probabilissimo que os \*atalaias e \*roldas estivessem descuidados. Se como parece o calculo foi este, calculo na verdade não isento de perfidia, as esperanças dos christãos falharam em parte. No logar onde habitualmente não havia sentinellas descobriam-se agora duas que mutuamente se espertavam a vozes. A pequena hoste, cuja retaguarda o principe fechava, parou então no meio de uma seara, esperando que os vigias adormecessem com a \*modorra do \*quarto d'alva. Largas horas lhes deviam parecer estas em que esperavam, mas os dois mussulmanos cederam por fim ao somno. Pelo tecto da casa de um oleiro \*contigua ao muro, Mem Ramires coseu-se com este e procurou com a ponta da lança segurar uma escada ás ameias; mas falhando-lhe o

tiro, a escada caiu com grande ruido. Não \*titubeou elle entre a vida e a morte e, curvando-se, ergueu sobre os hombros um soldado, que lançou as mãos á aresta da muralha, e, pulando acima, pôde amarrar a escada a uma das ameias. Num relance o alferes subiu com o pendão real e hasteou-o. Quasi a um tempo Mem Ramires se achou ao pé d'elle. Tudo isto fora obra de um instante; mas o ruido despertara, de feito, as sentinellas.

Olharam: o pavoroso estandarte do tyranno Ibn Errik estava lá como o espectro da morte. Estupefactos, perguntaram ambos em voz tomada: «Quem sois?» Fora impossivel enganá-los. Tres vezes clamaram em brados confusos: «\*Nazarenos!» Tres eram tambem os christãos que se achavam no adarve. Mem Ramires respondeu com o grito de guerra: «Santiago e rei Affonso!» A voz do rei, sobrelevando ás do tropel que o cercava, retumbou então por cima da estrupida. Bravadava por Santiago e pela Virgem, e ao mesmo tempo dizia aos que estavam no adarve: — «Eis-me aqui; eis-me aqui! — Mettei-os á espada! — Nem um escape do ferro!» Entretanto tinham arvorado outra escada, e vinte cinco homens d'armas estavam em cima. A vozearia dentro e fóra do castello era já confusa e medonha.

Affonso dividiu as suas pequenas forças em dous corpos, um que tentasse escalar o muro pela direita, outro que tomasse o caminho do \* arrabalde assentado na margem do rio, para que os sarracenos não viessem por aquella parte impedir-lhe o aproximar-se da estrada. Ao mesmo tempo os vinte cinco esforçados tentavam quebrar as portas, arremessando pedras contra ellas, mas debalde, até que, atirando os de fóra um malho de ferro por cima do muro, puderam os que se achavam dentro partir com elle os ferrolhos. Despedaçado o \* dique, a torrente precipitou-se dentro do castello. Affonso, movido pelo impeto do \* entusiasmo religioso, ajoelhou no limiar d'aquellas portas que mal cuidava se haviam tão facilmente de abrir para o receberem vencedor. Seguiu-se uma resistencia inutil e uma larga carnificina. Os raios do sol, que nascera entretanto, não encontraram já sobre o \* roqueiro castello o estandarte do \* Islam derribado nessa noite (15 de março) para nunca mais se erguer sobre as torres da \* opulenta Santarem.

A. Herculano, *Historia de Portugal*, liv. II.

## 34

### Lenda do cavalleiro Henrique

Estando já a cidade de Lisboa sob o poder dos christãos, aconteceu que enterraram um dia no mosteiro de

S. Vicente um cavalleiro que tinha nome Henrique e foi natural de uma villa que dizem \*Bonna e que está quatro leguas alem de Colonia, cavalleiro bom, bom fidalgo e de todos bons costumes, que fôra morto na entrada da cidade, vertendo de vontade o seu sangue entre os moiros, pela paixão de nosso salvador Jesus Christo. E jazendo este cavalleiro enterrado no dito mosteiro, Nosso Senhor Jesus Christo que sempre quer dar galardão a todos aquelles que o servem, fazia por elle muitos milagres naquella sepultura.

Havia então ahi dois mancebos que vieram com este cavalleiro de terras de Colonia e com as outras companhias que vieram na frota contra os moiros; e estes mancebos eram ambos surdos e mudos de sua nascença; e foram um dia ao \*moimento daquelle cavalleiro e deitaram-se junto d'elle, pedindo a Deus mercê pelos merecimentos do santo cavalleiro. E elle appareceu-lhes em habito de \*palmeiro, trazendo em sua mão um bordão de palma e disse-lhes:

— Erguei-vos, folgae e tende grande prazer; ide, fallae e ouvi, que pelos meus merecimentos e destes outros martyres que aqui jazemos neste mosteiro, tendes ganhado graça de Nosso Salvador Jesus Christo.

E depois que lhes disse isto, desapareceu e os mancebos acordaram \*ledos e sãos e quites de toda enfermidade.

Chronica da fundação do mosteiro de S. Vicente, cap. vi.

## 35

### Alcaçer do Sal no seculo XII

\*Alcaçer achava-se no seculo XII decaída da anterior grandeza; mas ainda se distinguia pelo \* pinturesco do sitio e pelo seu aprazivel aspecto. Assentada nas margens do Chetawir, grande numero de embarcações subiam e desciam o rio carregadas com as mercadorias que lhe alimentavam o commercio, necessariamente activo pela proximidade da populosa e opulenta laborah (Evora). Cercavam-na por todos os lados extensos pinhaes, e as madeiras que nelles se cortavam constituíam um dos principaes objectos de \* exportação. Naturalmente fer-teis, os seus arredores eram ricos de gados, que produziam abundan-

cia de \*lacticínios e carnagens. O mel que ahí se recolhia formava uma porção da sua riqueza.

Tal é o quadro que, apesar da decadencia politica de Alcacer, ainda nos fazem della os escriptores arabes do seculo XII.

Da sua importancia militar, da fortaleza do castello que a defendia é \*argumento quanto sangue custou aos christãos conquistá-la e reconquistá-la depois de perda de novo. Hoje de tudo isto restam apenas largos \*pannos de muros rotos e pendidos, torres derrocadas ou fendidas, que vacillam e ameaçam esmagar parte da povoação assentada a seus pés. Os bosques desappareceram em grande parte, e os prados, que alimentavam numerosos \*armentios converteram-se em alagadiços, donde mana a corrupção. As febres mortíferas do estio tingem o gesto dos habitantes de uma côr de cadaver, que harmonisa tristemente com aquellas pedras tombadas e pallidas, com os vestigios de duas grandes civilisações que passaram por essa terra de muitos seculos.

Á raiz do alto \*cubello sarraceno jaz o \*fuste da columna romana: á \*inscripção latina faceia o muro da que, talvez, foi \*mesquita mussulmana e que hoje é um pobre templo christão. Ruínas sobre ruínas, cimentadas com o sangue de muitos combates, e no meio dellas uma população enfezada e doentia, eis o que resta da bella Al-kaçr Ibn Abu Danés, afóra uma pouca actividade commercial que os erros dos homens não puderam destruir, porque dependia da situação do logar, \*emporio e mercado natural das terras \*sertanejas que \*demostram ao norte e oriente do Sado.

Alexandre Herculano, *Historia de Portugal*, liv. II.

## 36

### Antigas relações entre Portugal e os paizes \*escandinavos

Tem-se exaggerado um pouco, é certo, a raridade ou ausencia de communicação e de relações antigas entre Portugal e os paizes que entre nós se nomeavam vagamente por \*Frisia e \*Dacia.

Independentemente das remotas excursões, genericamente chamadas \*normandas, que não deixavam sómente a devastação e a morte, mas algumas vezes se assignalaram por \*embryonarias colonias nas costas meridionaes, a passagem frequente das expedições maritimas de \*cruza-



dos do norte constitue um dos factos historicamente mais importantes dos nossos primeiros reinados.

Habilmente aproveitadas pela politica portuguesa não sómente na conquista, mas na \*colonisação do paiz, essas expedições naturalmente promoviam o desenvolvimento das relações exteriores, contribuindo para tornar conhecido e procurado o novo reino christão do occidente europeu.

Lisboa, depois de conquistada aos mouros, offerecia uma \*escala e um abrigo excellente ás expedições que vinham do mar do norte, cheias de audazes aventureiros, engolfar-se no Mediterraneo em demanda das terras orientaes.

Uma especie de \*itinerario nautico \*dinamarquês do seculo xiii, indicando o caminho entre os dois mares, marca a grande cidade portuguesa como escala ordinaria dessa navegação, que se fazia até com relativa presteza: dez dias e oito noites, a contar da costa \*flamenga.

Nas lendas e memorias escandinavas, como na propria tradição domestica dos \*Waldemares, Portugal não era já um pais inteiramente desconhecido.

Á parte as expedições de Olaf e de Sigurd, de apagada e confusa tradição, em pleno reinado de D. Sancho I, no anno de 1189, uma forte armada de gente da Frisia e da Dinamarca viera ao Tejo, e \*juntamente com outra do rei português, assignalara-se na cruenta tomada de \*Alvor.

Contava sessenta embarcações e exaggera-se a dez ou doze mil o numero dos expedicionarios, denunciando-se vagamente entre os seus capitães um sobrinho do rei \*Knut, certamente de Canuto VI, o irmão e antecessor de Walde-mar II.

Luciano Cordeiro, *Berengella e Leonor.*

### Deusadeu Martins

Durante as guerras de D. Fernando I de Portugal com D. Henrique II de Castella, veiu Pedro Rodriguez Sarmento,

\*adiantado do reino de Galliza, pôr cêrco á villa de Monsão.

Apesar do forte castello, que ahi levantára el-rei D. Diniz, e das muralhas com que o cingira, a sua guarnição era tão desproporcionadamente pequena em relação ás forças que a sitiavam que foi mister confiar mais no seu valor e coragem do que na altura dos muros e na profundidade dos \*fossos. Os amiudados assaltos do inimigo eram sempre repellidos com bravura; mas a victoria custava tambem sempre muitas vidas.

Dizimados, portanto, de dia para dia pela furia dos combates; quasi rendidos ás fadigas de uma lucta sem treguas, e de vigalias sem repouso; faltos de mantimentos, e em breve a braços com a fome; desamparados já da esperança de soccorro, os valentes defensores de Monsão viam-se emfim chegados ás ultimas extremidades, em que arrefece o mais ardente valor e em que descorçôa a mais provada coragem.

Foi então que a Providencia, que muitas vezes se serve de um fraco instrumento para acções grandiosas, inspirou a uma mulher o como salvaria Monsão de cair em poder de tão desapiadados inimigos.

Deusadeu Martins, esposa do capitão mór daquella villa, Vasco Gomes de Abreu, era uma dessas mulheres de que a historia nos aponta exemplos que occultam em peito feminino um coração \*varonil. Em todas as occasiões de combate corria sempre veloz a tomar parte na defesa da villa, arremessando de sobre os muros pedras e materias inflammadas. Aonde o perigo era maior, lá apparecia com o denodo de um soldado corajoso, e animando a todos como o faria um chefe valoroso e dedicado. E quando as traças do inimigo conseguiram abrir brecha na muralha, logo nella foi vista a heroína a impedir-lhe o passo com a espada na mão.

Infelizmente tinham as coisas chegado a ponto em que estava passado o tempo para os actos de valor, isto é, em que era inutil para os sitiados todo o valor das armas. A

fome, zombando do esforço humano, ia pôr termo a tão heroica resistencia.

Deusadeu Martins, que emquanto teve pão para dar o ia repartindo pelos soldados; adiando dest'arte de dia para dia a hora fatal do rendimento da praça, chegou-se uma vez ao seu celleiro, e só encontrou nelle uma exigua porção de farinha, com que apenas poderia fabricar alguns poucos pães. A outra qualquer desfallecer-lhe-ia o animo, e romperia em lagrimas, vendo nesses miseros restos do seu provimento o triste annuncio da morte ou captiveiro. Porém, a uma alma daquella tempera a grandeza do infortunio costuma sempre exaltar o espirito e elevar o pensamento. E com effeito, a imminencia do perigo suggeriu-lhe uma ideia luminosa, que Deus se dignou de coroar.

A resoluta dama, sabendo que aos inimigos começava a escassear o pão, pega da farinha, manda-a amassar e cozer, e depois, enchendo o regaço com os pães, que ella produziu, sobe ás muralhas, e dahi os lança aos soldados castelhanos, dizendo-lhes :

— A vós, que não podendo conquistar-nos pela força das armas, nos haveis querido render pela fome, nós, mais humanos, e porque, graças a Deus, nos achâmos bem providos, vendo que não estaes fartos, vos enviâmos esse soccorro, e vos daremos mais, se o pedirdes.

Ficaram os inimigos tão desconcertados com esta acção, que os fez crer em que a praça estava abundante de mantimentos, que, perdendo a seu turno a esperanza de a submeter, e já cansados da duração do assedio, levantaram o sitio, e se recolheram a Galliza.

Foi celebrado na villa este inesperado successo com festas e regosijos proprios de quem passava para a vida, quando se achava entre os umbraes da morte. A heroína foi applaudida e victoriada como libertadora, e em honra sua e para memoria do feito, delle tomou a villa as suas armas, e alem disso mandou a camara pintar na sua bandeira o retrato daquella illustre dama. Depois da sua morte por longa serie de annos se praticou a cerimonia de se

abrir e ler todos os annos, em certo dia, junto da sua sepultura, a lista dos vereadores.

Consistem, pois, as armas de Monsão, em um meio corpo de mulher, com dois pães junto a si, sobre uma muralha. e em \* campo branco, com esta letra por cima — Deus a deu — commemorando assim o seu nome e alludindo á mercê divina.

I. de Vilhena Barbosa (*Archivo pittoresco*,  
vol. II, pag. 56). (Seculo XIX.)

---

## 38

### O castello de Faria

#### I

A breve distancia da villa de Barcellos, nas \*faldas do Franqueira, alveja ao longe um convento de franciscanos.

Aprazivel é o sitio, sombreado de velhas arvores...

O monte que se alevanta ao pé do humilde convento é formoso, mas aspero e severo, como quasi todos os montes do Minho... O espectador collocado no cimo daquella eminencia volta-se para um e outro lado, e as povoações e os rios, os prados e as \*fragas, os \*soutos e os pinhaes apresentam-lhe o \*panorama variadissimo que se descobre de qualquer ponto elevado da provincia de Entre-Douro-e-Minho.

Este monte, ora ermo, silencioso e esquecido, já se viu regado de sangue: já sobre elle se ouviram gritos de combatentes, ancias de moribundos, \*estridor de habitações incendiadas, sibilar de settas e estrondo de \*machinas de guerra.

O \*castello de Faria, com suas torres e ameias, com sua barbacã e fosso, com seus \*postigos e alçapões ferrados, campeou ahi como dominador dos valles vizinhos.

Castello real da idade media, a sua origem some-se nas trevas dos tempos que já lá vão ha muito; mas a febre lenta que costuma devorar os \*gigantes de marmore e de

granito, o tempo, coou-lhe pelos membros, e o antigo alcacer das eras dos reis de Leão desmoronou-se e caiu.

Ainda no seculo dezesete, parte da sua \*ossada estava dispersa por aquellas encostas: no seculo seguinte já nenhuns vestigios delle restavam. . .

Serviram os fragmentos do castello de Faria para se construir o convento edificado ao sopé do monte. Assim se converteram em dormitorios as salas de armas, as ameias das torres em bordas de sepulturas, os umbraes das \*balhesteiras e \*postigos em janellas \*claustraes.

O ruido dos combates calou no alto do monte, e nas faldas delle alevantaram-se a harmonia dos \*psalmos e o sussurro das orações.

Este antigo castello tinha recordações de gloria.

Os nossos maiores, porém, curavam mais de praticar façanhas do que de conservar os monumentos dellas. Deixaram por isso, sem remorsos, sumir nas paredes de um claustro pedras que foram testemunhas de um dos mais heroicos feitos de corações portugueses.

## II

Reinava entre nós D. Fernando. Este principe, que tanto degenerára de seus antepassados em valor e prudencia, fôra obrigado a fazer paz com os castelhanos, depois de uma guerra infeliz, intentada sem justificados motivos, e em que se esgotaram inteiramente os thesoiros do estado. A condição principal, com que se pôs termo a esta lucta desastrosa, foi que D. Fernando casasse com a filha de el-rei de Castella; mas brevemente a guerra se accendeu de novo, porque D. Fernando, namorado de D. \*Leonor Telles, sem lhe importar o contrato, de que dependia o repouso de seus vassallos, a recebeu por mulher, com affronta da princeza castelhana. Resolveu-se o pae a tomar vingança da injuria, ao que o aconselhavam ainda outros motivos. Entrou em Portugal com um exercito, e, recusando D. Fernando acceitar-lhe batalha, veiu sobre Lisboa e cercou-a.

Não sendo o nosso proposito narrar os successos deste sitio, volveremos o fio do \*discurso para o que succedeu no Minho.

O adiantado de Galliza, Pedro Rodriguez Sarmiento, entrou pela provincia de Entre-Douro-e-Minho, com um grosso corpo de gente de pé e de cavallo, emquanto a maior parte do pequeno exercito portuguez trabalhava inutilmente ou por defender ou por descercar Lisboa. Prendendo, matando e saqueando, veiu o adiantado até ás immediações de Barcellos, sem achar quem lhe atalhasse o passo; aqui, porém, lhe saiu ao encontro D. Henrique Manuel, conde de Ceia, e tio d'el-rei D. Fernando, com a gente que pôde ajuntar. Foi terrivel o conflicto; mas, por fim, foram desbaratados os portugueses, caindo alguns nas mãos dos adversarios.

Entre os prisioneiros contava-se o alcaide-mór do castello de Faria, \*Nuno Gonçalves. Saira este com alguns soldados, para socorrer o conde de Ceia, vindo assim a ser companheiro na commum desgraça. Captivo, o valoroso alcaide pensava em como salvaria o castello d'el-rei, seu senhor, das mãos dos inimigos. Governava-o em sua ausencia um seu filho; e era de crêr que, vendo o pae em ferros, de bom grado dêsse a fortaleza para o libertar, muito mais quando os meios de defensão escasseavam. Estas considerações suggeriram um ardil a Nuno Gonçalves. Pediu ao adiantado que o mandasse conduzir ao pé dos muros do castello; porque elle, com suas \*exhortações, faria com que o filho o entregasse sem derramamento de sangue.

Um troço de \*bêsteiros e de homens d'armas subia a encosta do monte da Franqueira, levando no meio de si o bom alcaide Nuno Gonçalves. O adiantado de Galliza seguia atrás com o grosso da hoste, e a costaneira, ou ala direita, capitaneada por João Rodriguez de Viedma, estendia-se, rodeando os muros, pelo outro lado. O exercito victorioso ia tomar posse do castello de Faria, que lhe promettera dar nas mãos o seu captivo alcaide.

De roda da \*barbacã, alvejavam as casinhas da pequena

povoação de Faria, mas silenciosas e ermas. Os seus habitantes, apenas enxergaram ao longe as bandeiras castelhanas, que esvoaçavam soltas ao vento, e viram o refulgir scintillante das armas inimigas, abandonando os seus lares, foram-se acolher no terreiro, que se estendia entre os muros negros do castello e a cêrca exterior ou barbacã.

Nas torres, os atalaias vigiavam attentamente a campanha, e os \*almocadens corriam com a \*rolda pelas \*quadrellas do muro, e subiam aos cubellos collocados nos angulos das muralhas.

O terreiro, onde se haviam acolhido os habitantes da povoação, estava coberto de choupanas \*colmadas, nas quaes se abrigava a turba dos velhos, das mulheres e das crianças, que alli se julgavam seguros da violencia de inimigos desapiedados.

### III

Quando o troço dos homens d'armas, que levavam preso Nuno Gonçalves, vinha a pouca distancia da barbacã, os bésteiros, que coroavam as ameias, encurvaram as \*béstas, os homens dos engenhos prepararam-se para arrojear sobre os contrarios os seus \*quadrellos e \*virotões, enquanto o clamor e o chôro se alevantavam no terreiro, onde o povo inerme estava apinhado.

Um \*arauto saiu do meio da gente da vanguarda inimiga e caminhou para a barbacã; todas as béstas se inclinaram para o chão, e o ranger das \*machinas converteu-se num silencio profundo.

— Moço alcaide, moço alcaide! bradou o arauto, teu pae captivo do mui nobre Pedro Rodriguez Sarmiento, adiantado de Galliza pelo muito excellente e temido D. Henrique de Castella, deseja fallar contigo, de fóra do teu castellô.

Gonçalo Nunes, o filho do velho alcaide, atravessou então o terreiro, e, chegando á barbacã, disse ao arauto:

— A virgem proteja meu pae: dizei-lhe que eu o espero.  
O arauto voltou ao grosso de soldados que rodeavam

Nuno Gonçalves, e, depois de breve demora, o \*tropol aproximou-se da barbacã. Chegados ao pé della, o velho guerreiro saiu dentre os seus guardadores, e fallou com o filho :

— Sabes tu, Gonçalo Nunes, de quem é este castello, que, segundo o \*regimento de guerra, entreguei á tua guarda, quando saí em soccorro e ajuda do esforçado conde de Ceia ?

— É, respondeu Gonçalo Nunes, de nosso rei e senhor, D. Fernando de Portugal, a quem por elle fizeste \*preito e menagem.

— Sabes tu, Gonçalo Nunes, que o dever de um leal alcaide é de nunca entregar, por nenhum caso, o seu castello a inimigos, embora fique enterrado debaixo das ruinas delle ?

— Sei, oh meu pae! proseguiu Gonçalo Nunes em voz baixa, para não ser ouvido dos castelhanos, que começavam a murmurar. — Mas não vês que a tua morte é certa se os inimigos perceberem que me aconselhaste a resistencia ?

Nuno Gonçalves, como se não tivera ouvido as reflexões do filho, clamou então :

— Pois se o sabes, cumpre o teu dever; sepultado sejas tu no inferno, como Judas o traidor, na hora em que os que me cercam entrarem nesse castello sem tropeçarem no teu cadaver.

— Morra! gritou o almocadem castelhano, morra o que nos atraíçooou!

E Nuno Gonçalves caiu no chão, atravessado de muitas espadas e lanças.

«Defende-te, alcaide!» foram as ultimas palavras que elle murmurou.

Gonçalo Nunes corria como louco ao redor da barbacã, clamando vingança.

Uma nuvem de frechas partiu do alto dos muros; grande porção dos assassinos de Nuno Gonçalves misturaram o proprio sangue com o sangue do homem leal ao juramento.



Os castelhanos accometteram o castello; no primeiro dia de combate o terreiro da barbacã ficou alastrado de cadaveres tismados, e de colmos e ramos reduzidos a cinzas. Um soldado de Pedro Rodriguez Sarmiento tinha sacudido com a ponta da sua longa chuça um \*colmeiro incendiado para dentro da cêrca; o vento \*suão soprava nesse dia com violencia; e, em breve, os habitantes da povoação, que haviam buscado o amparo do castello, pereceram juntamente com as suas frageis moradas.

Mas Gonçalo Nunes lembrava-se da maldicção de seu pae; lembrava-se de que o vira moribundo no meio dos seus matadores, e ouvia a todos os momentos o ultimo grito do bom Nuno Gonçalves:

— «Defende-te, alcaide!»

O orgulhoso Sarmiento viu a sua soberba abatida diante dos \*torvos muros do castello de Faria. O moço alcaide defendia-se como um leão, e o exercito castelhano foi constringido a levantar o cêrco.

Gonçalo Nunes, acabada a guerra, era altamente louvado por seu brioso procedimento, e pelas façanhas que obrara na defensão da fortaleza, cuja guarda lhe fôra commendada por seu pae, no ultimo transe da vida. Mas a lembrança do horrivel successo estava sempre presente no espirito do moço alcaide. Pedindo a el-rei o desonerasse do cargo, que tão bem desempenhara, foi depôr ao pé dos altares a \*cervilheira e o \*saio de cavalleiro para se cobrir com as vestes pacificas do sacerdocio. Ministro do sanctuario, era com lagrimas e preces que elle podia pagar a seu pae o ter coberto de perpetua gloria o nome dos alcaides de Faria.

Mas esta gloria não ha hoje ahi uma unica pedra que a atteste. As relações dos historiadores foram mais duradouras que o marmore.

Alexandre Herculano, *Lendas e narrativas*.

SECÇÃO SEGUNDA — POESIA

---

POESIA LYRICA

39

Invocação a Deus antes de começar o estudo

Tu, cujo amor em canticos  
Celebram sem cessar  
O mundo dos espiritos,  
O ceu, a terra, o mar!

Senhor, acolhe as supplicas  
De pobres filhos teus!  
Melhora-nos! illustra-nos!  
Ampara-nos, ó Deus!

Á \*luz disseste: Faça-se!  
E a noite em luz se fez:  
Dissipe igual \*prodigio  
A sombra em que nos vês!

Nas terras da ignorancia  
Não medra o santo amor.  
Illustra-nos! melhora-nos!  
Senhor! Senhor! Senhor!

Visconde de Castilho (Antonio Feliciano). (Seculo XIX.)

## 40

**Ave Maria!**

No sino da freguesia,  
Tres badaladas ouvi;  
Sobre a terra humida e fria,  
De joelhos, mesmo aqui,  
Oremos, que é findo o dia:  
Ave, Maria!

Descendo da serraania,  
Já o pastor ao curral  
Os fartos rebanhos guia:  
De abundancia, ao de hoje igual,  
Dá-lhe amanhã outro dia,  
Virgem Maria!

A mãe, que o filho cria,  
Já no berço o vae deitar:  
Um somno tranquillo envia  
Sobre o seu tecto pousar  
Até ao romper do dia,  
Virgem Maria!

Não deixes a ventania  
As negras asas abrir:  
Do p'rigo o \*nauta desvia  
Dá-lhe uma estrella a luzir  
Como luz o sol do dia,  
Virgem Maria!

Ao triste manda alegria,  
Ao que tem fome dá pão,  
A quem teu nome injuria  
Dá sincera \*contricção  
Antes do extremo dia,  
Virgem Maria!

Ao moribundo abrevia  
 As horas do padecer;  
 Livra-o de grande agonia;  
 Leva-o, depois de morrer,  
 Ao mundo do eterno dia,  
 Virgem Maria!

Francisco Palha. (Seculo XIX.)

## 41

## Maria

Refugio dos peccadores,  
 Consolação dos afflictos.

Quantas maguas, quantas dôres  
 Tendes vós alliviado,  
 Ó mãe do Crucificado,  
*Refugio dos peccadores!*  
 Quem ouve os nossos clamores  
 Quem acode a nossos gritos  
 Senão vós, olhos bemditos,  
 Senhora da Piedade!  
 Vós chamada com verdade  
*Consolação dos afflictos!*

João de Deus, *Campo de Flores*, pag. 371. (Seculo XIX.)

## 42

## Infancia

Quando eu era pequenino  
 (Tinha um covado de altura;  
 Em me isto lembrando, choro,  
 E no choro acho doçura),

Era o brinquinho de todos,  
Era da casa o regalo ;  
A mãe me trazia ao collo,  
O pae no hombro a cavallo.

Tristezas, penas, cuidados,  
Eram tanto para mim  
Como os risos de \*Glycéra,  
Como o dinheiro e o latim.

Fazia ideia do mundo  
Ser mais pequeno do que é :  
Mas suppunha-o mais alegre,  
E cheio de boa fé.

Nuvem da \*aurora ou poente  
Sempre cuidei ser papoilas,  
O iris, pedras mui finas,  
As estrellas, lentejoilas.

Custava-me em tantas joias  
Não poder pôr as mãosinhas :  
Que inveja vos tive ás asas,  
Ó mosquitos e andorinhas !

Se um monte apanha a lua,  
Quem me lá déra, dizia,  
A ver se é bem redondinha,  
E de que é feita, e se é fria !

Pois o sol ?! Como eu scismava  
De o ver cada tarde ao certo  
Ir todo alegre apagar-se  
No mar doirado e deserto !

E logo a manhã seguinte,  
Das nuvens rasgando o véu,  
Trazê-lo de novo acceso,  
Já doutra parte do ceu !

Mil coisas então pensava,  
 No meu juizinho estreito,  
 Ácerca do Pae celeste,  
 Que ao sol e a mim tinha feito!

Com devoção de creança  
 Punha as mãos e ajoelhava,  
 E as orações repetia,  
 Que a boa mãe me ensinava!

«Pae do ceu, fazei que eu siga  
 As santas leis que me daes,  
 Que seja amigo de todos,  
 Que vos agrade, e a meus paes.»

Depois rezava por elles,  
 Por minha irmã, pela gente  
 Que morava em cada choça  
 Da nossa aldeia innocente;

Pelo rei, que eu nunca vira,  
 E velhos pobres que eu via  
 Pagar-nos, com suas rezas  
 A esmola de cada dia...

Tempos de paz e de gosto!  
 De vós que resta?... A saudade;  
 Esta ao menos, Deus piedoso,  
 Me conserva em toda a idade.

Visconde de Castilho (Antonio Feliciano).

---

## 43

### Miseria

Era já noite cerrada,  
 Diz o filho: — «Oh! minha mãe,  
 «Debaixo daquella arcada  
 «Passava-se a noite bem!»

A cega, que todo o dia  
 Tinha levado a andar,  
 A taes palavras do guia  
 Sentiu-se reanimar.

Mas saltam dois cães de gado,  
 Que eram como dois leões!  
 Tinha-os á porta o morgado  
 Para o guardar dos ladrões.

Tornam os pobres á estrada,  
 E aonde haviam de ir dar?  
 Ao palacio da tapada,  
 Onde o rei ia caçar.

A ceguinha, meia morta,  
 Torna o filho: — Ó! minha mãe,  
 Alli, no vão duma porta,  
 «Passava-se a noite bem!

— Se os cães deixarem... (diz ella,  
 A triste, num riso amargo).  
 Com effeito, a sentinella:  
 — Quem vem lá?... Passe de largo!

Então ceguinha e filhinho,  
 Vendo a sua espr'ança vã,  
 Deitaram-se no caminho  
 Até romper a manhã!...

João de Deus (escriptor contemporaneo).

---

## 44

### Canção do lavrador

Na aldeia de cem vizinhos,  
 Na pobre choça senhor,  
 Vive alegre e satisfeito  
 O cansado lavrador.

Em paz se ergue, em paz se deita,  
 Não teme o mundo revolto :  
 Lavra seus campos de dia,  
 Dorme a noite a somno solto.

Tem mel das suas abelhas,  
 Tem o pão do seu \*cerrado ;  
 Leite das suas ovelhas,  
 Veste a lã que dá seu gado.

Seu comer sempre é gostoso,  
 Pois o ganha a sua agencia ;  
 E não leva misturado  
 Amargos da dependencia.

Popular na Beira Alta.

## 45

**Innocencias**

— Vês acaso, minha filha,  
 Aquella nuvem formosa  
 Que vem correndo no ceu ?  
 — Vejo, sim, minha mamãe,  
 E que linda côr de rosa  
 Que ella tem ; oh ! quem lh'a deu ?

— E vês, filha, lá mais longe  
 Aquella sombra que andando  
 Cada vez mais vem crescendo ?  
 — Ah ! mamãe, que tão escuro  
 Parece que vae ficando,  
 Vae como que anoitecendo !

— É isso mesmo, filhinha,  
 São horas já de deitar-te.  
 A noite não tarda vir !  
 Vem depressa, vem rezar,



E irás depois reclinar-te  
 Sobre o teu leito a dormir.  
 Olha, aquella nuvemzinha  
 Que vae da noite tremendo,  
 Doida a correr pelos ceus,  
 Quasi tonta de assustada,  
 Vae abrigar-se correndo  
 No vasto seio de Deus!

— Ah! mamãe, vou já dormir,  
 Vou cerrar os olhos meus  
 Porém não no leito meu;  
 Quero dormir em teu seio  
 Como no seio de Deus  
 A nuvemzinha no ceu!

Quintino Bocayuva, poeta brasileiro (Seculo XIX.)

## 46

### Filho e mãe

#### I

— «Adeus, mãe, adeus!...»

— «Menino,

Filho do meu coração,  
 Onde vaes tão pequenino?»

— «Correr mundo é meu destino;

Deus me dará protecção.

Adeus, mãe! ...»

— «Ó filho meu,

Porque não vives contente

Co'a sorte que Deus te deu?

Tua mãe é tão doente!...»

— «Mãe, se me não deixas ir...»

— «Que fazes?»

— «Ó mãe, consente!...»

— «Se não deixo?...»

— «Hei de fugir!»

— «Filho!»

— «Perdão... é destino.»

— «Mas tu és tão pequenino...»

— «Adeus, mãe; eu vou partir!»

— «Só tens dez annos, criança!

Com essa idade, onde vaes?»

— «Mãe, tenho em Deus confiança,  
Não preciso nada mais.»

— «Vae, meu filho; dizes bem  
Quem põe no ceu a esperança  
É que no mundo a não tem.

Vae, menino; vae, querido;

Eu fico sempre a chorar

Pelo meu filho perdido...»

— «Não chores que hei de voltar...»

Hei de trazer um thesoiro

Das terras dalem do mar...»

— «Oh!...»

— «De grossas contas de oiro

Te hei de fazer um collar.

Não chores, ó mãe querida;

Não chores que hei de tornar!»

— «Ai! filho da minha vida!

Nunca mais te torno a ver!

Filho, não vás, não me deixes,

Que te não quero perder.»

— «Mãe...»

— «Não quero!»

— «É meu destino...»

— «Não quero que vaes morrer!...»

— «Vou em busca da riqueza;

Ó mãe, confia no ceu...»

— Não, não, eu quero a pobreza

Ao lado do filho meu.  
 Não sejas ambicioso,  
 Filho do meu coração.»  
 — «Mãe, no instante doloroso  
 Da nossa separação,  
 Roga por mim ao Senhor...»  
 — «Se rogo! bem sei de certo,  
 Ó filho do meu amor,  
 Que neste mundo deserto  
 Só me fica immensa dôr!  
 Ai! eu jamais te verei...  
 Se tu sem mim não morreres,  
 Eu sem ti não viverei.»  
 — «Ó mãe!...»  
     — «Parte, e se voltares  
 Bem rico e muito feliz  
 E tua mãe não aches...  
 Não digas que Deus o quis...»  
 — «Mãe!»  
     — «Adeus; eu fico orando,  
 Porque sou mãe...»  
     — «Voltarei.»  
 — «Lembra-te de vez em quando...»  
 — «Oh! sempre me lembrarei!»

## II

Partiu o filho; e dez annos  
 Buscando fortuna em vão,  
 Só amargos desenganos  
 Encontrou sua ambição.

Pensando na mãe que amava,  
 Cuidando torná-la a vêr,  
 Noite e dia se cansava  
 Co'a desdita a combater.

Por fim, vencido e quebrado,  
 Mais pobre do que partiu,  
 Ao seu ninho abandonado  
 A saudade o conduziu.

Mas a mãe já não vivia  
 Quando o triste alli chegou ;  
 E deserta, muda e fria,  
 Sua morada encontrou.

Então no chão, de joelhos,  
 Cae humilde a soluçar,  
 Ao lembrar-se dos conselhos  
 Que não soube aproveitar.

Se a mãe tivera attendido,  
 Não fôra tão infeliz ;  
 Nem chorara um bem perdido  
 Que em outro tempo não quis.

Ai dos que não obedecem  
 Á doce voz maternal ;  
 Que nella não reconhecem  
 Affecto mais que mortal !

Ai delles ! a desventura  
 Que não prevenir a mãe,  
 Ninguem, nenhuma ternura  
 A póde prever tambem.

F. Gomes de Amorim, *Cantos matutinos*, 2.<sup>a</sup> ed. 1, n.º 45. (Seculo XIX.)

---

## 47

### A esmola do pobre

Nos toscos degraus da porta  
 De igreja rustica e antiga,  
 Velha, tremula mendiga,  
 Implorava compaixão.

Quasi um seculo contado  
De atribulada existencia,  
Eil-a, enferma e na indigencia,  
Que á piedade estende a mão.

Duas creanças brincavam  
A distancia, na alameda;  
Uma trajava de seda,  
Doutra humilde era o trajar!  
Uma era rica, outra pobre;  
Ambas loiras e formosas,  
Nas faces a côr das rosas,  
Nos olhos o azul do ar.

A rica, ao deixar os jogos,  
Vencida pelo canção  
Viu a mendiga, — e ao regaço  
Uma esmola lhe lançou.  
Ella recebe-a; e a criança,  
Que a soccorre compassiva,  
Em prece fervente e viva  
Aos anjos encommendou.

D'um ligeiro sentimento  
De vaidade possuida  
Á criança mal vestida  
Disse a do rico trajar:  
— O prazer de dar esmolas  
A ti e aos teus não é dado;  
Pobre como és, coitado,  
Aos pobres o que has de dar?

Então a criança pobre,  
Sem mais sombra de desgosto,  
Tendo o sorriso no rosto,  
Da igreja se aproximou;  
E após, serena, em silencio,

Ao chegar junto da velha,  
 Descobrimdo-se, ajoelha,  
 E a magra mão lhe beijou.

E a mendiga alvoroçada,  
 Ao collo os braços lhe lança,  
 E beija a pobre criança,  
 Chorando de commoção!  
 É assim que a caridade  
 Do pobre ao pobre consola.  
 Nem só da mão sae a esmola,  
 Sae tambem do coração.

Julio Diniz, *Poesias*. (Seculo XIX.)

## 48

### A orphã na costura

Minha mãe era bonita,  
 Era toda a minha dita,  
 Era todo o meu amor.  
 Seu cabello era tão loiro,  
 Que nem uma fita d'ouro  
 Tinha tamanho esplendor.

Suas madeixas luzidas,  
 Que caiam tão compridas,  
 Vinham-lhe os pés beijar.  
 Quando ouvia as minhas queixas,  
 Em suas aureas madeixas  
 Ella vinha-me embrulhar.

Tambem, quando toda fria,  
 A minha alma estremecia,  
 Quando ausente estava o sol,  
 Os seus cabellos compridos,  
 Como fios aquecidos,  
 Serviam-me de lençol.

Minha mãe era bonita,  
 Era toda a minha dita,  
 Era todo o meu amor.  
 Seus olhos eram suaves  
 Como o gorgueio das aves  
 Sobre a choça do pastor.

Minha mãe era mui bella,  
 Eu me lembro tanto della,  
 De tudo quanto era seu!  
 Tenho em meu peito guardadas  
 Suas palavras sagradas  
 Co'os risos que ella me deu.

Os meus passos vacillantes  
 Foram por largos instantes,  
 Ensinados pelos seus.  
 Os meus labios mudos, quedos,  
 Abertos pelos seus dedos  
 Pronunciaram me: — Deus!

Mais tarde, quando acordava,  
 Quando a aurora despontava,  
 Erguia-me com sua mão.  
 Fallando pela voz della,  
 Eu repetia singela  
 Uma formosa oração.

Minha mãe era mui bella,  
 Eu me lembro tanto della,  
 De tudo quanto era seu!  
 Minha mãe era bonita,  
 Era toda a minha dita  
 Era tudo e tudo meu.

Estes pontos que eu imprimo,  
 Estas quadrinhas que eu rimo,

Foi ella que me ensinou.  
 As vozes que eu pronuncio,  
 Os cantos que eu balbucio,  
 Foi ella quem m'os formou.

Minha mãe! — diz-me esta vida,  
 Diz-me tambem esta lida,  
 Este retrós, esta lã:  
 Minha mãe! — Diz-me este canto,  
 Minha mãe! — diz-me este pranto,  
 — Tudo me diz: — Minha mãe!

Minha mãe era mui bella,  
 Eu me lembro tanto della,  
 De tudo quanto era seu!  
 Minha mãe era bonita,  
 Era toda a minha dita,  
 Era tudo e tudo meu.

Luiz José Junqueira Freire, poeta brasileiro. (Seculo XIX.)

---

## APOLOGOS

### 49

#### O velho, o rapaz e o burro

O mundo ralha de tudo,  
 Tenha ou não tenha razão:  
 Quero contar uma historia  
 Em prova desta \* asserção.

Partia um velho camponio  
 Do seu \* monte ao povoado;  
 Levava um neto, que tinha,  
 No seu burrinho montado;



Encontra uns homens que dizem :

— Olha aquelle que tal é!  
Montado o rapaz que é forte,  
E o velho tropego a pé!

— «Tapemos a boca ao mundo»,  
O velho disse. «Rapaz,  
Desce do burro, que eu monto,  
E vem caminhando atrás.»

Monta-se, mas dizer ouve :

— Que patetice tão rata!  
O tamanhão de burrinho  
E o pobre pequeno á pata.

— «Eu me apeio», diz prudente  
O velho de boa fé,  
«Vá o burro sem carregó,  
E vamos ambos a pé.»

Apeia-se e outros lhe dizem :

— Toleirões, calcando lama!  
De que serve o burrinho?  
Dormem com elle na cama?

— «Rapaz», diz o bom do velho,  
«Se de irmos a pé murmuram  
Ambos no burro montemos,  
A ver se inda nos censuram.»

Montam, mas ouvem de um lado :

— Apeiem-se, almas de breu!  
Querem matar o burrinho?  
Aposto que não é seu.

— «Vamos ao chão», diz o velho,  
«Já não sei que hei de fazer!  
O mundo está de tal sorte,  
Que se não póde entender,

É máu, se monto no burro,  
 Se o rapaz monta, mau é,  
 Se ambos montámos é mau,  
 E é mau se vamos a pé!

De tudo me tem ralhado,  
 Agora que mais me resta?  
 Peguemos no burro ás costas,  
 Façamos inda mais esta.»

Pegam no burro: o bom velho  
 P'las mãos o ergue do chão,  
 Pega-lhe o rapaz nas pernas,  
 E assim caminhando vão.

— «Olhem dois loucos varridos»,  
 Ouvem com grande sussurro,  
 «Fazendo o mundo ás avessas,  
 Tornados burros do burro!»

O velho então pára e exclama:  
 — «Do que observo me confundo!  
 Por mais que a gente se mate,  
 Nunca tapa a boca ao mundo.

Rapaz, vamos como dantes,  
 Sirvam-nos estas lições;  
 É mais que tolo quem dá  
 Ao mundo satisfações.»

Curvo Semedo, *Composições poeticas*. Parte III (1817), pag. 265. (Seculo XVIII-XIX.)

---

## 50

### O velho e seus filhos

Sentindo a morte chegar  
 Um velho mandou chamar  
 A seus tres filhos; e disse  
 Que desejava saber

Qual tinha tanto poder  
 Nos pulsos, que lhe partisse  
 Um molho, de varas feito,  
 Que mostrou  
 Junto do leito.

Todos tentaram a empresa;  
 Mas nem força nem destreza  
 Lhes valeu: não se quebrou  
 Dō tal feixe uma só vara.  
 Eis logo o velho as separa —

Uma

Após outra partiu:

— «Cada qual

De vocês viu

Quanto val'

Serem unidos;

Aquelles paus, se o ficassem,  
 Nunca seriam partidos.»

Disse o velho: e lhes pediu  
 Que do feixe se lembrassem.

Prometteram; e morreu,

Mas do que foi promettido

Nenhum mais se recordou;

E por isso succedeu

Ver-se cada um perdido

E só então lhes lembrou,

Mas tarde, o feixe partido,

Apenas se desatou.

Henrique O'Neill (Visconde de Santa Monica). (Seculo XIX.)

## 51

### O lavrador e seus filhos

Um lavrador, sentindo vir chegando  
 O fim da sua vida e desejando  
 Que os filhos trabalhassem na cultura,

Chamou-os e lhes disse: «A sepultura  
 Por instantes me espera; os bens, que tinha  
 Enterrados, estão na nossa vinha.»  
 Morto o pae e tendo elles suspeitado  
 Que algum grande thesoiro sepultado  
 Lhes deixava na vinha, apparelharam  
 Enxadas e sollicitos cavaram.  
 Não acharam thesoiro, é bem verdade,  
 Mas a vinha deu tanta novidade  
 Que se pôde dizer que foi thesoiro,  
 Segundo o que rendeu, de prata e oiro.

Couto Guerreiro, *Fabulas de Esopo*. (Seculo XVIII.)

## 52

## O sol e o vento

Entraram em contenda o Sol e o Vento  
 Sobre qual tem mais força, mais alento.  
 Passava nesse tempo um caminhante,  
 Assentaram que havia de ser triumphante  
 O que tivesse forças que lhe bote  
 Dos hombros para fóra o seu capote.

Fez o Vento tal força que mostrava  
 Que já por esses ares lh'o levava;  
 Mas o dono ás mãos ambas o sustenta;  
 Porém foi tal a força da tormenta  
 Que elle já de sustê-lo desanima,  
 E, enrolando-se bem, deitou-se em cima.  
 O Vento andou de roda, deu-lhe um geito,  
 Deu-lhe outro; porém tudo sem effeito.

Entrou na empresa o Sol, mas sem violencia,  
 Antes com mansidão e com \*clemencia:  
 No meio de uma tal serenidade  
 Os raios tinham tanta actividade

Que já os não soffria o passageiro.  
 Chegou-se a um sombrio castanheiro,  
 O capote depôs, que o martyriza,  
 A veste, e fica em mangas de camisa.  
 Com assombro do Vento furioso,  
 Ficou por manso o Sol victorioso.

*Conto Guerreiro, Fabulas de Esopo, pag. 208.*

## 53

## A lua e o sol

A lua vendo que o dia  
 A terra toda alegrava,  
 Que emquanto o sol presidia  
 A natureza folgava,

Que apenas lá no oriente  
 Os seus raios despontavam,  
 Animaes, flores e gente,  
 Logo a vida renovavam,

Que tudo se entristecia,  
 Com saudade, anoitecendo,  
 Mal a volta concluia,  
 E no mar se ia escondendo,

Quis tornar a noite bella  
 Fazê-la rival do dia,  
 E em frente da nossa \*estrella,  
 Com humildade dizia :

— «Tu és um rei deslumbrante,  
 E vês a pobreza minha ;  
 Emprasta-me um só brilhante,  
 E corôa-me de rainha.»

Conhece o sol poderoso  
A rival, que não receia :  
Manda-lhe luz, generoso,  
E ficou a lua cheia.

Ei-la soberba e orgulhosa,  
Toda vestida de prata !  
Vê-se nas aguas, vaidosa,  
Nas quaes se mira e retrata.

E, julgando que fazia  
Do sol a mesma figura,  
Quando elle já se escondia,  
Começa a subir segura.

Mas tanto mais se elevava,  
Ao traçar a curva linha,  
Mais solitaria se achava ;  
Nada festeja a rainha.

Do bosque cessam os cantores,  
Insectos desaparecem,  
Fecham-se tristes as flores,  
Eis que os homens adormecem.

Se tem luz a pobre lua,  
(Pouca gente nisto pensa),  
Não lhe é propria, não é sua,  
Não tem força, é pouco intensa ;

Falta-lhe, apesar de cheia,  
O calor vivificante :  
Não tem do sol, que rodeia,  
Essa \*aureola brilhante.

Nunca o vestido emprestado  
Ao corpo se amolda bem ;  
Nem discurso recitado  
Por outrem a força tem.

Cada qual dê o que pôde,  
 Quer tenha menos valor,  
 Pois ganha, que assim lhe acode  
 Mais força, vida e calor.

Porque querer figurar  
 Com coisa que não é sua,  
 É querer-se comparar  
 Ao sol e ficar a lua.

Augusto Luso da Silva, *Fabulas* (Seculo XIX.)

## 54

## A videira e o carvalho

Junto de um \*roble frondoso,  
 Que os ramos estende ao largo,  
 Cresceu bacello mimoso,  
 Que nada tinha de amargo.

Soberbo o roble o cobria,  
 E de cima altivo olhava  
 Para o pobre que crescia,  
 Mas pelo chão rastejava.

Sobre elle as folhas despeja,  
 Velhas, secas, aos magotes;  
 E com as landes \*dardeja  
 Repetidos piparotes.

O bacello, humilde e pobre,  
 De rastos pouco medrava;  
 Mas ao roble altivo e nobre  
 Pouco disso se lhe dava;

Mais eis que, passando um homem  
 E vendo o chão alastrado  
 Do fructo que os porcos comem,  
 E que aos homens não é dado,

Sem lhe importar com tal fructo,  
Prova um cacho; e, ou por doce,  
Ou por ser util producto,  
Ou fosse pelo que fosse,

Com vista um pouco velhaca,  
Diz assim: — «É bom ser grande.  
Ha de ser bem boa estaca,  
Visto que o fructo é só lande.»

E logo os ramos lhe poda;  
Cae-lhe por terra a belleza,  
Levando a copada roda  
Todo o orgulho e gentileza.

Depois levanta o bacello,  
E para o carvalho o inclina;  
Limpa-lhe a terra com zelo,  
Mil cuidados lhe destina.

Elle cresceu vigoroso,  
Pelo carvalho abraçado;  
E seu fructo saboroso  
Foi por todos estimado.

Quando alguém alli passava,  
Elogiava a videira;  
E o roble participava  
Desta vista lisongeira.

O carvalho é grande e forte;  
Os cachos desenvolvidos;  
Forte e fraco desta sorte  
São ambos uteis, unidos.

O tempo agora avalia  
A mutua fraternidade,  
Condições de primazia. . .  
Só se tem utilidade.

Augusto Luso da Silva, *Fabulas*.



## 55

## O macaco

À beira de fundo lago  
 Leve macaco chegou,  
 E nas mansas puras aguas  
 Os vivos olhos fitou.

Vê seu retrato e suppõe  
 Outro macaco alli ver ;  
 Faz enorme carantonha,  
 O que lhe é facil fazer.

Espreita, e as tristes \*visagens  
 Inda mais tristes repete ;  
 O serenø aquoso espelho  
 Fielmente lh'as reflecte.

Raivando com taes esgares,  
 Guincha contra o mofador, -  
 Ergue a mão, corre a punir  
 O fantastico aggressor.

Precipita-se; encontrando,  
 Em logar de quem procura,  
 Nova e mais feia careta,  
 Fofa e vasta sepultura.

Ó Ira ! Quanto és doidinha !  
 Quão cegos teus golpes são !  
 Que um geito, uma sombra, um nada  
 Faça a tua perdição !

## 56

## O tigre e a doninha

Pesou sempre o beneficio,  
Porque a vaidade offendeu;  
Principalmente se um grande  
De um pequeno o recebeu.

Lembra-me agora uma historia  
Sucedida entre animaes,  
Uma historia que se applica  
Bellamente aos racionaes.

Ia um tigre muito ufano,  
Fiado na garra e presa,  
Crendo que tudo excedia  
No reino da natureza.

Desta ideia \* allucinado,  
Incauta \* planta foi pôr  
Em perfida rede armada  
Por esperto caçador.

Preso, lucta sem proveito,  
Tenta em vão desenlear-se,  
Lida, revolve-se o bruto,  
E o que faz é apertar-se.

Estancando-lhe as forças,  
Perdida em fim a esperanza,  
Cessa, e do peito raivoso  
Horrendos bramidos lança.

Ao tempo que elle arquejava,  
Por aquelle sitio vinha,  
Demandando agrestes fructos,  
A leve e esperta doninha.

Estremece ouvindo o monstro,  
 Envolto na rede urrar:  
 Foge porém curiosa,  
 Põe-se de longe a olhar.

O tigre que a vê, que sabe,  
 Quanto é versada em roer,  
 Despe a soberba e lhe roga  
 Que o venha alli socorrer.

Tanto adoça o som pesado  
 Da rude, estrondosa voz,  
 Que segura a desprendê-lo  
 Parte a doninha veloz.

Affinca o subtil dentinho  
 No tenaz urdido laço,  
 Roe aqui, roe acolá  
 E o desfaz em breve espaço.

Livre das prisões apenas,  
 A fera, ingrata e medonha,  
 Do que deve ao pequenino,  
 Fraco animal, se envergonha

E accesa em feroz orgulho  
 Carregando-se na frente  
 Com receio de que á noite  
 O caso nas \*selvas conte

Deita-lhe a garra damnosa,  
 A debil vida lhe extrahe!

Quem acudirá ao malvado <sup>1</sup>  
 Se no precipicio cae?

Bocage. (1765-1805).

---

<sup>1</sup> Este versado foi modificado.

**O lobo e a ovelha**

Uma ovelha em tempo antigo,  
Estreita união travou  
Com um lobo: — não sei que santo,  
Este milagre operou.

Esqueceu-se do rebanho  
Do guardador se esqueceu,  
Em companhia do amigo  
Pelos matos se metten.

Alli a que dantes era  
Qual mansa pomba sem fel,  
Pelo exemplo estimulada  
Apprendeu a ser cruel.

Apenas lhe parecia  
Ter feito já a digestão,  
Eis prompta, a comadre ovelha,  
Para a sanguinaria funcção.

Se vendo as \*preias, não tinha  
O valor de arremetter,  
Ao menos depois de mortas,  
Nellas entrava a roer.

Contemplando o fero mestre,  
No pervertido animal,  
Os progressos que fazia  
A sua escola brutal,

De prazer e de vaidade  
Lhe pulava o coração;  
E tinha á sua educanda  
Cada vez mais affeição.

Mas um dia, em que esfamado  
Saiu com ella a caçar  
Nem rasto do que buscava  
Poude ao menos encontrar ;

Montes, valles, bosques, tudo  
Farejou, subiu, correu ;  
Emfim só farto de vento  
Na cova se recolheu.

Coseu-se á terra esfalfado,  
E depois que repousou  
Para a debil companheira  
Os crueis olhos lançou.

— «Quê! (disse o mau lá comsigo).  
Não ha soffrimento egual !  
Hei de curtir esta angustia  
E morrer por ser leal !

A natureza me instiga,  
E devo dar-lhe attenção :  
Está primeiro que tudo  
A propria conservação.

Tu, virtude, és tributo  
Dos homens, dos racionaes ;  
Não me pertences : eu sigo  
Meu instincto, nada mais.»

Nisto, veloz como um raio  
Com a ovelha investiu,  
E logo dentes e garras  
Nas entranhas lhe sumiu.

Com tremula voz pergunta,  
Ao desleal a infeliz :  
— «Por que me tiras a vida  
Ingrato, que mal te fiz ? !

Que lei o rigor te ordena  
 A que eu motivo não dei!  
 E elle sôfrego responde:  
 — «Tenho fome, a fome é lei.»

Desta arte cevando a furia,  
 Não cessou de \*lacerar;  
 E antevendo alguma urgencia  
 Os ossos nús foi guardar.

Vêde mortaes, neste exemplo,  
 Exemplo cheio de horror,  
 O que produz a alliança  
 De um perverso, dum traidor.

Se os maus tiverdes por socios,  
 Eu fico que os imiteis,  
 E que lobos desta casta  
 Cedo ou tarde encontrareis.

Bocage.

## 58

## Os cães domesticos e o cão montanhês

Affirma escritor antigo  
 Que lá num grande sertão  
 Tres cães perdidos na caça  
 Viram sósinho um cão.

Que este era côr de azeviche,  
 Aquell'outros côr de neve,  
 (Porque isto faz muito ao caso),  
 Primeiro notar-se deve.

Nascera de lãs forrado  
 O tal cão e era montês:  
 Tinham pelo muito fino  
 E eram da cidade os tres.

Um delles, o mais disposto  
 A fazer qualquer agravo,  
 Disse para o bom camponio :  
 — «Ó amigo, és nosso escravo.»

Ao som do termo afrontoso,  
 Que os ouvidos lhe offendeu,  
 O rustico alçou a orelha,  
 Rosnou e se enfureceu.

Queria lançar-se a elles ;  
 Mas tinha ouvido uma vez :  
 — Nem \*Hercules contra dois,  
 E ainda menos contra tres. —

Emfim, co'um ar espantado,  
 Lhes disse o pobre lapuz :  
 — «Eu captivo ! Porque crime ?  
 Vós, senhores ! Com que \*jus ?»

O valentão já citado  
 Dá um pulo e de repente  
 Ao miseravel responde,  
 Arreganhando-lhe o dente :

— «O nosso jus é a força,  
 O teu delicto é a côr.»  
 De homens pretos e homens brancos  
 Cuido que falla este auctor.

Bocage.

## \* 59

## O cavallo e o toiro

Um rapazito estouvado  
 Num bom cavallo brioso  
 Repimpado  
 Ia correndo animoso.

— «Que vergonha disse um toiro :  
 Não é a mim que um caloiro  
 Picador verás montado ;  
 Não terá essa vangloria.»

O cavallo lhe responde :  
 — Quanto a mim não vejo onde  
 Possa estar a grande gloria,  
 Estar a grande pujança  
 De alcançar facil victoria  
 Desmontando uma criança.»

Henrique O'Neill, visconde de Santa Monica (de Lessing).

---

## 60

### O cão nadando

Todo aquelle que procura  
 Lançar ao alheio a mão,  
 Do que dantes possuia  
 É privado com razão.

Nadava um cão por um rio,  
 Carne na boca levando,  
 E viu a sua figura.  
 Nas aguas, que ia cortando.

E julgando que outra posta  
 Era por outro levada,  
 Quis-lh'a tirar, e a avareza  
 Se viu então castigada ;

Porque, largando a que tinha  
 Para poder aprehendê-la,  
 Desfez-se-lhe a sombra vã,  
 E a sua não pôde havê-la.

Francisco Manuel Gomes da Silveira Malhão. (Seculo XVIII XIX.)



## 61

**Passarinho solto**

Vôa, vôa passarinho,  
Gosa em maio tua idade:  
Tua gaiola quebrou-se,  
Vae gosar da liberdade.

Porém ouvi neste bosque  
Um som enganoso agora.  
Não te fies na negaça;  
Vôa, vôa, vae-te embora.

Tu não vês o traidor laço  
Que do lindo bago pende?  
Vôa, pobre passarinho,  
Ou a traição te surprehende.

Se aquelle bago engulires,  
Em vão quererás voar:  
O laço contém a morte,  
E tu vaes nelle expirar.

Marqueza d'Alorna (Alcippe). (Seculo XVIII-XIX.)

## 62

**O pavão, os perús e o gato**

Um pavão empavesado,  
Da cauda ostentando as côres,  
Era o alvo dos louvores  
Do povo em torno apinhado.  
Dois perús, que tal notaram,  
Não se julgando infr'iores,  
Se enrufaram:  
Mas delles ninguem fez caso.  
Furiosos

Começam a pôr mais raso  
 Que o pó da terra.  
 O pavão :  
 — «Olha os pésinhos mimosos  
 Que elle tem! que perfeição!»  
 Diz um : — «E como elle berra  
 Quando pretende cantar!»  
 Accrescenta o companheiro.  
 Era um nunca acabar  
 De \* epigrammas e dicterios.  
 — «Perús», lhes gritou um gato,  
 Que estava, muito pacato,  
 Estendido ao soalheiro :  
 — «Perús! esses vituperios  
 Nascem só da vil inveja,  
 Que forceja  
 Por achar  
 \* Algo para criticar.  
 Os defeitos do pavão  
 Vejo aos de vocês  
 Iguaes  
 A sua voz, os seus pés,  
 Que os delles não  
 Valem mais ;  
 Mas as bellezas que elle tem  
 Em perús não vê ninguém.  
 Invejosos  
 Animaes !  
 Se aqui vivem sustentados,  
 Não é por serem formosos ;  
 Vocês só prestam . . . assados.  
 Acabem pois com a censura  
 E reconheçam que são  
 Do pavão  
 A triste caricatura.

Henrique O'Neill (visconde de Santa Monica.)

## O cysne e os dois gansos

Num grande lago andando  
 Mui alvo cysne airoso,  
 As aguas retalhando,  
 Sereno e magestoso  
 Se via divagar.

Daquelle espaço \* ingente  
 \* Despotico senhor,  
 Na estiva quadra ardente,  
 Sem \* tédio, nem calor,  
 Só ia alli passar.

Dois gansos apressados  
 Do lago á borda chegam,  
 E tristes e encalmados  
 Taes supplicas empregam  
 Tentando nelle entrar.

Assim um delles falla :  
 — «Ó cysne, ó grão cantor,  
 A quem nenhum te iguala,  
 Ao teu admirador  
 Permite aqui nadar.»

Prosegue o socio então :  
 — «Bom cysne, eu sei te agrada  
 A paz, a solidão,  
 Um poucachinho, um nada  
 Me deixa refrescar.»

Escuta o cysne attento  
 Taes gabos, rogos taes,  
 E a sua voz soltando, isento  
 Responde : — «E quem jámais  
 O cysne ouviu cantar ?

Mentiste; e vão e arteiro  
 O teu dever esqueces!  
 Ah! fuge, ó lisonjeiro.  
 E tu que me conheces  
 Me vem acompanhar.»

Cativa o coração  
 Um candido louvor:  
 A torpe adulação  
 Ao sabio causa horror  
 Em vez de lhe agradecer.

Pimentel Maldonado.

---

## 64

### O corvo e o rouxinol

Vinha apontando a serena  
 Percursora do aureo sol,  
 E entoava em relva amena  
 Um saudoso rouxinol  
 Maviosa cantilena.

A voz que aos ares soltava  
 Atrahia o coro alado  
 Que em torno d'elle pousava;  
 Assim não fosse escutado  
 De um corvo que alli morava.

Cego de inveja e furor,  
 Detestando a \*melodia  
 Do namorado cantor,  
 Comsigo mesmo dizia  
 O \*sinistro, o grasnador:

— «Que este animalsinho encante  
Tudo, apenas abre a boca,  
E que eu afugente, espante,  
Com voz desabrida e rouca,  
Quanto se me põe diante!

«Aos homens no meu pregão  
Infaustos annuncios mando  
(Diz a vã \*superstição)  
E tenho certa em grasnando,  
Ou pedrada ou maldicção.

«A raiva em meu peito accesa  
Com o que escuto se atixa:  
Soffrer vantagem é vileza;  
Vou-me vingar da injustiça,  
Que me fez a Natureza.»

Eis nisto o bruto agoireiro  
Para o rouxinol caminha,  
Mostrando-se prazenteiro,  
E á delicada avezinha  
Diz com modo lisonjeiro:

— «Respira tanta doçura  
O teu canto, que por certo  
Abranda a penha mais dura;  
Assim, de te ouvir de perto  
Quero ter hoje a ventura.

«Não fujas, cantor mimoso,  
Não te assustes, continúa.  
Como o ceo te fez ditoso!  
Que linda prenda é a tua!  
Que voz! Que dom milagroso!»

Não tendo astucias que sonde  
O projecto, que o malvado,  
Nas vis entranhas esconde,  
Já da lisonja tentado,  
O passarinho responde :

— «Sejas bem vindo, que assás  
Afortunado me acclamo  
Em ver que atenção me dás;  
Poisa aqui sobre este ramo;  
E a teu commodo ouvirás.»

— «Vamos, de novo começa,  
Que a teus sons o ouvido applico . . .»  
Torna o corvo e se arremessa  
E no torto, negro bico  
O pobrezinho atravessa.

Elle em tamanha afflicção  
Entra a carpir-se da sorte,  
E ao invejoso glutão  
Diz, sentindo já da morte  
As ancias, a convulsão :

— «Que fiz que te obrigue a tanto?  
Meigos amores suaves  
Em doces versos eu canto;  
Eu sou a gloria das aves,  
Eu dos bosques o encanto.»

Desta arte pediu favor  
O melhor dos passarinhos;  
Porém foi vão seu clamor,  
Que, moendo-lhe os ossinhos,  
Assim gagueja o traidor :

— «Simples, vaidoso, insensato!  
 Devias ser mais remisso  
 Em produzir o teu retrato:  
 Não te defendes com isso,  
 Que por isso é que eu te mato.»

Bocage.

## 65

## O lobo e o milhafre

Inda o sangue de um cordeiro  
 Voraz lobo gotejava,  
 E num verde prado andando  
 Outro cordeiro buscava;

Quando ao ver veloz milhafre,  
 Que um passarinho agarrou,  
 O nosso bom \*moralista  
 Taes injurias fulminou:

— «Traidor, faminto milhafre,  
 Deixa em paz as avezinhas:  
 Para fartar-te, ó cruel,  
 Não bastam estas hervinhas?»

Taes olhos, tal consciencia  
 Quasi todo o mundo tem;  
 Não vemos os nossos defeitos,  
 Mas os doutrem muito bem.

Pimentel Maldonado.

## 66

## A cigarra e a formiga

Tendo a cigarra cantado  
 Todo o verão sem governo,  
 Em nada tinha cuidado.  
 Era o principio do inverno,

Achava-se desprovida  
 Do sustento para a vida;  
 Triste futuro augurava.  
 Na \*colisão em que estava,  
 Lembrou-lhe certa vizinha,  
 Dona formiga de tal,  
 Que um farto colleiro tinha,  
 Posto que era voz geral  
 Ser mui pouco liberal;  
 Foi a sua casa então  
 E estendeu-lhe este \*panal:

— «Vizinha do coração,  
 A seus pés hoje aqui venho  
 Fazer-lhe uma petição:  
 Caem-me as faces no chão,  
 Pela vergonha que tenho.  
 É o negocio, — eu queria  
 Que me emprestasse algum grão  
 Do que vossa senhoria  
 Nos seus colleiros encerra.  
 Pois esta mesquinha terra  
 Me tem sido bem fatal!  
 Quando vier julho ardente,  
 Serei muito pontual  
 Em pagar-lhe exactamente  
 Não só o seu principal,  
 Mas aquillo que assentarmos  
 Nos ajustes que tratarmos.»

Esteve-lhe ouvindo tudo  
 Mui sériamente a formiga,  
 E tornou-lhe em tom sisudo;  
 — «Que fez no verão, amiga?»  
 — «Que fiz? Amada senhora,  
 (Diz a cigarra) — Cantei.»  
 — «Era o mesmo que eu pensei;



«Pois pôde bailar agora.»  
A formiga respondeu;  
— «Fizesse como fiz eu,  
Que trabalhei no verão  
Para no inverno ter pão.»

Quem só nos divertimentos,  
Sem cuidar na subsistencia,  
Occupa os seus pensamentos,  
Quando cair na indigencia,  
Conte que o mesmo ha de ouvir  
Áquelles a quem fôr pedir.

Curvo Semmedo.

## VOCABULARIO E ONOMASTICO

### Abreviaturas

*Adj.*, adjectivo.  
*Adv.*, adverbio, adverbial.  
*N. pr.*, nome proprio.  
*Pl.*, plural.  
*P. p.*, participio passivo.  
*Pron.*, pronome.

*S.*, substantivo.  
*S. f.*, substantivo feminino.  
*S. m.*, substantivo masculino.  
*V. a.*, verbo activo.  
*V. n.*, verbo neutro.

### ACH

**Abbate**, *s. m.*, ecclesiastico que gosa os rendimentos de uma abadia. || No norte de Portugal, o mesmo que parochio, padre que tem a seu cargo uma freguesia. || Principal num mosteiro.

**Abrahão**, *s. m. n. pr.*, antiquissimo chefe (patriarcha) do povo que depois se chamou israelita ou judeu, o qual bem mereceu do Senhor. N.º 16: *seio de Abrahão*, o lugar de repouso onde estavam as almas dos justos antes da vinda de Jesus Christo.

**A. C.**, abreviatura que significa antes de Christo, antes da era christã.

**Achivo**, *adj.* e *s.*, pertencente a uma das divisões do povo \*grego estabelecida numa parte da Grecia chamada Thessalia (ao norte) e noutra chamada Peloponeso (ao sul), a qual divisão, segundo a lenda, descendia dum heroe que tinha nome Acheu. A ella pertencia a familia real dos Atridas, representada na guerra de Troia por Menelau e Agamem-

### ALA

non. Achivo significa tambem o grego em geral.

**Adarve**, *s. m.*, caminho sobre o muro do castello, por detrás das \*ameias.

**Adiantado**, *s. m.*, antigo governador de provincia com poderes civis e militares.

**Administração**, *s. f.*, conjuncto dos serviços publicos necessarios para a manutenção dum estado, como a justiça, a segurança, a salubridade, as vias de comunicação, etc., a cobrança dos impostos precisos para as despesas publicas, etc.

**Affonso VII**, rei de Leão. Começou a governar em 1126.

**Agamemnon**, *s. m. n. pr.*, rei de Mycenas, no Peloponeso (Grecia meridional), filho de Atreu, irmão de Menelau, e commandante supremo dos gregos na expedição contra Troia.

**Alanos**, *s. m. pl.*, nome dum povo que acompanhara os suevos e vandalos, mas era doutra proveniencia, provavelmente persa, e

## AMI

- estivera assente no Caucaso, montanha entre a Europa e a Asia.
- Albardos** (*serra de*), fica na provincia da Extremadura, perto das povoações de Porto de Mós, Alcária e Alvados.
- Alcacer**, *s. m.*, nome de origem arabe, que significa propriamente castello.
- Alcaide**, *s. m.*, capitão encarregado da defesa dum castello. A palavra tem ainda outros sentidos.
- Alçapão**, *s. m.*, porta que se abre, puxando-a para cima.
- Aleivosia**, *s. f.*, traça contra alguém, occulta sob a apparencia de amizade; traição.
- Algo**, *pron. indefinido*, alguma coisa. Entra na formação da palavra *fidalgo* (por *filho d'algo*).
- Allucinado**, *adj.*, propriamente que crê ver, ouvir, etc., objectos que não têm existencia real; perturbado da razão.
- Almocadem**, *s. m.*, antigo official do exercito, especie de capitão.
- Almofaça**, *s. f.*, especie de escova metallica para esfregar o corpo dos animaes. Os lusitanos faziam uso no seu proprio corpo de instrumento similhante.
- Almofariz**, *s. m.*, vaso, ordinariamente metallico, que serve para esmagar, pisar, pulverisar substancias diversas. O instrumento com que nelle se fazem essas operações chama-se mão. Synonymo: *gral*.
- Alvor**, *s. m. n. pr.*, povoação no Algarve, junto da foz do rio do mesmo nome, conquistada aos mouros pelos christãos em 1189.
- Ameias**, *s. f. pl.*, espaços que separam os grandes dentes ou parallelipipedos que coroam os muros das antigas fortalezas; dá-se tambem o mesmo nome a esses parallelipipedos ou dentes.
- Amir**, *s. m.*, palavra \*arabe que significa «principe» e que designa todo o chefe independente ou descendente real ou supposto

## ARG

- de Mahomet (vide \*Mussulmano); significa tambem governador de provincia como era Musa. Diz-se tambem *Émir*.
- Amphibologico**, *adj.*, cujo sentido é duvidoso, que pôde ser entendido em mais dum sentido. João de Barros na *grammatica portuguesa* define *amphibologia* «duvida de palavras pelas quaes vimos a duvidar a sentença dellas; das quaes muitas vezes se seguem grandes demandas»; e dá como exemplo o conto n.º 8.
- Amplexo**, *s. m.*, abraço.
- Ampurias**, *s. f. n. pr.*, cidade na Hispanha (a sueste, sobre o \*Mediterraneo), antiga colonia grega.
- Apollo**, *s. m.*, deus dos gregos e romanos, filho de Jupiter e Latona, o qual presidia ás artes, á poesia e á medicina; venceu a serpente Python, encarnação do mal. Era o sol divinizado.
- Arabe**, *s. m.*, nome dum povo e da sua lingua, o qual habita desde remota antiguidade numa península da Asia chamada Arabia, e viveu em parte errante, em tendas, com seus gados, em parte entregue a uma agricultura atrasada, rude, sem crença num deus unico, até que Mahomet (vide \*Mussulmano) lhe deu uma religião, que lhe communicou tal entusiasmo e fé que o levou á conquista de vastos paises, onde implantou muitas vezes essa religião e onde tambem por vezes aprendeu dos conquistados artes e sciencias que ignorava e que cultivou.
- Arauto**, *s. m.*, official que fazia proclamações, levava mensagens ou regulava as festas de cavallaria.
- Argonautas**, *s. m. pl.*, nome dado propriamente aos heroes gregos que sob o commando de Jasão partiram de Iolcos, na \*Thessalia, á conquista do vellocino, (carneiro que em vez de lá dava oiro), propriedade de Aetes, rei

## AUG

- da Cólchida (nas margens do mar Negro). No n.º 19 dá-se esse nome aos companheiros de Hercules na expedição contra Troia.
- Argumento**, *s. m.*, prova.
- Armentio**, *s. m.*, rebanho de gado grosso, principalmente vacum.
- Arrabalde**, *s. m.*, bairro, povoação fóra dos muros da cidade, ou villa, suburbio.
- Artemidoro**, *s. m. n. pr.*, viajante grego, natural d'Epheso (Asia Menor), que cerca dum seculo \*A. C. viajou na Hispanha e veiu até ao cabo de S. Vicente. Vide \*Estrabão.
- Aruspice**, *s. m.*, especie de sacerdote e adivinho que pretendia prever o futuro examinando as entranhas das victimas.
- Asclepiades**, *s. m. n. pr.*, viajante grego, que no 1 seculo \*A. C. esteve na Hispanha e foi mestre de grego na \*Betica. Era natural de Myrleia (Asia Menor). Vide \*Estrabão.
- Asserção**, *s. f.*, coisa que se affirma.
- Assolar**, *v. a.*, arruinar nivelando com o chão (solo); destruir totalmente. Synonymo: *arrasar*.
- Assyrios**, *s. m. pl.*, nome dum povo que habitou a Mesopotamia, espaço entre os rios Tigre e Euphrates, na Asia, e cuja capital era Ninive, de que restam notaveis ruinas.
- Astorga**, *s. f. n. pr.*, cidade da Hispanha, a nordeste da nossa provincia de Trás-os-Montes.
- Atalaia**, *s. f.*, especie de torre ou pequena fortaleza, que servia para vigiar sobre um campo mais ou menos extenso. *s. m.*, guarda, vigia dessa torre.
- Augusto**, *s. m. n. pr.*, por elle é geralmente nomeado Gaio Julio Cesar Octaviano, o primeiro imperador dos romanos, nascido em 63 A. C. e fallecido no anno 14 da nossa era. *Augusto* é propriamente um adjectivo significando magestoso, veneravel, que foi dado no anno 27 A. C. como titulo a Octaviano. Vide \*Roma.

## BER

- Aurora**, *s. f.*, em o n.º 42 significa o oriente.
- Aureola**, *s. f.*, circulo luminoso.
- B
- Balhesteira**, *s. f.*, abertura nas muralhas dum castello para atirar settas com bestas sobre o inimigo. Vide \*Bésta.
- Barbacã**, *s. f.*, muro exterior duma fortificação, que defendia o fosso; era muito mais baixo que as muralhas principaes e entre elle e estas ficava o terreiro. Vide \*Fosso.
- Barbaro**, *adj. e s.*, diz-se dos povos que não têm leis escriptas, em que predomina a vontade dos chefes, e em geral dos povos mais atrasados que os principaes da Europa. Os gregos e os romanos deram esse nome a todos os outros. Os christãos chamaram assim os \*musulmanos. Em especial, barbaros ou barbaros do norte, os povos que invadiram o imperio romano pelo fim do iv seculo da era christã, vinham dos paises ao norte dos dois grandes rios da Europa, Rheno e Danubio, e eram pela maior parte da mesma familia de povos a que pertencem os allemães, suecos, noruegueses, dinamarqueses, e a que se dá o nome de povos germanicos. Dessa mesma familia eram os vândalos e suevos.
- Barão**, *s. m.*, guerreiro da primeira nobreza.
- Bastetania**, *s. f. n. pr.*, nome antigo duma parte da Hispanha meridional (na \*Betica).
- Bellicoso**, *adj.*, proprio para a guerra, que gosta da guerra.
- Belligerante**, *adj. e s.*, que faz, que está em guerra.
- Berber**, *adj. e s.*, nome dum povo ou grupo de povos que habitam desde alta antiguidade na Africa septentrional, aos quaes os antigos chamavam libyos e de que

## CAM

uma parte eram chamados moiros, em latim *Mauri*, donde vem o nome de Mauritania, dado a uma região a que pertence em parte o moderno Marrocos. Os berbers, aparentados com os antigos egypcios, pertencem á \*raça branca; uma parte delles vive desde alta antiguidade em logares fixos e dedica-se á agri cultura, outra vive vida errante, accomtendo os viajantes no deserto do Sahará; esses são chamados tuareg. É aos berbers que cabe rigorosamente o nome de moiros, dado tambem aos arabes e em geral a todos os \*mussulmanos, pelo facto da communidade de religião.

**Bésteiro**, *s. m.*, soldado armado de \*héstia.

**Bésta**, *s. f.*, arma para arremessar settas, formada por um pau ao meio, a que se encosta a setta, um arco seguro á extremidade do pau e uma corda atada ás extremidades do arco, a qual se tende sobre o mesmo pau e larga depois para disparar. Havia tambem héstas para arremessar peloiros (bola de barro, etc.).

**Bética**, *s. f.*, nome antigo duma parte meridional da Hispanha, parte a que corresponde a moderna Andalusia.

**Boceta**, *s. f.*, caixa pequena para guardar objectos de valor.

**Bonna**, *s. f.*, cidade da Allemanha, na margem esquerda do rio Rhen.

**Bruto** (Decimo Junio), *s. m. n. pr.*, general romano, denominado o Callaico, que fez uma expedição feliz contra os callaicos ou gallaicos, os antepassados dos povos de Entre-Minho-e-Douro e Galliza (136 \*A. C.)

**Cabo**, *s. m.*, capitão, chefe.

## C

**Campo**, *s. m.*, no brasão (armas) é o espaço do escudo em que se

## CEL

pintam ou assentam as peças ou figuras. Na pedra o campo branco é representado pela superficie lisa.

**Carthago**, *s. f. n. pr.*, cidade antiga na costa septentrional da Africa, na região em que fica Tunis, fundada por uma \*colonia de \*phenicios no seculo ix A. C. Foi séde duma importante republica, senhora durante muito tempo do commercio do Mediterraneo ao occidente da ilha de Sicilia. Os carthagineses eram tambem chamados *punos*. Os romanos conquistaram e arrasaram Carthago em 146 A. C.

**Castello**, *s. m.*, vide os diversos termos que respeitam a este genero de edificios: \*adarve, \*alçapão, \*ameia, \*balheteira, \*barbacã, \*corredoura, \*cubello, \*fosso, \*quadrella, \*postigo. A balheteira tambem se chamava setteira. A principal das torres era chamada de menagem; albarrás ou torres albarrás, as que davam para o campo, nome dado tambem á de menagem. Para o castello entrava-se geralmente por uma ponte levadiça sobre o fosso.

**Caudilho**, *s. m.*, chefe, capitão.

**Cavalleria**, *s. f.*, acção valorosa, valor militar. Escreve-se tambem *cavallaria*. A palavra tem ainda outros sentidos.

**Cavalleiro**, *s. m.*, homem que servia na guerra a cavallo. Guerreiro nobre, mas abaixo de barrão.

**Celta**, *s. m.*, nome dum povo que se ramificou muito na Europa, mas que habitava principalmente nas \*Gallias, Ilhas Britannicas e Hispanha, mais ou menos misturado com outros. Os celtas foram tambem chamados galatas, e os das Gallias, gallos. Na peninsula hispanica os celtas receberam o nome particular de *celticos*. Os antigos não consideraram positivamente os cantabros, asturos e vasconios (vide

## CLE

- \**Vascões*), os callaicos e os lusitanos como celticos, comquanto entre esses povos se tivessem estabelecido celticos. Havia tres grupos principaes destes ultimos, um junto do rio Anas (Guadiana), outro junto do promontorio Nerio (perto do cabo de Finisterra, na Galliza), outro ao centro da peninsula, na região chamada Celtiberia.
- Cerrado**, *s. m.*, terreno fechado, de cultura.
- Cervilheira**, *s. f.*, parte da armadura dos guerreiros medievaes que defendia a cabeça e a cerviz (cachaço). Outras peças da armadura eram a \* cota de malha; a couraça, que defendia o peito; o braçal, que defendia o braço; as grevas, que defendiam as canellas; o escudo; o capacete com sua viseira.
- Cethubala**, *s. f. n. pr.*, vid. a nota ao n.º 17.
- Chetawir**, ou *Chetwir*, *s. m.*, nome dado pelos arabes ao Sado.
- Chronica**, *s. f.*, obra em que se contam os acontecimentos pela ordem dos tempos.
- Chrysa**, *s. f. n. pr.*, cidade no territorio de Troia, onde era adorado Apollo com o sobrenome de Smintheo.
- Cimeira**, *s. f.*, pennacho ou outro adorno semelhante do capacete.
- Citerior**, *adj.*, que fica do lado de cá com relação a quem falla. Hispanha citerior era a que ficava mais perto de Roma, a parte oriental. Vid. \* *Ulterior*.
- Civilisação**, *s. f.*, estado dum povo ou de povos, em que ha ordem, leis observadas e justas, artes e industrias aperfeçoadas, costumes polidos.
- Civilizado**, *p. p. de civilisar*. Que tem civilisação, que vive no estado de civilisação.
- Claustral**, *adj.*, que pertence, respecta ao claustro (mosteiro, convento).
- Clemencia**, *s. f.*, virtude que con-

## COP

- siste em perdoar as offensas, adoçar os castigos.
- Clemente**, *adj.*, que tem clemencia.
- Cnêmidas**, *s. f. pl.*, botas militares dos antigos.
- Cneu-Scipião**, *n. pr.*, general romano notavel, que com seu irmão Publico guerreara no ultimo quartel do III seculo \* A. C., contra os carthagenes na Hispanha, a principio com felicidade chegando a repelli-los quasi completamente; mas que depois, em consequencia de varios successos, foi derrotado e morto, succumbindo tambem Publico (211).
- Cohorte**, *s. f.*, corpo d'exercito.
- Coimbra**, *s. f. n. pr.*, cidade na margem direita do Mondego a sete leguas da foz; foi córte dos primeiros reis de Portugal.
- Collisão**, *s. f.*, embate, choque. No trecho, contrariedade, difficuldade.
- Colmado**, *p. p.*, de *colmar*, coberto de colmo; vide o seguinte.
- Colmeiro**, *s. m.*, mólho de colmo (palha de trigo, centeio, ou aveia).
- Colonisação**, *s. f.*, acção de estabelecer colonias.
- Colonia**, *s. f.*, povoação fundada por uma nação, um povo noutra pais.
- Colono**, *s. m.*, o que faz parte duma colonia, individuo que vae estabelecer-se em pais estrangeiro.
- Compacto**, *adj.*, denso, bem ligado.
- Conspiração**, *s. f.*, acção de se reunirem diversos individuos secretamente para levarem a effeito um designio.
- Consul**, *s. m.*, titulo dos dois magistrados supremos dos romanos.
- Contiguo**, *adj.*, que se segue immediatamente no espaço.
- Contrição**, *s. f.*, arrependimento, dôr profunda por ter offendido a Deus.
- Copia**, *s. f.*, abundancia; numero consideravel.

## DEP

- Corça**, *s. f.*, fêmea do veado.  
**Corredoura**, *s. f.*, caminho interior do castello.  
**Cota**, *s. f.*, veste que cobria o tronco. *Cota de malha*, peça da armadura feita de aneis enlçados de metal.  
**Cruzado**, *s. m.*, moeda fóra de circulação ha annos, que teve diversos valores; houve cruzados de 400 e 480 réis, etc. || Guerreiro que ia luctar contra os mussulmanos principalmente para arrancar ao seu dominio Jerusalem (Syria, Asia), onde está o Santo Sepulcro.  
**Cubello**, *s. m.*, torreão na muralha do castello.  
**Cunetas**, *s. m. pl. n. pr.*, povo que habitava na Hispanha em tempos remotos e se extendia do Guadiana, até ao Cabo de S. Vicente. No texto figura mais a oriente.  
**Cura**, *s. m.*, o mesmo que prior ou parochio. Coadjutor (ajudante) do prior. Vid. \* Abbade.

## D

- Dacia**, *s. f. n. pr.*, propriamente, nome dum pais ao norte do rio Danubio, banhado pelo Mar Negro, a que corresponde o moderno reino de Rumania, nome dado tambem a uma região ao sul do mesimo rio. Na idade-media confundiram-no com Dania (Dinamarca); nesse sentido vem no n.º 36.  
**Damasco**, *s. m. n. pr.*, cidade da Syria (Asia). Foi residencia dos \* khalifas até 752.  
**Dar**, *v. a.*, *dar-se de punhadas*, etc. darem reciprocamente (um no outro) punhadas.  
**Dardejar**, *v. a.*, enviar á maneira de dardos, atirar com força.  
**Dardo**, *s. m.*, pau com ponta de ferro aguda que se arremessa com a mão.  
**Demorar**, *v. n.*, ficar, estar situado.  
**Depositario**, *s. m.*, pessoa a quem se confia a guarda d'alguma coisa.

## EBR

- Deprecação**, *s. f.*, rogo feito com submissão.  
**Desenho**, *s. m.*, plano, traça.  
**Despotico**, *adj.*, que governa obedecendo só á sua propria vontade e de modo oppressivo para os governados.  
**Dinamarca**, *s. f.*, vid. \* Dacia.  
**Dinamarquês**, *adj.* e *s.*, natural da \* Dinamarca.  
**Diomedes**, *s. m. n. pr.*, rei d'Argos, no Peloponeso (Grecia meridional), um dos mais valentes heroes que foram ao cerco de Troia; era filho de Tydeu.  
**Dique**, *s. m.*, propriamente, construcção tendo por fim conter aguas num espaço mais ou menos consideravel ou impedir que ellas entrem num lugar. No n.º 33, obstaculo á entrada dos soldados de D. Affonso Henriques, comparados a uma corrente impetuosa; esse obstaculo era a porta do castello de Santarem.  
**Discrepar**, *v. n.*, não ser conforme, ser differente.  
**Discurso**, *s. m.*, o que se diz ou escreve.  
**Dissensão**, *s. f.*, desavença, desunião.  
**Districto**, *s. m.*, extensão de territorio.  
**Donde**, *expressão adv.*, de onde, do qual lugar, de que lugar. A pag. 17, lin. 5: «a briga donde e sobre que fóra», a briga de que resultára e sobre que fóra. Lin. 25: «foi posto em confusão donde aquillo podia proceder», ácerca de que causa (ou coisa) aquillo podia proceder.  
**Doutrinal**, *adj.*, que contém doutrina, preceito, ensino.  
**Duque**, *s. m.*, chefe militar, governador duma provincia. Hoje é um titulo honorifico.

## E

- Ebro**, *s. m. n. pr.*, rio da Hispanha oriental, antigo Ibero. Vid. \* Ibero.

## ESC

- Eclipsar**, *v. a.*, esconder, como a terra faz com a sua sombra á lua, ou a lua ao sol, quando os tres astros se encontram numa mesma recta; obscurecer, fazer desaparecer ou esquecer.
- Eloquencia**, *s. f.* arte, do'n de bem fallar, de fallar convencendo.
- Elvira**, *s. f. n. pr.*, antigo nome de Granada, cidade da Hispanha, alterado do mais antigo *Illiberis*.
- Embaixada**, *s. f.*, o \*embaixador e seu sequito; o negocio de que o embaixador vae encarregado.
- Embaixador**, *s. m.*, representante num estado (imperio, reino, republica) do governante ou governantes doutro estado.
- Embryonario**, *adj.*, que está em germen, que não está ainda desenvolvido, em começo.
- Emporio**, *s. m.*, lugar de grande commercio.
- Êmulo**, *adj.*, que busca imitar, igualar ou exceder outrem.
- Entender**, *v. a.*, n.º 7. Ouvir.
- Enthusiasmo**, *s. m.*, grande movimento da alma, na admiração, goso de um objecto; — religioso, grande fervor despertado pela religião.
- Ephemero**, *adj.*, propriamente, que dura um dia; que dura muito pouco tempo.
- Epigramma**, *s. m.*, dicto ou pequena composição maliciosa, que censura em tom de riso.
- Ermida**, *s. f.*, pequena igreja, geralmente fóra da povoação.
- Ermitão**, *s. m.*, guarda de ermida. Significa tambem o que segue vida devota no \*ermo.
- Ermo**, *s. m.*, lugar despovoado. Deserto, *adj.*, despovoado.
- Escala**, *s. f.*, o mesmo que escadada, acção de subir por escadas a uma fortificação, castello. Ponto, lugar em que tocam ordinariamente os navios numa viagem.
- Escandinavo**, *adj. e s.*, da península Escandinavia (Suecia e Noruega); extensivamente, designa os suecos, noruegueses e os po-

## EUS

- vos aparentados, islandeses e dinamarqueses, ou o que respeita ao conjunto ou a qualquer desses povos.
- Escaramuça**, *s. f.*, pequeno combate.
- Esripturas**, *s. f. pl.*, os livros santos da religião christã, comprehendendo o Antigo (que os judeus têm tambem por livro santo), e o Novo Testamento, em que se acham os Evangelhos e outros escriptos dos apóstolos. Do *Novo Testamento* são extrahidos os trechos n.º 15 e 16.
- Esparta**, *s. f. n. pr.*, antiga cidade do Peloponeso, chamada tambem Lacedemonia, capital dum pequeno reino, de que foi monarcha \*Menelau, segundo a lenda.
- Estação**, *s. f.*, doutrinação; pequeno discurso feito pelo parochio.
- Estrabão**, *s. m. n. pr.*, celebre geographo grego, nascido em Amasia, sobre o Mar Negro, e fallecido no anno 23 da era christã, a quem devemos preciosas noticias ácerca da Hispanha, colligidas por elle nas obras de alguns viajantes, como \*Artemidoro, \*Asclepiades de Myrleia e \*Posidonio. Diz-se tambem *Estrabo*.
- Estreito**, *s. m.*, designa por excellencia o de Gibraltar.
- Estrella**, *s. f.*, em o n.º 55, o sol. As estrellas são astros que têm luz propria.
- Estridor**, *s. m.*, som aspero, ruído forte.
- Estuario**, *s. m.*, braço de mar; lagoa marítima. Parte dum rio na qual entram as aguas do mar.
- Euskaldunac**, *adj. e s.*, nome que dá a si proprio o povo dos bascos (biscainhos, vasconços), que habita dum e outro lado dos Pyreneus, na Hispanha e na França, ao occidente dessa cadeia de montanhas, e que falla uma lingua especial que se suppõe ser a dos



## FUN

antigos \*iberos, de que se considera descendente.

**Exhortação, s. f.**, palavras para incitar a fazer uma acção, para aconselhar ao bem.

**Exportação, s. f.**, venda ou remessa para fóra dum país de productos do seu solo ou da sua industria.

## F

**Fabrica, s. f.**, em o n.º 17, trabalho de construcção; edificio.

**Face, s. f.**, vista, aspecto.

**Fada, s. f.**, ser imaginario, com fórma de mulher muito bella, dotada de poderes sobrenaturaes.

**Falda, s. f.**, parte inferior dum monte, duma serra.

**Flamengo, adj.**, que é de Flandres, país, cujo territorio se acha hoje dividido pela Hollanda, Belgica e França.

**Foão, s. m.**, o mesmo que fulano, designação geral de pessoa incerta ou de quem se quer occultar o nome.

**Fosso, s. m.**, cova, valla em roda duma fortificação, dum castello, para que o inimigo não tenha facil accesso á muralha. Ha fossos secos, outros com agua

**Fraga, s. f.**, rochedo, penedia.

**Frisia, s. f.**, país ao noroeste da Allemanha, que se extendia do Jutland á Hollanda. Hoje designa sómente uma provincia da Hollanda (Frisia occidental) e um territorio da Prussia (Frisia oriental).

**Frugal, adj.**, simples, diz-se da alimentação. Que se contenta com alimentação simples.

**Frugalidade, s. f.**, qualidade do que é frugal.

**Fundibulario, s. m.**, o que se serve da arma chamada funda, consistindo dum pedaço de coiro a que se fixam dois cordeis e que serve para arremessar pedras ou balas. Os antigos habitantes das

## GOD

ilhas Baleares (no mar Mediterraneo) eram temiveis fundibularios.

**Fusta, s. f.**, propriamente, antiga embarcação comprida e chata, de remos e velas.

**Fuste, s. m.**, a parte da columna mais alta e menos grossa, de fórma aproximadamente cylindrica, entre a inferior, chamada base, e a superior chamada capitel.

## G

**Galé, s. f.**, antiga embarcação comprida, de remos e velas.

**Gallecia, s. f.**, antigo nome da Galliza, alterado de Callaecia.

**Gallia, s. f.**, nome dado ao país que hoje se chama a França, e que comprehendia tambem alguns outros territorios ao norte. Designava igualmente uma parte do norte da Italia (valle do Pó, etc.) em que se estabeleceram \*celtas. O primeiro país era chamado Gallia transalpina (do lado de lá dos Alpes), pelos romanos, e o segundo Gallia cisalpina (do lado de cá dos Alpes). Por *Gallias* podem entender-se esses dois países ou simplesmente a Gallia transalpina, dividida em tres partes: Aquitania, Celtica, Belgica, distinctas das provincias em que os romanos a repartiram, uma das quaes, a mais meridional, era a Gallia Narbonense.

**Gavea, s. f.**, especie de plataforma na parte superior dum mastro, que a atravessa.

**Gigante, s. m.**, homem muito alto. N.º 40: edificio muito grande.

**Godos, s. m.**, ramo dos povos germanicos (vide \*Barbaros), subdividido em ostrogodos (godos do oriente) e wisigodos (godos do occidente), que habitava primeiramente o territorio das proximidade do Baltico, junto do rio Weichsel, e depois migrou para as margens do Mar Negro

## HER

(II seculo da era christã). Alli foram os godos convertidos ao christianismo e quando invadiram o imperio romano eram os menos barbaros dos germanos.

**Glycera**, *s. f. n. pr.*, mulher grega muito bella; em geral, modelo de belleza feminil.

**Golpe**, *s. m.* — *de gente*, um certo numero, um grupo de soldados.

**Grego**, *s. m.*, habitante da Grecia ou dalguma das numerosas colonias derivadas desse pais, o qual fallava uma lingua muito de perto aparentada com o latim. Os gregos foram um povo notavel na guerra, como nas artes da paz: a agricultura, as bellas artes, a poesia, a sciencia, a navegação. Tiveram colonias na Hispanha.

**Grecia**, *s. m. n. pr.*, peninsula na parte sueste da Europa, dividida hoje pelo golpho de Corintho em duas partes: a do sul (Peloponeso) e a do norte (Hellade). Vide \*Grego.

**Gymnico**, *adj.*, diz-se dos jogos em que se combatia corpo a corpo, estando os luctadores nus.

## H

**Hecatombe**, *s. f.*, sacrificio em que se matavam cem victimas, para ser agradavel a uma divindade.

**Hercules**, *s. m. n. pr.*, heroe fabuloso da Grecia, filho de Jupiter e de Alcmena. Juno, a esposa de Jupiter, mandou duas serpentes para matarem Hercules, nascido havia pouco; mas elle, dotado de força maravilhosa, levanta-se do berço e estrangula-as com as mãos. Chegado á idade viril, esteve ao serviço de Eurystheu, rei de Mycenae, que lhe impôs doze trabalhos perigosos que elle executou com felicidade: 1, matou o leão de Nemea (Peloponeso); 2, tirou a vida á hydra de Lerna (lago no Peloponeso), a qual tinha nove cabe-

## HER

ças, que renasciam e das quaes uma era immortal; 3, apanhou vivo o javardo d'Erymantho (monte no Peloponeso); 4, alcançou na carreira uma corça com pés de bronze; 5, destruiu ás frechadas as aves do lago Stympthalo, que devoravam homens e tinham pennas tão agudas e penetrantes como frechas; 6, limpou num dia os innumerous curraes de Augias, rei d'Elide, o qual tinha carneiros e bois sem conta, fazendo passar por esses curraes o rio Alpheu; 7, domou e levou para Mycenae o toiro que Minas tinha em Creta e recebera como presente do deus do mar (Neptuno); 8, matou Diomedes, rei da Thracia e levou a Eurystheu os cavallos daquelle rei, que eram ferocissimos e se sustentavam de carne humana; 9, venceu as amazonas, mulheres guerreiras, e arrancou á rainha dellas Hippolyta um famoso cinto para entregar á filha d'Eurystheu; 10, derrotou o gigante Geryão, de tres cabeças, tres corpos, seis mãos e seis pés e tirou-lhe os rebanhos guardados em curraes, na praia do oceano occidental; 11, roubou as maçãs d'oiro do jardim das Hesperides, filhas d'Atlas, maçãs guardadas por estas e pelo dragão Ladão (esse jardim ficava tambem nas margens do oceano occidental); 12, libertou do inferno Theseu, rei de Athenas e seu companheiro Pirithoo, que lá tinham ido atrevidamente para libertar Proserpina, e venceu sem armas o trifauce cão Cerbero, guarda da região infernal. Ainda outros trabalhos se attribuiam a Hercules, entre os quaes o ter separado os montes Calpe e Abyla, que ficam um do lado de cá, outro do lado de lá do estreito de Gibraltar e que ficaram sendo denominados Columnas de Hercules. Velhos historiadores puseram na His-

## IBE

- panha as Hesperides e o reino de Geryão e fizeram Hercules rei da península. Vid. o seguinte artigo.
- Hesiona**, *s. f. n. pr.*, filha de Laomedonte, rei dos troianos. Em castigo duma promessa não cumprida, os deuses fizeram sair do mar um monstro terrível que ameaçava devorar todos os homens e rebanhes de Troia; Laomedonte sabe que o monstro abandonaria aquelles logares se sua filha Hesiona lhe fosse dada para elle a devorar. \*Hercules sobreveem e salva a donzella, matando o monstro. O heroe devia receber em paga um cavallo maravilhoso, propriedade de Laomedonte; mas este não cumpre o contrato e Hercules reúne uma expedição contra Troia, cujo rei mata, assim como seus filhos, excepto Hesiona e Podarces, chamado depois Priamo, resgatado ficticiamente pela irmã, que dá por elle o seu diadema d'ouro. Hesiona ficou em poder de Telamon, rei d'Egina (ilha da Grecia), um dos heroes da expedição commandada por Hercules.
- Hippico**, *adj.*, diz-se dos jogos de carreira a cavallo.
- Hollanda**, *s. f. n. pr.*, nome dum pais do noroeste da Europa, hoje reino. Como appellativo, n.º 16: tecido de linho muito fino, fabricado naquelle pais, ou semelhante ao lá fabricado.
- Homiziado**, *adj.*, p. p. de *homiziar*. Fugido á acção da justiça.
- Homogeneo**, *adj.*, de igual natureza.
- Hoplítico**, *adj.*, diz-se de jogos de lucta em que os contendores iam pesadamente armados.
- Hoste**, *s. m.*, corpo de exercito.
- I
- Iberia**, *s. f.*, nome dado antigamente e ainda ás vezes moderamente á península hispanica.

## INT

- Ibero**, *adj.*, e *s. m.*, de modo geral, habitante, primeiro da região onde corre o rio Ebro (antigo Ibero), depois de toda a península. Nome dado particularmente a um povo antigo da península, distincto dos \*celtas, que era de estatura mediana, tez morena, cabello encrespado e negro. Vide \*Euskaldunac.
- Ibn Errik**, filho de Henrique, nome dado pelos arabes a D. Afonso Henriques; *ibn* significa em arabe filho e *Errik* é alterado de Henrique.
- Ida**, *s. f. n. pr.*, n.º 19: montanha na Mysia (Asia menor).
- Iliada**, *s. f.*, antiquissimo poema grego, attribuido a Homero, que teria sido cego e teria composto outro chamado Odysseia. É a obra mais antiga das linguas europeias; remonta, pelo menos em parte, ao seculo ix A. C. e contém, como a Odysseia, muitas das antigas lendas dos gregos.
- Improprio**, *s. m.*, reprehensão insultuosa; insulto.
- Indigena**, *s. m.*, natural do pais em que habita.
- Indiscriminado**, *adj.*, golpes indiscriminados, golpes dados sem distincção, sem attender a quem vão ferir.
- Inerme**, *adj.*, desarmado.
- Inexoravel**, *adj.*, insensivel a rogos.
- Inexpugnavel**, *adj.*, que não pode conquistar-se, tomar-se á viva força.
- Ingente**, *adj.*, grande.
- Inscrição**, letreiro, palavras escriptas em pedra ou metal. Em Portugal tem-se encontrado muitas inscrições latinas, do tempo do dominio romano.
- Instabilidade**, *s. f.*, condição, qualidade do que não é fixo, não é permanente.
- Interpolação**, *s. f.*, n.º 23: alteração.
- Islam**, *s. m.*, religião de Mahomet. É uma palavra arabe que signi-

## JUP

fica submissão á vontade de Deus. Vid. \*Musulmano. O estandarte do Islam, estandarte contendo o symbolo dessa religião, a meia lua.

**Islamismo**, *s. m.*, o mesmo que \*Islam.

**Itinerario**, *s. m.*, indicação ou descripção dum caminho. Viagem.

**Ithaca**, *s. f. n. pr.*, uma das ilhas Jonias, ao occidente da Grecia; foi, segundo a lenda, o reino d'Ulysses.

## J

**Jornada**, *s. f.*, excursão, empresa militar, batalha.

**Jornaleiro**, *s. m.*, o que trabalha a jornal, a feria; trabalhador.

**Judas**, *s. m. n. pr.*, um dos companheiros de Jesus, que o trahiou por trinta dinheiros; tinha por sobrenome Iscariotes.

**Jupiter**, *s. m. n. pr.*, deus supremo dos romanos e dos gregos, que o denominavam Zeus. Era filho de Saturno (em grego Kronos), que devorava os filhos, e escapou á sorte dos outros irmãos, porque a mãe Rhea, quando elle nasceu, enganou o pae dando-lhe uma pedra. Destronou o pae e repartiu o poder com seus irmãos Neptuno (em grego Poseidon), a que deu o imperio dos mares, e Plutão, a quem deu o imperio dos infernos. Tinha por esposa Juno (em grego Hera) e foram seus filhos os deuses \*Marte (em grego Ares); Vulcano (em gregos Hephaistos), ferreiro divino; Apollo; Baccho (em grego Dyonyssos), deus da vinha e do vinho; Mercurio (em grego Hermes), mensageiro dos deuses; Venus (em grego Aphrodite), deusa do amor e da belleza; Diana (em grego Artemis), a deusa caçadora; e de sua cabeça sahio armada \*Minerva, (em grego Athene). Foi ainda pae de varios heroes, como \*Her-

## KOR

cules, Perseu, Castor e Pollux: Jupiter, Juno, Vulcano, Minerva, Apollo, Diana, Marte, Venus, Mercurio e Vesta (em grego Hestia), filha de Kronos e de Rhea, a deusa do fogo do lar, eram os deuses principaes, chamados os celestes ou olympicos (de Olympo, montanha ao norte da Grecia, e depois o céu). Denominava-se Jupiter pae dos deuses e dos homens e representava-se com o raio na mão e uma aguia ao lado.

**Jus**, *s. m.*, direito.

## K

**Khalifa**, *s. m.*, nome dado aos successores de Mahomet (vid. \*Musulmano), que significa em arabe «representante». Os khalifas reuniam o poder espirital e temporal. Mahomet não nomeara successor; mas os arabes escolheram para primeiro khalifa Abu-Bekr (632). Os 4 primeiros khalifas residiram em Medina (Arabia); a familia arabe dos Omeiyades fundou depois novo khalifado hereditario, cuja séde foi \*Damasco; sob o governo delles foi conquistada a Africa septentrional e a Hispanha. Destruído esse khalifado, succedeu o da familia dos Abbassides em 750, que estabeleceu a sua residencia em Bagdad na margem esquerda do rio Tigre (Asia), enquanto um Omeiyade, que escapara á destruição, veio fundar na Hispanha o Khalifado independente de Cordova, em 755; foi elle Abdur-Rahman (Abderaman).

**Knut**, *s. m. n. pr.*, Knut VI, rei de Dinamarca, filho de Waldemar I; reinou de 1182 a 1201.

**Koran**, *s. m.*, o livro sagrado da religião de Mahomet (vid. \*Musulmano); contém discursos desse pretendido propheta aos seus fieis, louvores de Deus, leis,

## MAC

prescrições politicas, exhortações, censuras dirigidas contra os adoradores de idolos, os judeus e os christãos, numerosas lendas. Koran é uma palavra arabe que significa «leitura». Diz-se tambem *Acorão*.

## L

- Labeo**, *s. m.*, nodoa na reputação.
- Lacedemonio**, *adj. e s.*, natural de Lacedemonia ou \*Esparta.
- Lacerar**, *v. a.*, rasgar, golpear (as carnes).
- Lacticinio**, *s. m.*, alimento preparado com leite, exclusiva ou quasi completamente.
- Lapidado**, *adj. p. p.*, de lapidar. Apedrejado.
- Ledo**, *adj.*, alegre.
- Leonor Telles**, foi primeiramente mulher de João Lourenço da Cunha, de quem se divorciou para casar com D. Fernando I.
- Libyo**, *adj. e s.*, da Africa septentrional, ao occidente do Egypto. Nome dado ao povo chamado tambem \*Berber.
- Ligures**, *s. m. pl.*, povo antigo da Europa, estabelecido em parte da costa do Mediterraneo, no golfo de Genova e nas proximas vertentes dos Alpes.
- Lusitania**, *s. f.*, modernamente emprega-se esta palavra para designar Portugal; mas a antiga Lusitania não correspondia ao Portugal moderno. Vid. o n.º 24.
- Luz**, *s. f.*, n.º 41: «Á luz disseste: Faça-se!» Conta-se no Antigo Testamento (vid. \*Escripturas) que quando Deus criou o mundo disse: «Faça-se a luz» e então pela primeira vez a luz illuminou o universo.

## M

**Machina**, *s. f.*, as machinas que serviam para ataque das fortas

## MOD

lezas eram de diversa natureza; mas as mais importantes eram as catapultas, que serviam para arremessar pedras, e os arietes (carneiros, vaivens), em que havia uma trave para bater contra as muralhas.

- Manes**, *s. m. pl.*, almas dos mortos, entre os antigos.
- Manilio**, *s. m. n. pr.*, dum general romano, que em 154 A. C. foi derrotado pelos lusitanos sob o commando de Punico. Vid. \*Pisão.
- Mediterraneo**, *adj. e s.*, nome dado ao mar interior que banha a costa meridional da França, a Italia, a Grecia, e a costa septentrional d' Africa, etc., e se ramifica tomando nomes especiaes.
- Marte**, *s. m. n. pr.*, deus da guerra entre os romanos (em grego Ares). Vid. \*Jupiter.
- Melodia**, *s. f.*, serie de sons de que resulta um conjuncto regular e agradável.
- Menelau**, *s. m. n. pr.*, filho de Atreu, irmão de \*Agamemnon. Vid. nr. 20.
- Mercenario**, *adj.*, diz-se dum soldado que pelo soldo e parte na presa do inimigo serve no exercito dum pais estranho.
- Mestiço**, *adj. e s.*, que é filho de pae e mãe de diferentes raças ou povos.
- Mesquita**, *s. f.*, templo da religião \*mussulmana.
- Migração**, *s. f.*, acção de ir estabelecer-se dum pais noutro.
- Minerva**, *s. f. n. pr.*, filha de \*Jupiter, deusa da eloquencia, da sabedoria e das artes, a qual ensinou aos homens a cultivar a oliveira. Os gregos chamavam-lhe Pallas ou Athene.
- Mithridates**, *s. m. n. pr.*, rei do Ponto (no Mar Negro), VI do nome, que reinou de 120 a 63 A. C. e foi grande conquistador.
- Modorra**, *s. f.*, somnolencia irresistivel. *Quarto da modorra*, a

## MUS

segunda vigia da noite, quando o somno é mais profundo; antes desse havia o *quarto de prima*, e depois o *quarto d'alva*.

**Moghreb**, *s. m. n. pr.*, designação arabe da Africa septentrional. Significa occidente.

**Moimento**, *s. m.*, o mesmo que sepulcro, mausoleu; é uma alteração de *monumento*.

**Monarchia**, *s. f.*, forma de governo em que a unica ou principal auctoridade está na pessoa dum chefe, hereditario ou electivo, denominado rei, imperador, etc.

**Montado**, *s. m.*, terreno em que ha arvores que dão bolota para pasto dos porcos.

**Monte**, *s. m.*, casal (usado neste sentido no Alemtejo e Algarve).

**Moralista**, *s. m.*, o que ensina os bons costumes, a pratica do bem (moral).

**Moysés**, *s. m. n. pr.*, o primeiro dos \*prophetas do povo hebreu, o qual foi guerreiro, chefe, historiador e legislador.

**Mussulmano**, *adj. e s.*, que professa o \*islam. Os primeiros mussulmanos foram arabes; mas depois varios outros povos, na Asia e na Africa, fizeram-se mussulmanos, de modo que não deve confundir-se arabe e mussulmano. Um arabe convertido ao christianismo deixa de ser mussulmano (se o era antes), mas não deixa de ser arabe; muitos são mussulmanos e não são arabes. Não se deve tambem confundir moiro e arabe, nem moiro e mussulmano. Os moiros (vid. \*Berber) são, como povo, distinctos dos arabes, embora estes lhes levassem o mussulmanismo ou islamismo. O fundador dessa religião foi chamado Mahomet ou Mafamede, como se encontra em nossos antigos auctores; nasceu elle em Meca (cidade da Arabia) em 571, sendo seu pae o arabe Abdallah e sua mãe Amina, que se diz judia. Mahomet foi primeiro ne-

## NOÉ

gociante e começou depois a consagrar-se á meditação religiosa. Tendo tido visões, attribuiu-as a inspiração divina e suppôs-se enviado do ceu como propheta e começou a ditar as doutrinas que foram reunidas depois no \*Koran. Em Meca não lhe deram credito, de modo que, perseguido, foi obrigado a esconder-se 3 annos, ao fim dos quaes fugiu para Medina (Iatreb) em 622, onde tinha ganho alguns fieis, como Abu-Bekr (vid. \*Khalifa). Aquella data é que ficou sendo o começo da era mussulmana, chamada da *hegira* (fuga, em arabe). Mahomet reuniu mais adeptos e fez uma expedição contra Meca, que só ficou definitivamente do seu lado em 630, alcançando elle então predominio em toda a Arabia. Veiu a fallecer dois annos depois. Vid. \*Khalifa, \*Koran.

**Myrmidones**, *s. m. pl.*, povo da Thessalia, sujeito a Peleu, pae d'Achilles, que commandava no cerco de Troia soldados desse povo. Segundo a lenda descendiam das formigas. Viale escreveu *myrmidones*, mas pode dizer-se *myrmidões*.

## N

**Narbonense**, *adj.*, vid. \*Gallia.

**Nauta**, *s. m.*, navegante.

**Nazareno**, *adj. e s.*, nome com que os arabes designavam os christãos e que vem de Nazareth, logar donde era a Virgem, mãe de Jesus.

**Nervo**, *s. m.*, parte mais forte.

**Noé**, *s. m.*, patriarcha que construiu por ordem do Senhor a arca em que entrou com sua familia e alguns casaes de cada uma das especies animaes, vo-gando sobre as aguas do Diluvio universal, mandado do ceu para castigo dos homens peccadores, que foram todos destruidos. A

## OCE

arca pairou e assentou no monte Ararat (Armenia) e, depois de baixarem as aguas, Noé e os seus saíram de lá e deram origem á humanidade nova. Os filhos de Noé, Sem, Cham ou Hani e Japhet, foram os troncos dos principaes povos da Asia, Africa e Europa.

**Normando**, *adj.*, e *s.* palavra que significa propriamente homem do norte e designa os \*escandinavos e em especial os corsarios dessa origem que devastaram na idade media diversos logares das costas europeias, chegando até Portugal, e estabelecendo-se na França, na provincia que delles recebeu o nome de Normandia. Alguns adquiriram a importancia de verdadeiros conquistadores (seculos IX a XI).

**Nume**, *s. m.*, deus. Vid. \*Jupiter.

**Nuno Gonçalves**, *s. m.*, esse era o nome do fiel alcaide de Faria e Gonçalo Nunes o do filho; esta correspondencia explica-se do seguinte modo. Na idade media era costume tomarem os filhos para appellido um nome derivado do de baptismo do pae, com a terminação — *es*: assim *Peres* queria dizer filho de *Pero*, *Alvares* filho de *Alvaro*, *Gonçalves* filho de *Gonçalo*, e *Nunes* filho de *Nuno*. Taes nomes eram chamados patronymicos e depois vieram a ser convertidos em nomes de familia. Doutro lado não era raro dar ao neto como nome de baptismo o nome de baptismo do avô: o pae de *Nuno Gonçalves* era *Gonçalo*, o filho desse veio assim a ser *Gonçalo Nunes*.

**Nympha**, *s. f.*, nome dado a seres imaginarios, divindades dos bosques, montanhas, rios, mares etc.

## O

Obra de... cerca de...

Oceano, *s. m.*, nome dado aos

## PEI

grandes mares exteriores, intercontinentaes. A expressão *mar oceano* por o que dizemos hoje simplesmente *oceano* é vulgar nos escriptores portuguezes anteriores ao seculo XVIII. Na antiguidade suppôs-se que o oceano era um grande rio que rodeava a terra, considerada como um disco e não como uma esphera. *Oceano occidental*, o Oceano Atlantico.

**Opulento**, *adj.*, muito rico; muito abundante.

**Oriundo**, *adj.*, natural.

**Oscá**, *s. f.*, cidade da Hispanha oriental, a moderna Huesca em Aragão.

**Ossada** *s. f.*, conjuncto dos ossos de um individuo, depois de descarnados. No n.º 40 significa as diversas pedras do castello destruido, que fora comparado a um gigante.

## P

**Palmeiro**, *s. m.*, romeiro que leva palma na mão.

**Pannal**, *s. m.*, panno cheio, em sentido figurado, serie de palavras, discurso.

**Panno**, *s. m.*, panno de muro, lanço, parte de muro mais ou menos em linha recta.

**Panorama**, *s. m.*, espaço mais ou menos extenso da superficie da terra que se vê dum ponto elevado, em torno do espectador.

**Parcial**, *adj. e s.*, que segue um partido.

**Parricida**, *adj. e s.*, que mata o proprio pae ou mãe.

**Partida**, *s. f.*, batalhão, pequeno corpo de exercito.

**Partido**, *s. m.*, *dar-se a* —, render-se, entregar-se ao inimigo sob certas condições.

**Pathetico**, *adj.*, que commove, sensibilisa muito.

**Patrimonio**, *s. m.*, o que se herda dos paes, da familia.

**Peitar**, *v. a.*, corromper com dadas.

## POL

- Peloponeso**, *s. m.*, a península meridional da Grécia, separada hoje do norte daquelle país pelo canal de Corintho, e chamada modernamente Morea.
- Perito**, *adj.* e *s.*, experimentado, sabedor.
- Pernes**, *s. m. n. pr.*, villa a 17 kilometros de Santarem.
- Phenicio**, *adj.* e *s.*, nome dum povo estabelecido na costa da Syria, aparentado com os judeus e arabes, cujas cidades mais importantes foram Tyro e Sidonia. Os phenicios foram um povo muito notavel na industria, commercio e navegação; tiveram \* colonias na Hispanha,— Lisboa é talvez uma fundação delles; e inventaram a escripta puramente alphabetica de que deriva por meio do alphabeto dos gregos e dos romanas a que ainda hoje usamos.
- Phrygia**, *s. f.*, país antigo do centro da Asia Menor, cujo ultimo rei foi Midas (seculo vii antes de Christo; vid. nota ao n.º 4); passou depois a diversos dominadores.
- Pinturesco**, *adj.*, que é como pintura; que offerece bella paisagem. Diz-se tambem pittoresco.
- Pisão**, *s. m.*, nome dum general romano (Calpurnio —), que em 154 A. C. foi derrotado pelos lusitanos sob o commando de Punico. Vid. \* Manilio.
- Pista**, *s. f.*, vestigio, rasto.
- Planta**, *s. f.*, a superficie inferior do pé, que assenta no chão; extensivamente, o pé.
- Plinio**, *s. m. n. pr.*, escriptor romano que escreveu ácerca da Hispanha, onde esteve, e que falleceu no anno 79 indo observar a erupção do Vesuvio, vulcão perto de Napoles, erupção que sepultou sob a sua lava duas cidades.
- Poldro**, *s. m.*, cavallo pequeno e de pouca idade.
- Politica**, *s. f.*, sciencia e arte do governo dos estados. O *adj. po-*

## PSA

- litico* significa muitas vezes o mesmo que publico, que respeita aos negocios publicos.
- Pompeu**, *s. m. n. pr.*, general romano, genro de Julio Cesar, por quem, depois duma vida cheia de campanhas gloriosas, foi vencido em Pharsalo, sendo depois assassinado no Egypto. (48 A. C.).
- Porfido**, *s. m.*, o mesmo que porphyro, nome duma pedra de varias côres, susceptivel de ser bem polida.
- Posidonio**, *s. m. n. pr.*, sabio e viajante grego, natural de Apameia, na Syria, o qual viveu no i seculo A. C. e veiu á nossa península, onde colheu muitas noticias ácerca dos lusitanos. Vid. \* Estrabão.
- Postigo**, *s. m.*, porta pequena.
- Preia**, *s. f.*, presa; em especial animal de que outro se apodera para o devorar.
- Preito**, *s. m.*, *fazer*, *prestar preito e homenagem* ou *menagem*, jurar fidelidade, vassallagem a um rei, a um senhor; jurar defender uma fortaleza e entregá-la só ao seu senhor.
- Pretor**, *s. m.*, magistrado romano encarregado principalmente da administração da justiça.
- Propretor**, *s. m.*, pretor duma provincia romana.
- Prodigalidade**, *adj.*, qualidade do que é prodigo. Gasto excessivo.
- Prodigio**, *s. m.*, coisa maravilhosa, inexplicavel.
- Prodigo**, *adj.* e *s.*, que gasta sem regra nem medida.
- Propheta**, *s. m.*, varão santo do povo hebreu, que predizia o futuro por inspiração celeste e doutrina esse povo.
- Proscripto**, *adj.* e *s.*, expulso da patria.
- Protrahir**, *v. a.*, deixar para mais tarde.
- Psalmo**, *s. m.*, nome de canticos sagrados que se encontram no Antigo Testamento. (Vid. \* *Es-crituras.*)



## REA

- Pugilato**, *s. m.*, lucta á punhada, a murro.  
**Punico**, *adj.*, de Carthago, dos cartagineses.  
**Purpura**, *s. f.*, materia corante que se extrahê dum marisco; estofo, vestido de grande valor.

## Q

- Quadrella**, *s. f.*, lança de muralha.  
**Quadrello**, *s. m.*, arma de arremesso que consistia num cabo com um ferro de quatro faces, terminando em ponta.  
**Quarto d'alva**, era o quarto ou vigia que se seguia ao da \**modorra*. A primeira vigia chamava-se *quarto de prima*.  
**Quartos da lua**, os diferentes aspectos, phases desse astro: lua nova, quarto crescente, lua cheia, quarto minguante, na linguagem do povo. Propriamente dá-se o nome de *quarto* só á segunda e á quarta phase.

## R

- Raça**, *s. f.*, com relação aos homens, variedade que apresentam relativamente á côr da pelle, do cabello, fórma e disposição deste, e outras particularidades mais. As raças mais conhecidas são a branca, a que pertencem a maior parte dos povos da Europa, a negra, a que pertencem a maior parte dos povos da Africa, e a amarella, a que pertencem os chineses e muitos outros povos da Asia. *Raças* designa muitas vezes povos mais ou menos distinctos, ainda que pertencendo todos a uma daquellas grandes divisões da humanidade; assim se falla da raça cartaginesa, raça judaica, raça portuguesa.  
**Real**, *s. m.*, antigamente era uma moeda, que teve diversos valores, e não a simples unidade monetaria.

## ROM

- Rebellar**, *v. a.* ou *n.*, fazer levantar-se contra a auctoridade.  
**Reciprocidade**, *s. f.*, qualidade do que se faz por igual dum individuo para outro e deste para com aquelle ou entre varios individuos. *Reciprocidade religiosa*; respeito ou tolerancia mutua pela religião de cada um.  
**Recontro**, *s. m.*, combate, lucta.  
**Regimento**, *s. m.*, conjuncto de ordenações, leis, disposições.  
**Reliquia**, *s. f.*, resto.  
**Renegado**, *adj.* e *s.*, que deixou uma crença religiosa por outra.  
**Republica**, *s. f.*, estado bem ordenado segundo os interesses de todos; governo favoravel aos interesses de todos. Estado que tem um chefe de eleição popular.  
**Roble**, *s. m.*, carvalho, arvore.  
**Rolda**, *s. f.*, ronda, officiaes e soldados encarregados de irem vigiar, ao fim de certos intervallos, os postos e atalaias.  
**Roma**, *s. f.*, cidade na Italia central, nas margens do rio Tibre. Segundo a lenda, Romulo, filho do deus \**Marte*, vindo de Alba Longa, cidade fundada por Eneas, troiano que escapou da destruição da sua patria (vid. n.º 21), lançou os alicerces de Roma no anno 753 A. C. Depois de ter sido a simples capital de Lacio, um territorio de 272 kilometros quadrados, essa cidade chegou a ser a capital dum enorme imperio que se extendia pela Europa, approximadamente até aos rios Danubio e Rheno, pela Africa septentrional e parte consideravel da Asia. O nome de romanos, que primeiro designava os habitantes de Roma, foi dado a todos os cidadãos do imperio. Roma teve guerras seculares para manter a sua independencia e alargar o seu territorio. O seu governo foi primeiramente \**monarchico*: teve reis de 753 a 510; depois até \**Augusto* foi

## SUB

\*republica; e com aquelle politico começou o imperio, que termina com Romulo Augustulo, em 476 da era christã, quando a cidade foi tomada por Odoacro, rei \*bárbaro. Mas sobreviveram importantes restos da \*civilização romana, que são ainda elementos da nossa.

**Romano**, *adj.* e *s.*, vid. \*Roma.

**Roqueiro**, *adj.*, que assenta em roca, rocha.

**Ruptura**, *s. f.*, rompimento de paz, de boas relações.

## S

**Sago**, **Sagum**, *s. m.*, veste por cima da armadura, que descia só até aos joelhos.

**Saio**, *s. m.*, vid. \*Sago.

**Santa-Cruz**, *n.º* 33. Mosteiro celebre de Coimbra, fundado por Affonso Henriques.

**Seio d'Abraão**, *Vid.* \*Abraão.

**Seculo**, *s. m.*, espaço de cem annos. *N.º* 8: o mundo, a vida presente, por opposição ao ceu, á vida eterna.

**Selva**, *s. f.*, bosque, floresta.

**Sensualidade**, *s. f.*, prazer dos sentidos, como o que dá a comida e a bebida.

**Sertanejo**, *adj.*, diz-se dos lugares agrestes distantes dos lugares cultos ou da costa marítima.

**Sinistro**, *adj.*, que é de mau agoiro.

**Sítio** *s. m.*, *nr.* 17: situação, posição, condição de logar.

**Sociedade**, *s. f.*, companhia, reunião de homens que estão sujeitos a leis communs, reconhecem os mesmos chefes.

**Soterrar**, *v. a.*, metter na terra, debaixo da terra. Hoje diz-se mais commummente *enterrar*.

**Souto**, *s. m.*, mata, principalmente de castanheiros.

**Suão**, *s. m.*, vento quente de leste.

**Subjugar**, *v. a.*, propriamente submetter ao jugo ou canga; sujeitar, dominar.

## VAS

**Sumptuosidade**, *s. f.*, coisa cara, muito valiosa.

## T

**Tedio**, *s. m.*, enfado, aborrecimento.

**Thessalia**, *s. f. n. pr.*, parte da Grecia septentrional, ao sul do monte Olympo, a leste do monte Pindo.

**Thetis**, *s. f. n. pr.*, filha de Nereu, divindade do mar, e esposa de Peleu.

**Titubear**, *v. n.*, hesitar, ficar sem saber o que ha de fazer.

**Tonsurar**, *v. a.*, dar (o bispo) o corte no cabello do clérigo. *Tonsurado* é *syn.* de sacerdote, padre, frade.

**Torvo**, *adj.*, que causa terror.

**Treguas**, *s. f. pl.*, intervallo na guerra, em que deixa de haver combates. *Cessação* temporaria de perseguição.

**Tribu**, *s. f.*, divisão do povo entre os antigos hebreus, romanos e outros povos. Pequeno povo, com forma simples de governo.

**Tropel**, *s. m.*, multidão tumultuosa, grupo d'homens que caminham em tumulto.

## U

**Ulterior**, *adj.*, que fica do lado dalem com relação ao que falla. *Hispanha ulterior*, a parte da Hispanha mais afastada de Roma.

**Usurpador**, *s. m.*, o que se assenhoreia dum titulo ou dum logar que legitimamente lhe não pertencia.

## V

**Varonil**, *adj.*, proprio de homem; forte, valente.

**Vascões**, *s. m. pl.*, nome dum povo da Hispania de nordeste, que corresponde talvez em parte aos

## VUL

bascos modernos. Diz-se tambem *vasconios*.

**Vassallo**, *s. m.*, o que depende dum senhor; subdito.

**Verba**, *s. f.*, artigo duma escriptura.

**Vesgo**, *adj. e s.*, que não póde dirigir os dois olhos para um mesmo ponto ao mesmo tempo. O povo ciê que os vesgos não são geralmente leaes.

**Vettões**, *s. m. pl.*, nome dum povo da parte oriental da antiga Lusitania, entre o Tejo e o Douro.

**Vinculo**, *s. m.*, laço, ligação.

**Viriato**, *s. m. n. pr.* Vid. n.º 29.

**Virovão**, *s. m.*, especie de setta grande.

**Visagem**, *s. f.*, careta.

**Vulcano**, *s. m. n. pr.*, deus do fogo, ferreiro divino. (Vid. \*Jupiter.) Tendo nascido feio e disforme, Juno, sua mãe, precipitou-o do Olympo e elle foi cair na ilha de Lemnos, ficando coxo. Quando apparecia no ceu, nos

## ZAM

concilios dos deuses, coxeando, despertava o riso dos immortaes.

## W

**Waldemares**, *s. m. pl. n. pr.*, reis de Dinamarca, Waldemar I, II, e III, etc.; a familia, a dynastia a que pertenciam.

**Witiza**, *s. m. n. pr.*, penultimo rei do imperio wisigothico de Hispanha, o qual se assignalou pelas suas crueldades. Rodrigo, a cujo pae aquelle tyranno fizera arrancar os olhos, fê-lo descer do throno, infligiu lhe o mesmo supplicio e tomou as redeas do governo.

## Z

**Zama**, *s. f.*, antiga cidade da Africa a sudoeste de \*Carthago, em que Scipião o Africano venceu Annibal (202 A. C.)

**Zambujo**, *s. m.*, azambujeiro, arvore chamada tambem oliveira brava.

## NOTAS

### Ao n.º 3

Um conto pouco differente do *Ovo partido* foi escripto pelo monge de Alcobaça fr. Hermenegildo de Tancos, auctor do n.º 6. Os contos que o nosso povo repete são em geral muito antigos.

### Ao n.º 4

Sem differença essencial o conto do *Principe com orelhas de burro* foi narrado pelo poeta latino Ovidio na sua obra *Metamorphoses*, liv. xi, v, 146-193, que os alumnos hão de conhecer no III anno do curso dos lyceus. Quem alli figura com as orelhas asininas é Midas, rei da \*Phrygia (Asia Menor). O povo emprega a expressão *principe com orelhas de burro* para significar um segredo, um defeito que em vão se pretende occultar.

### Ao n.º 9

O povo faz figurar Jesus Christo e S. Pedro em varias historias e lendas, em que substituíram personagens indeterminadas ou profanas.

### Ao n.º 10

Contam-se lendas semelhantes noutros paises, e dalgumas dellas se reconhece que por somno dos rios se designa o estado de congelação delles no inverno.

### Ao n.º 12

A lua é um grande globo, 49 vezes mais pequeno que a terra, e as sombras que lá vemos são projectadas por montanhas. O povo explica assim muitas vezes por actos relativos a personagens imaginarios os factos da natureza de que não póde dar explicação verdadeira.

### Ao n.º 17

Vide \*Noe no vocabulario final. A *Lenda da fundação de Setubal* por Tubal originou-se da similhaça de nomes, suppondo-se falsamente que o antigo nome daquella povoação era *Cethubala*, explicado pelo

latim *coetum Tubalis*, ajuntamento de Tubal. Parece, porém, que Setubal corresponde a *Cetobriga*, nome duma antiga cidade nas margens do Sado.

#### Ao n.º 23

A *Lenda da fundação de Lisboa* por Ulysses foi inventada também por se suppor haver relação entre os nomes de Ulysses e Olisippo, como se dizia na antiguidade o nome da cidade hoje capital do nosso reino. Chegou-se a inventar que a filha de Gargoris (veja-se o n.º 18) era Calypso (veja-se o n.º 22) e Habide filho dessa nympha e de Ulysses. Suppunha-se que nos poemas de Homero se fazia allusões numerosas á península hispanica e até á região do occidente em que fica Portugal.

Hoje pensa-se que, navegando os \*phenicios por estas partes, delles passassem algumas noticias até aos gregos já na epocha em que se compuseram aquelles poemas.

Mais tarde como alguns costumes dos lusitanos (veja-se o n.º 26) lembravam os dos gregos, como nomes diversos desta região eram um tanto semelhantes a nomes d'heroes da Grecia que tinham combatido contra os troianos, como Ulysses, chegaram os antigos a crer que tinham cá vindo parar muitos gregos e que os descendentes destes tinham povoado esta faixa occidental da península de norte a sul. Referia-se que na Galliza havia um logar Amphiloco que lembrava o nome identico dum filho d'Amphiarao, companheiro d'Hercules na expedição deste heroe contra os troianos (veja-se \*Hesiona). O nome *Tude*, hoje Tuy, dizia-se ter sido dado á cidade da Galliza, que designa, por \*Diomedes, para commemorar Tydeu, pae deste caudilho grego. Teucro, filho de Telamon e de \*Hesiona, depois de varias aventuras, teria vindo também parar á Galliza. \*Hercules terminara os seus trabalhos no estreito que delle derivou o nome (hoje estreito de Gibraltar) e viria a ser rei de Hispanha. Pretendia-se ainda que o nome de Lusitania provinha de Luso, filho ou companheiro do deus Baccho, adorado pelos romanos, e, sob o nome de Dionyso, pelos gregos, e tido por inventor da cultura da vinha e preparação do vinho, invenção que é porém attribuida pelas \*Escripturas a \*Noe.

Pretendeu-se primeiro que a cidade fundada por Ulysses e chamada Ulyssea ou Odyssea ficava na Hispanha para oriente do Estreito.

#### Ao n.º 59

No apologo *O cavallo e o toiro* os versos: «Não é a mim que um caloiro picador verás montado», offerecem uma construcção, que, embora imposta pela medida do verso, se explica por modos de dizer como: *não será a mim que tu veras fazer tal coisa*; todavia naquelle caso era mais correcto dizer: não é em mim que um caloiro picador verás montado.

## APPENDICE

---

### Factos capitaes da historia da peninsula até 1128

Migração dos iberos . . . . .	— Epoque desconhecida.
Colonias phenicias . . . . .	— A partir do seculo XII A. C. ?
Migração celtica . . . . .	— Anterior ao seculo V A. C.
Colonias gregas . . . . .	— A começar no seculo VI A. C.
Sujeição ao dominio romano :	
Hispania oriental e meridional . . . . .	205 A. C.
Lusitania . . . . .	138 A. C.
Cantabria . . . . .	24 A. C.
Invasão dos alanos, suevos e vândalos . . . . .	409 P. C.
Invasão dos visigodos . . . . .	414 P. C.
Invasão dos arabes . . . . .	711 P. C.
Começo do governo de D. Affonso Henriques . . . . .	1128 P. C.



## INDICE DA PRIMEIRA PARTE

### SECÇÃO PRIMEIRA. — PROSA

#### Contos tradicionaes com fôrma popular :

	Pag.
1. O depositario infiel .....	1
2. O abbade e o moleiro .....	4
3. O ovo partido.....	4
4. Principe com orelhas de burro.....	6
5. A mão do almofariz.....	8

#### Contos tradicionaes com fôrma litteraria :

6. Os quatro ladrões. <i>Fr. Hermenegildo de Tancos</i> .....	11
7. O real bem ganhado. <i>G. Fernandes Trancoso</i> .....	13
8. A cubiça castigada. <i>João de Barros</i> .....	16

#### Lendas populares :

9. S. Pedro e a ferradura.....	17
10. Lenda do Tejo, Douro e Guadiana.....	18
11. Lenda dos ferreiros.....	18
12. Lenda das manchas da lua.....	19

#### Apologos com fôrma litteraria :

13. Apologo do lobo e do cordeiro. <i>Padre Manuel Bernardes</i> .....	20
14. Apologo das panellas. <i>Padre Manuel Bernardes</i> .....	21

#### Parabolas biblicas :

15. O filho prodigo. <i>J. B. de Castro</i> .....	21
16. O rico avarento. <i>J. B. de Castro</i> .....	23



## Lendas da antiguidade :

17. Lenda da fundação de Setubal. <i>Fr. Bernardo de Brito.</i>	24
18. Lenda de Habide. De <i>Justino</i> .....	25
19. Causas da guerra de Troia. <i>Fr. Bernardo de Brito</i> ....	26
20. Achilles no cêrco de Troia. Resumo da Iliada.....	28
21. O cavallo troiano.....	29
22. A volta de Ulysses. Resumo da Odyssea.....	30
23. Lenda da fundação de Lisboa por Ulysses. <i>Fr. Bernardo de Brito</i> .....	33

## Historia da antiga Lusitania :

24. A Lusitania e Portugal. <i>A. Herculano</i> .....	34
25. Os carthagineses na península iberica. <i>A. Herculano</i> ...	36
26. Os lusitanos. <i>Gabriel Pereira</i> (de Estrabão).....	37
27. Conquista da península iberica pelos romanos. <i>A. Herculano</i> .....	39
28. Viriato. <i>A. José Viale</i> .....	41
29. Sertorio. <i>A. José Viale</i> .....	42
30. Invasões dos barbaros do norte. <i>M. A. Coelho da Rocha</i>	44

## Historia medieval :

31. Conquista da península pelos mussulmanos. <i>A. Herculano</i> .....	45
32. Devoção heroica de Egas Moniz. <i>A. Herculano</i> .....	48
33. Tomada de Santarem por D. Affonso Henriques. <i>A. Herculano</i> .....	49
34. Lenda do cavalleiro Henrique .....	51
35. Alcacer do Sal no seculo XII. <i>A. Herculano</i> .....	52
36. Antigas relações entre Portugal e os países escandinavos. <i>Luciano Cordeiro</i> .....	53
37. Deusadeu Martins. <i>I. de Vilhena Barbosa</i> .....	54
38. O castello de Faria. <i>A. Herculano</i> .....	57

## SECÇÃO SEGUNDA. — POESIA

## Poesia lyrica :

## a) Religiosa :

39. Invocação a Deus antes de começar o estudo. <i>Visconde de Castilho</i> .....	63
40. Ave Maria. <i>Francisco Palha</i> .....	64
41. Maria. <i>João de Deus</i> .....	65
42. Infancia. <i>Visconde de Castilho</i> .....	65

## b) Profana :

43. Miséria. <i>João de Deus</i> .....	67
44. Canção do lavrador. <i>Popular</i> .....	68
45. Innocências. <i>Quintino Bocayuva</i> .....	69
46. Filho e mãe. <i>F. Gomes de Amorim</i> .....	70
47. A esmola do pobre. <i>Julio Diniz</i> .....	73
48. A orphã na costura. <i>L. J. Junqueiro Freire</i> .....	75

## Apologos :

49. O velho, o rapaz e o burro. <i>Curvo Semedo</i> .....	77
50. O velho e seus filhos. <i>Henrique O'Neill</i> .....	79
51. O lavrador e seus filhos. <i>Couto Guerreiro</i> .....	80
52. O Sol e o Vento. <i>Couto Guerreiro</i> .....	81
53. A lua e o sol <i>Augusto Luso da Silva</i> .....	82
54. A videira e o carvalho. <i>Augusto Luso da Silva</i> .....	84
55. O macaco. <i>Pimentel Maldonado</i> .....	86
56. O tigre e a doninha. <i>Bocage</i> .....	87
57. O lobo e a ovelha. <i>Bocage</i> .....	89
58. Os cães domesticos e o cão montanhês. <i>Bocage</i> .....	91
59. O cavallo e o toiro. <i>Henrique O'Neill</i> .....	92
60. O cão nadando. <i>Silveira Mathão</i> .....	93
61. Passarinho solto <i>Marqueza d'Alorna</i> .....	94
62. O pavão, os perús e o gato. <i>Henrique O'Neill</i> .....	94
63. O cysne e os dois gansos. <i>Pimentel Maldonado</i> .....	96
64. O corvo e o rouxinol. <i>Bocage</i> .....	97
65. O lobo e o milhafre. <i>Pimentel Maldonado</i> .....	100
66. A cigarra e a formiga. <i>Curvo Semedo</i> .....	100

18





5

À venda na livreria de:

M. GOMES, LIVREIRO-EDITOR

70 — Rua Garrett (Chlado) 72 — LISBOA

Livros adoptados para o ensino secundario

1896-1897

**Lingua e litteratura portugueza**

- Leituras portuguezas*, por Adolpho Coelho. 1.<sup>a</sup> parte, Lisboa, 1896.  
*Leituras portuguezas*, por Adolpho Coelho. 2.<sup>a</sup> parte, Lisboa, 1896.  
*Grammatica portugueza elemental*, por A. Epiphanio da Silva Dias. Nova edição, 1894, Lisboa.  
*Nova selecta portugueza*, por J. M. Moreira e J. M. Correia. 2.<sup>a</sup> edição, Porto.  
*Noções elementares de stylistica*, por Arsenio Augusto Torres de Mascarenhas. 7.<sup>a</sup> edição, Lisboa.  
*A lingua portugueza. Noções de glottologia geral e especial portugueza*, por F. Adolpho Coelho. 2.<sup>a</sup> edição, Porto.  
*Manual da composição litteraria—Didactica—Rethorica—Poesia*, por J. Simões Dias. 5.<sup>a</sup> edição, Lisboa.  
*Theoria da litteratura*, por Delfim Maria de Oliveira Maia. 3.<sup>a</sup> edição, Porto.  
*Historia da litteratura*, por Delfim Maria de Oliveira Maia. 2.<sup>a</sup> edição, Porto.

**Lingua latina**

- Grammatica latina*, por Moreira e Correia. 1.<sup>o</sup> anno, 1896.  
*Grammatica latina*, por Moreira e Correia. 2.<sup>o</sup> anno, 1896.  
*Exercicios de latin*, por Moreira e Correia. 1.<sup>o</sup> anno, 1896.  
*Eutropius*, annotado por A. Epiphanio da Silva Dias. 7.<sup>a</sup> edição, Porto.  
*Cornelius Nepos*, annotado por A. Epiphanio da Silva Dias. Lisboa, 1895.  
*P. Vergili Maronis opera*, obras annotadas por João M. Moreira e João M. Correia. Porto, 1894.  
*Phaedrus*, annotado por A. Epiphanio da Silva Dias. 4.<sup>a</sup> edição, Lisboa.

**Lingua franceza**

- Grammatica franceza*, por Jacob Bensabat. 1.<sup>a</sup> edição, Lisboa, 1896.  
*Grammatica franceza*, por J. Eduard von Hafe e A. Epiphanio da Silva Dias.  
*Nova selecta franceza*, por Jacob Bensabat. Porto, 1887.  
*Primeiras lições de traducção da lingua franceza*, por Domingos d'Ázevedo. Lisboa, 1896.

**Lingua ingleza**

- Grammatica da lingua ingleza*, por Julio Moreira. 3.<sup>a</sup> edição, Porto.  
*Selecta ingleza*, por Northway do Valle.

**Lingua allemã**

- Grammatica da lingua allemã*, por Francisco Xavier Humberto Muller. Porto, 1890.  
*Selecta graduada de trechos em prosa e em verso allemães*, por Francisco Xavier Humberto Muller.

**Philosophia**

*Curso de philosophia elemental*, por Costa e Almeida. Porto, 1895.

**Historia e geographia**

- Biographias, apreciações e narrativas*, por Arsenio de Mascarenhas. Lisboa, 1896.  
*Resumo da historia de Portugal*, por M. Pinheiro Chagas.  
*Estudo elementarissimo dos povos orientaes*, por Jayme Moniz. Lisboa, 1896.  
*Geographia geral*, coordenada por José Nicolau Raposo Botelho. 9.<sup>a</sup> edição, Porto.  
*Atlas escolar*, de Herman Wagner. Edição de Justus Perthes, de Gotha, 1895.  
*Compendio de historia universal*, por Z. Consiglieri Pedroso. 4.<sup>a</sup> edição, Lisboa.  
*Curso de geographia*, por Raposo Botelho. Classe 1.<sup>a</sup> e classe 2.<sup>a</sup> Lisboa, 1896.

**Sciencias mathematicas**

- Tratado elemental de arithmetica*, por Luiz Porfírio da Motta Pegado. 4.<sup>a</sup> edição, Lisboa.  
*Elementos de algebra*, por Augusto José da Cunha. 6.<sup>a</sup> edição, Lisboa.  
*Tratado elemental de cosmographia*, por José Adelino Serrasqueiro. Coimbra, 1893.  
*Tables de Logarithmes, à sept décimales*, por J. Dupuis. Paris, 1891.  
*Tratado de geometria elemental*, por José Adelino Serrasqueiro. 9.<sup>a</sup> edição, Coimbra.  
*Curso da trigonometria rectilinea*, por José Manuel Rodrigues. Porto, 1895.  
*Arithmetica pratica*, por Augusto José da Cunha. 6.<sup>a</sup> edição, Lisboa.

**Physica e chimica — Historia natural**

- Curso elemental de botanica*, por Pereira Coutinho. Lisboa, 1896.  
*Tratado de physica elemental*, por Francisco Ribeiro Nobre. Porto, 1895.  
*Elementos de chimica*, por Adriano Augusto de Piva Vidal e Carlos Augusto Moraes de Almeida. 2.<sup>a</sup> edição, Lisboa.  
*Elementos de zoologia*, coordenados por Maximiano de Lemos. 2.<sup>a</sup> edição, Porto.  
*Elementos de botanica*, por Antonio Xavier Pereira Coutinho.  
*Elementos de geologia*, por A. J. Gonçalves Guimarães. Coimbra, 1895.

**Desenho**

- Compendio de desenho linear elemental*, por José Miguel de Abreu. 2.<sup>a</sup> parte, 10.<sup>a</sup> edição, Coimbra.  
*Compendio de desenho linear elemental*, por José Miguel de Abreu. 2.<sup>a</sup> parte. Supplemento. 3.<sup>a</sup> edição, Coimbra.  
*Problemas de desenho linear rigoroso*, por José Miguel de Abreu. 1.<sup>a</sup> parte, 8.<sup>a</sup> edição, Coimbra.











This book should be returned to  
the Library on or before the last date  
stamped below.

A fine of five cents a day is incurred  
by retaining it beyond the specified  
time.

Please return promptly.

~~DUE MAR 23 '33~~

~~DUE JUL 27 '33~~

